Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 636
Dezembro 1984
Segunda-feira

17

30$00

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos

Lopes primeiro em Roterdão

Depois de Los Angeles o campeoníssimo português Carlos Lopes fez uma breve «passagem» em Chicago para evidenciar as suas notáveis e reconhecidas potencialidades, seguindo-se as tréguas para acorrer às sucessivas homenagens. Eis que Carlos Lopes retorna à competição e ontem nos arredores de Roterdão venceu categoricamente o Corta-Mato Internacional de Duindigt.

pág. 16

Até 1990

Só Almada precisa de 30 mil casas

Almada é um concelho apetecido, às portas de Lisboa, os areais do turismo e um forte desenvolvimento industrial. As carências habitacionais são, contudo, evidentes, apesar do forte crescimento urbano registado nos últimos anos. As necessidades, neste domínio, para os próximos cinco anos, estão calculadas, pela autarquia, em 30 mil fogos, sendo que existem actualmente 43 444 alojamentos, dos quais 3929, a título de exemplo, nem sequer têm casa de banho.

Pág. 9

• PSD: o espectáculo da grande divisão

• Cnarpe: pronta para quaisquer eleições

• Inter: novas acções depois de sábado

Págs. 2, 4 e 5

Mitterrand admite referendar alargamento da CEE

Mitterrand admitiu ontem poder submeter a questão da adesão dos países ibéricos à CEE a um referendum interno em França, à semelhança do que fizera o Presidente Pompidou em 1972, quando da entrada da Grã-Bretanha, Dinamarca e Irlanda. O Presidente francês disse não ter ainda tomado uma decisão definitiva sobre esta matéria mas garantiu não se coibir de o fazer se o entender conveniente para os franceses.

É a primeira vez que algum responsável comunitário faz alusão ao referendum, expediente que não deixará de atrasar o alargamento se não o inviabilizar, definitivamente, dada a notória hostilidade de boa parte da opinião pública francesa, nomeadamente do mundo rural.

Se os jovens pudessem...

Luísa Silva, 18 anos, estudante

«Se houvesse solução seria drástica»

– O que estuda?
– Estou no primeiro ano da Faculdade em matemática aplicada.
– Porque escolheu esse curso?
– Porque gosto.
– Como vê a presente política de ensino?
– Está péssima.
– Porque afirma isso?
– Não há organização nenhuma.
– Pratica desporto?
– Não.
– Porquê?
– Não sei.
– Como está este país?
– Está péssimo.
– Em quê?
– Acho que se vê. Nota-se bem em tudo.
– O que está pior?
– Sei lá. Está tudo tão mal.
– Encontra alguma solução para os problemas dos portugueses?
– Se encontrasse solução seria muito drástica.
– Como?
– Isso agora . . . Não sei nada no campo da política.
– Pensa que os portugueses estão alheios à sua própria realidade?
– Acho que sim.
– E isso deve-se a quê?
– Sei lá. A falta de respeito de uns pelos outros.
– Gosta de música?
– Gosto de rock.
– E de música popular portuguesa?
– Há alguma que é boa.
– Costuma ouvir?
– Quando calha.
– Como ocupa os tempos livres?
– Estudo.
– Não vai ao cinema ou ao teatro?
– De vez em quando vou ao cinema, mas ao teatro é raríssimo. Ligo pouco a teatro.
– Que filmes gosta mais de ver?
– Aqueles que têm boas críticas.
– Vê cinema português?
– Não vejo. Nunca calhou ver.
– O que pensa da mentalidade portuguesa?
– É má. As pessoas são egoístas. Só vêem os seus próprios problemas.

Um aspecto do desfile da manifestação que decorreu em Lisboa no sábado, por uma «vida digna, pelo trabalho e pelas liberdades». (Foto de João Silva)

Nas manifestações de sábado

Muitos milhares exigiram novo Governo e uma nova política

Muitos milhares de pessoas descontentes com a situação económica, política e social que actualmente se vive no nosso país, manifestaram-se no sábado à tarde, exigindo a demissão do Governo PS/PSD. As manifestações por uma «vida digna, trabalho e liberdades», decorreram em Lisboa, Montemor-o-Novo, Leiria, Aveiro e Viseu.

Em Lisboa, onde segundo estimativas da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) mais de cem mil pessoas participaram na manifestação promovida pela CGTP-IN, das resoluções aprovadas foi salientada a necessidade de «medidas urgentes e eficazes para se pôr cobro à desumana situação em que se encontram muitos milhares de trabalhadores com salários em atraso».

A manifestação iniciou-se no Marquês de Pombal e dirigiu-se para o Rossio, onde decorreu um comício, não obstante a chuva que persistia em cair. «O Pinto mais o Mário roubam-nos o salário», foi a palavra de ordem mais gritada.

Perante a multidão que se reuniu no Rossio, Manuel Lopes, da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN, proferiu um discurso em que revelou os objectivos por que lutam os trabalhadores portugueses: «A demissão do actual Governo e a contribuição para uma nova política e um novo Governo que responda aos problemas colectivos».

«Ao fim de um ano e meio de Governo PS/PSD o País encontra-se economicamente paralisado e a dívida externa duplicou, constituindo 87 por cento da produção nacional anual» – começou por afirmar o dirigente sindical, ao caracterizar a situação económica do País.

Reina a desmotivação

«O aparelho produtivo não só está subaproveitado como é criminosamente desmantelado – afirmou, acrescentando: «As empresas públicas são violentamente atacadas e muitas delas estranguladas. Milhares de empresas privadas, nomeadamente pequenas e médias arruinam-se e abrem falência. A Reforma Agrária é atacada. Reina a desmotivação num país em crise acelerada e que tanto carece de mais produção e mais investimento».

Manuel Lopes disse que «a corrupção, o contrabando, o suborno, o compadrio, a evasão fiscal e a fraude fiscal, por parte do patronato, generalizou-se. Os patrões violam, na mais completa impunidade, as leis em vigor, não pagando salários, não pagando a Segurança Social e ao Fundo de Desemprego, não pagando à banca, etc.»

O dirigente da CGTP criticou também o aumento das despesas do Estado com os deputados e os governantes, «quando o custo de vida em Portugal se tornou o maior da Europa».

Manuel Lopes referiu-se às consequências sociais da política seguida pelo Governo interrogando:

«Que país do mundo tem 150 mil trabalhadores que produzem e não recebem o salário?». Que autoridade moral tem o Primeiro-Ministro Soares quando vem dizer, como o fez há dias, que «Portugal é um dos raros países do Mundo onde os direitos do homem são em absoluto respeitados?»

Mas, «mais escandaloso ainda», segundo Manuel Lopes, «é haver também cerca de 600 mil desempregados, dos quais a grande maioria não recebe subsídio de desemprego, é generalizarem-se, cada vez mais, os contratos a prazo e o trabalho precário, é existirem centenas de milhares de reformados e pensionistas a viver na miséria, é o galopante aumento do custo de vida (o maior em toda a Europa), é o drama de milhares de famílias a passsarem fome e, entretanto, o Governo a fazer aprovar aumentos para os governantes e os deputados que fazem subir os seus ordenados quase para o dobro».

«Se isto é respeitar os direitos do homem – sublinhou – então há qualquer coisa que não está no lugar certo: ou são os direitos ou são os homens».

«Democracia está em perigo»

Os manifestantes reunidos no Rossio aprovaram uma resolução em que afirmam que «a democracia está em perigo» e define algumas acções de luta a curto prazo. O documento contém ainda críticas aos órgãos de Comunicação Social, designadamente os estatizados e em especial a RTP, ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa e ao Governo Soares/Pinto.

A resolução, que reclama medidas eficazes para se pôr cobro à situação dos salários em atraso, reclama «a demissão urgente do Governo PS/PSD e sua substituição por um Governo capaz de pôr em prática uma nova política que assente no respeito pelo 25 de Abril e no cumprimento da Constituição».

Os manifestantes decidiram apoiar as iniciativas de solidariedade à luta dos trabalhadores sem salários, contra o desemprego, a fome e a miséria, nomeadamente a Praça Pública que se realiza no Rossio nos próximos dias 20 e 21; as vigílias (Setúbal, Almada, Barreiro, Seixal e Lisboa) e a Marcha da Fome, que os reformados realizam no dia 22.

A resolução manifesta à CGTP «a firme disposição e mobilização dos trabalhadores dos dois distritos (Lisboa e Setúbal) para levar por diante todas as formas de luta que sejam necessárias para fazer voltar Portugal aos caminhos do progresso, da Paz e do desenvolvimento social».

Porto

Por iniciativa da União dos Sindicatos do Porto (USP) é inaugurada ao fim da tarde de hoje, na Praça da Liberdade, no Porto, uma exposição sobre a situação social no distrito e a luta da população e dos trabalhadores por uma vida melhor.

A exposição estará patente alguns dias e constitui a primeira de um conjunto de iniciativas que prosseguem na quinta-feira, a partir das 15 horas, na Praça da Liberdade, com uma conferência de imprensa sobre o problema dos salários em atraso.

Na sexta-feira realiza-se uma concentração na mesma praça, seguida de um espectáculo de solidariedade.

CICLO DE DEBATES
SOBRE
PORTUGAL: INDEPENDÊNCIA NACIONAL EM QUESTÃO

Dias 19, 20 e 21 de Dezembro
21,30 Horas
CASA DA IMPRENSA
R. HORTA SECA, 20 (AO CAMÕES)

PROMOVIDO PELO SECTOR INTELECTUAL DE LISBOA DO PCP

DIA 19, 4. Feira:
A HISTÓRIA, A CULTURA, A IDENTIDADE
MESA: Ruben de Carvalho e Álvaro Mateus (do PCP). Natália Correia e António Vitorino de Almeida

DIA 20, 5. Feira:
A ECONOMIA, A TECNOLOGIA, O PROGRESSO
MESA: Carlos Carvalhas e Frederico Carvalho (do PCP) Armando Caeiro e José Manuel Rolo

DIA 21, 6. Feira:
A POLÍTICA EXTERNA, A GUERRA FRIA E A PAZ
MESA: Carlos Aboim Inglez e Rogério de Carvalho (do PCP) Fernando Piteira Santos e Major Vinício de Sousa

política de A a Z

Era uma vez "O Diabo"

O semanário "O Diabo", extinto nos alvores da década de 40 pela acção conjugada da Censura e da PIDE, fora fundado pelo jornalista Artur Inês e pelo caixeiro-viajante Horácio Virgílio da Cunha que a sorte bafejara inesperadamente. Um oportuno prémio de lotaria criou as condições financeiras que permitiram a Horácio Virgílio da Cunha converter-se em proprietário de um título que viria a ser prestigioso e de uma pequena oficina tipográfica que, quase exclusivamente, se ocupava da composição e impressão do semanário. Este, ao longo dos anos da sua publicação, sempre submetido ao «lápis-azul» da Censura, constituiu uma afirmação de inconformidade e de irreverência. No plano cultural foi uma trincheira de resistência.

As autoridades salazaristas consentiram a publicação de um semanário de literatura e crítica. E de literatura e crítica se tratava em «O Diabo» (o autêntico, o histórico), mas o elenco dos colaboradores recrutava-se entre intelectuais – jornalistas, escritores, artistas, homens de ciência, historiadores, pedagogos – que tinham tomado posição na «esquerda» da República ou alinhado com o movimento operário. Libertários, a seu modo, Artur Inês e Horácio Virgílio da Cunha. Aquele em contacto com os republicanos e chefiando a Redacção de o diário "República"; este, marcado pela ligação familiar com o meio operário da Marinha Grande. Ambos adversários lúcidos e intransigentes do «Estado Novo» e atribuindo à actividade na frente cultural as virtualidades de que uma oposição dispersa – antes, durante e depois da efémera experiência da «Frente Popular» – parecia destituída, uma vez encerrada, com a revolta de 26 de Agosto de 1931, o ciclo das tentativas militares de recuperação republicana.

Acusado o semanário de ser um órgão ao serviço daqueles que, na sua oposição ao regime do «Estado Novo», só pensavam regressar ao passado, logo Artur Inês repeliu o ataque definindo uma orientação prospectiva: a defesa dos princípios da Democracia e uma atitude de crítica independente, a apologia da democratização e da renovação culturais, não podia ser rotulada de «reviralhista». A corajosa réplica de Artur Inês intitulava-se: «Reviralhistas, não».

Artur Inês dirigiu «O Diabo» nos anos de 1934-1935. Na sucessão dos tempos exerceram o cargo de director do semanário: Rodrigues Lapa, Ferreira de Castro, Joaquim Madureira (Brás Burity), Adolfo Barbosa, Guilherme Morgado e, finalmente, Manuel Campos Lima. Com Joaquim Madureira, o verrinoso e verbalmente barroco Brás Burity, o semanário perdera interesse. Adolfo Barbosa, médico de profissão, não era um homem de letras. Liberal republicano, convidado a exercer a função num momento crítico, o director apagava-se perante o jornalista Cristiano Lima. Foi, então, que um grupo jovem, do qual, salvo erro, só (três) dos participantes, Mário Dionísio, Jorge Domingues e Alves Redol, tinham já publicado textos em "O Diabo", decidiu, aventurosamente, propor a Horácio Virgílio da Cunha, seu proprietário e editor, a remodelação do semanário. Desgostado com a actividade de Cristiano Lima, confiado na concordância do dr. Adolfo Barbosa, Horácio Virgílio da Cunha iniciou as conversações que levaram à constituição do grupo redactorial. Os dois primeiros redactores permanentes foram o Jorge Domingues (já falecido) e o Mário Dionísio.

A acção de aproximação e de instalação de intelectuais de uma nova geração em "O Diabo" tinha um sentido político, mas, ao contrário do que já foi afirmado, não teve origem numa «decisão política» de que alguns teriam sido o instrumento operacional. O acontecimento suscitou comentários e, como era inevitável, despertou reacções políticas. Colaboradores do semanário houve que se afastaram, novos amigos aderiram ao projecto que se delineava por uma renovação da actividade intelectual, uma luta contra o isolamento cultural, uma apologia da responsabilidade social dos escritores e dos artistas. Redigido por Jorge Domingues, o editorial que anunciava a nova fase tinha um título significativo: «Europeização». Mário Dionísio ia definindo e balizando a nossa concepção do «neo-realismo». Perante a guerra – e antes da invasão da URSS – Álvaro Cunhal preconizara, polemicamente: «Nem Maginot, nem Siegfried».

Na direcção de "O Diabo", ao médico Adolfo Barbosa sucederam o advogado Guilherme Morgado, e, finalmente, Manuel Campos Lima, nosso companheiro de actividades e de tertúlias. Dos cafés «Madrid», «Palladium», «Paulistana» e «Portugal» saíra a turma que, subiu a Calçada da Glória, e instalada na Redacção de "O Diabo", desencadeou uma entusiástica ofensiva cultural. Os vagos projectos e os generosos propósitos tinham voz pública. Os companheiros mais velhos – um João de Barros, um Tomás da Fonseca, um António Sérgio, um Bento de Jesus Caraça, um José Rodrigues Miguéis, um Abel Salazar – alinharam com o novo grupo de "O Diabo". Impossível referir aqui a centena de nomes dos que colaboraram em "O Diabo na última fase, na fase em que foi director o Manuel Campos Lima. Mas quem não sabe que Alves Redol e Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado e Álvaro Feijó, Soeiro Pereira Gomes e José Rodrigues Miguéis, Fernando Lopes Graça e Mário Dionísio foram colaboradores de "O Diabo"?

Foi o mérito de Manuel Campos Lima, aliás um dos colaboradores assíduos e a partir de certa altura redactor permanente, ter sabido apagar-se no exercício do cargo de director, participando no trabalho colectivo com um grande empenhamento, uma grande dedicação e uma grande modéstia. A sua intervenção na vida de "O Diabo" foi constante, perseverante, positiva. Ele garantiu, enquanto foi possível, sob o fogo cruzado da Censura que nos cortava prosa e poesia, e da imprensa reaccionária que nos apontava às feras , a continuidade de um trabalho cultural que deixou marcas no País.

O semanário morreu sob o gládio do obscurantismo salazarista. Manuel Campos Lima, licenciado em Direito, foi para o Algarve fazer advocacia. Em Portimão conquistou novos amigos. Foi candidato a deputado pela CDE,em 1969. As suas qualidades de carácter, a sua coerência e a sua firmeza políticas, a sua verticalidade de resistente antifascista – e, sem dúvida, a recordação do seu trabalho relevante em "O Diabo" – reuniram ontem, à sua volta, numa merecida e calorosa confraternização, dirigentes e activistas políticos, intelectuais e colegas.

Foi um acto cultural. Foi um acto político

ponto a ponto

• **O CDS** venceu ontem, as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Outeiro de Gatos, concelho de Meda, distrito da Guarda. O CDS obteve 110 votos, contra 12 da APU, a outra lista concorrente. Registaram-se ainda 12 votos nulos e 10 brancos. Em 337 eleitores inscritos votaram, pois, 144, cerca de 40 por cento. A anterior junta de freguesia, afecta também ao CDS, havia-se demitido, por diferendos com o presidente da Câmara de Meda, igualmente dos democratas-cristãos.

• O presidente do CDS, **Lucas Pires,** criticou ontem a gestão do governo do Bloco central e o recente acordo PS/PSD. Lucas Pires discursava na Golegã para militantes centristas, antes de reunir com os autarcas do seu partido no distrito de Santarém. Lucas Pires afirmou que o CDS concorrerá isolado às próximas autárquicas e fez um apelo à unidade do partido para poder atingir os 20 por cento.

• Autarcas da APU na Câmara de **Oliveira do Hospital** acusaram o presidente da Assembleia Municipal de pagar as senhas de presença neste órgão com cheques de contas pessoais. A APU refere, em comunicado, que «boa parte dos membros da Assembleia Municipal continua sem receber» e sublinha que «perante a ilegalidade de pagamentos públicos através de contas pessoais» deve efectuar-se um rigoroso inquérito.

• O ex-empresário **Bernardo Guedes da Silva** vai receber, no próximo dia 29 de Janeiro, das mãos de Jacques Chirac, a Grande Medalha de Vermeil da Cidade de Paris, o que acontece pela primeira vez a um cidadão português. Esta distinção premeia «acções de reconhecido valor desenvolvidas por cidadãos estrangeiros em prol da França e particularmente da cidade de Paris», sendo atribuídas unicamente por unanimidade dos membros que integram a vereacção da câmara da capital francesa.

• Dirigentes do **PS no Algarve** manifestaram-se contrários a alianças com o PSD nas autárquicas. A posição foi discutida no decorrer de uma reunião da Federação Distrital do PS de Faro, que teve a presença da maioria dos dirigentes das secções concelhias do PS. Essa recusa estende-se também a Vila do Bispo e Vila Real de Santo António, concelhos de maioria APU. Na reunião foram feitas igualmente duras críticas ao PSD por organizar no próximo dia 22 um encontro sobre turismo sem convidar para o debate Filipe Madeira, presidente da Comissão de Turismo do Algarve.

• A Comissão Permanente do **PSD de Faro** reafirmou que «os democratas algarvios, residentes em concelhos de maioria APU, como VR de António e Vila do Bispo, merecem e exigem que os partidos democráticos façam um esforço sério para, em condições a definir, se entenderem». O PSD — refere o comunicado, que constitui uma resposta a posições assumidas pelos socialistas algarvios — «sempre esteve e está aberto a fazê-lo».

• **Mário Soares** considerou no fim-de-semana que, com «sensatez, inteligência e diálogo», o ano de 85 poderá ser melhor do que o de 84. Soares falava na sessão de encerramento do encontro nacional das Comissões de trabalhadores do PS, que decorreu em Tróia.

• A Presidência do Conselho de Estado da **Guiné-Bissau** reafirmou, no sábado, em comunicado, não terem fundamento informações veiculadas em Lisboa pelo gabinete do Primeiro-Ministro, acerca de um alegado pedido de Bissau para ajuda alimentar.

Nesse documento a Presidência guineense desmente ter solicitado uma ajuda alimentar de emergência até ao Natal, numa conversação telefónica mantida entre o presidente Nino Vieira e o Primeiro-Ministro, Mário Soares. Tal conversação visava apenas «um pedido no sentido de se desbloquear os entraves burocráticos que em nada se relacionam com a Guiné-Bissau, mas que impedem os navios 'Quelimane', 'Cabo Verde' e 'Cabo Bojador' de sair do porto de Lisboa com destino a Bissau».

A "Seara Nova", uma voz necessária

Ulpiano Nascimento

1. Antes do 25 de Abril, nós, democratas portugueses, queríamos que o vexatório nível cultural da sua população e o obscurantismo generalizado em que esta vivia deixasse de ser apontado como mazela europeia; que as chocantes desigualdades económicas e sociais não ferissem a consciência nacional; que as assimetrias regionais não fossem mais um aleijão no corpo do País; e que as perseguições às liberdades e aos direitos do homem deixassem de ser motivo de escândalo internacional.

Desejávamos que Portugal, imóvel na dinâmica económica e social do século XX, mudasse; que os defeitos e erros acumulados, desde longe, desde a monarquia, e continuados e agravados durante o período dos governos fascistas, fossem corrigidos e/ou eliminados e a sociedade portuguesa fosse definitivamente liberta das vozes bolorentas dos seus falsos pregadores, para redimir e vencer o opróbio dentro da comunidade internacional, para entrar no caminho do progresso e da democracia.

Este complexo de domínios ultrapassados e ultrajantes e dos silêncios impostos, prosseguiu durante quase meio século, esmagando uma comunidade inteira e gerações completas, em que o medo, a repressão, o servilismo e a injustiça entraram na rotina da vida portuguesa, amordaçando a cultura e impedindo o gesto criativo.

Contra esta governação semi-secular, apenas algumas vozes – muito poucas – conseguiram erguer-se para a denunciar e a condenar, embora isso pudesse significar publicações censuradas e apreendidas, redacções violentadas e encerradas, mais prisões, etc., etc.

Dessas vozes a mais perseverante e respeitada no quadro cultural e político da sociedade portuguesa, desde 1922, a mais crítica e pedagógica e a mais activamente patriótica, foi a SEARA NOVA.

Revista que foi fonte de informação e de formação de bem três gerações consecutivas de portugueses, com análises objectivas, ideias e críticas independentes e progressistas em relação aos poderes constituídos, à cultura oficial, e onde o 25 de Abril se inspirou e foi buscar incentivos.

2. E o 25 de Abril foi mudança . . .

Mudança que restituiu as liberdades políticas a Portugal, onde os sindicatos passaram a ser representativos e o trabalho ganhou dignidade, ao mesmo tempo que os monopólios se desmontaram e o parasitismo colonial se extinguiu, como a «Seara Nova» preconisava e defendia nas suas páginas, escritas com suor e lágrimas e, não raras vezes, com a prisão.

Criaram-se, assim, condições para construir uma sociedade nova, sob um plano de desenvolvimento, com objectivos bem definidos, numa opção para-socialista. Esta a mais aconselhável nas condições deixadas pelo regime anterior, por ser a mais nacional, a mais consequente e participada, numa dinâmica de mudança, dentro de um contexto de crise económica internacional e das novas relações com os cinco países africanos de expressão oficial portuguesa.

Mas foi sol de pouca dura.

Os cinco Governos Provisórios que então tomaram conta do País, governaram sem homogeneidade interna e sofreram todo o género de confrontações. Três centros de decisão, pelo menos, coexistiram, soltos, com aqueles governos, o que muito contribuíram para acelerar o processo de viragem que se aproximava. Centros, a que não eram alheias influências estrangeiras, provocando em todo o lado turbulências políticas, aparentemente geradas pela esquerda, mas realmente servindo a causa da direita, como mais tarde se veio a provar.

Continua na pág. 18

Nova entrevista de Pintasilgo

Presidência da República não pode ser instrumento de "troca de favores"

Lourdes Pintasilgo atribui, numa entrevista publicada ontem no «Jornal de Notícias», o seu primeiro lugar nas sondagens presidenciais ao desejo dos portugueses de que o futuro presidente «continue a ser uma personalidade independente e isenta».

«Nas actuais condições da sociedade portuguesa, os portugueses querem que o Presidente da República continue a ser uma personalidade independente e isenta, capaz de, com essa postura, garantir a estabilidade do regime para que os vários projectos governativos possam desenvolver-se em paz e para que os portugueses se sintam em segurança», sublinhou.

Para a ex-primeira-ministra os portugueses temem a transformação da função presidencial num instrumento de troca de favores, dando vantagens injustas a um ou mais partidos».

Considerando «grave erro partidarizar a Presidência da República» Pintasilgo diz que nunca aceitará «apoios directos ou indirectos de partidos ou grupos políticos com a finalidade de obterem contrapartidas e favores políticos».

Não rejeita, todavia, «o apoio de formações partidárias e sociais, que, pondo acima de tudo o interesse nacional», encarem a sua candidatura como «uma oportunidade para alicerçar o regime em bases cada vez mais sólidas».

O facto de ser mulher «não entrará em linha de conta» na sua eventual candidatura, apontando exemplos de mulheres na história de Portugal que «assumiram grandes responsabilidades».

A capacidade para tal passa, segundo a ex-primeira-ministra, pela honestidade, entrega e qualidade e, essa «fronteira, não coloca de um lado os homens e de outro as mulheres».

Para Pintasilgo «as apalavras substituem os actos» na vida nacional e «é utópico pensar sair desta crise económica sem uma perspectiva de desenvolvimento».

A ex-primeira-ministra diz que «as políticas recessivas até agora adoptadas destroem o capital produtivo nacional, geram desemprego, desincentivam o investimento e paralisam o País».

Referiu, a propósito, «as condições difíceis e desmoralizadoras» em que trabalham os empresários portugueses, com «o Estado a mudar as regras sem critérios, a prometer apoios que não materializa, a criar dificuldades sem sentido».

Por outro lado – disse – «os nossos trabalhadores vivem a angústia da falência das empresas onde trabalham».

«Nennum empréstimo, nenhum investimento estrangeiro, nenhuma miragem económica podem substituir uma política que seja com clareza definida e com firmeza executada» – acentuou.

Se resolver candidatar-se, Lourdes Pintasilgo diz que «será, então, uma decisão para ir até ao fim», acrescentando que a sua intervenção política «deriva do facto de ser cristã».

Na entrevista ao matutino do Porto, a dirigente do MAD mostra-se preocupada com «a mitologia criada pelos Governos» em torno da adesão à CEE, como «grande desígnio nacional» e «prioridade das prioridades».

«Esta forma de colocar o problema é atentatória da dignidade nacional» – frisou – «pois a nossa história e valor cultural deveriam colocar-nos em pé de igualdade com os outros países europeus».

Para Pintasilgo, os portugueses «mais tarde ou mais cedo exigirão, como imperativo nacional, a renegociação da dívida com o FMI, por forma a que, pagando com honra, não fique comprometido, por gerações, o desenvolvimento económico que está ao alcance do País».

CNARPE preparada para eleições em qualquer data que se realizem

Os 22 elementos que constituem a Comissão Nacional Provisória da CNARPE estiveram reunidos no sábado, em Lisboa, e analisaram, entre outros pontos, a situação política nacional e a situação em que se encontra o processo organizativo do futuro partido que irá surgir daquela estrutura. Foram também portadores, para distribuição a nível concelhio, da declaração de princípios e do projecto de estatutos dessa nova força política.

Do comunicado que no final foi distribuído aos órgãos de Informação destaca-se o objectivo de concorrer às eleições legislativas «em qualquer data que elas se realizem», bem como decisões no sentido de dinamizar o Movimento para «dar resposta a todas as eventualidades».

Embora o mesmo comunicado refira que «o movimento tem desenvolvido a sua acção de acordo com as metas traçadas e o ritmo previsto», parece evidente terem sido tomadas as precauções necessárias para a eventualidade de qualquer colapso do actual Governo.

A análise da situação política nacional feita pelos mandatários distritais deixou-lhes conclusões que justificam não só a iniciativa de criar uma nova força política, e as razões da sua existência, como também um certo alerta para a possibilidade de ser necessária uma aceleração do seu trabalho.

Na verdade, a CNARPE considera «altamente preocupante os últimos desenvolvimentos da política portuguesa quer pelos processos utilizados pelos actuais partidos no poder, quer pelos resultados da sua acção governativa».

Em resumo, e como expressa no seu comunicado, a Comissão Nacional Provisória da CNARPE, entende que «uma coligação que se reclamou, com justeza, de ter a maior maioria de sempre, não conseguiu sequer dar aos portugueses a necessária estabilidade e muito menos conseguiu dar aos portugueses a indispensável confiança nas instituições democráticas e no futuro do País».

Candidatos

A psicose das presidenciais não chegou ainda à CNARPE. Responsáveis desta estrutura política declararam que este tema não havia sido discutido, até porque, «não fazia sentido estar a discutir a questão das presidenciais quando o movimento ainda não está formado». Mas o nome de um provável candidato da CNARPE tem sido pretexto para uma insistência cada vez maior dos jornalistas no sentido de apurar se tal nome existe já, ou se há pelo menos qualquer leve indício.

Entrevistado ontem por Maria Elisa para o programa «Fogo Cruzado», da Antena 1, Hermínio Martinho foi longamente assediado pela jornalista. Não adiantou qualquer nome. Acabou todavia por afirmar que a CNARPE «não afastou nenhum candidato à Presidência, nem mesmo Maria de Lourdes Pintasilgo».

Quanto à velha e polémica questão do candidato civil ou militar, também não afastou a hipótese de um militar. Deixou claro não haver razão para que um militar não seja um bom candidato, só por ser militar, seguindo o mesmo raciocínio em relação a um civil. Ou seja, ficou tudo na mesma. O mistério vai manter-se e não é provável que se desvende nos próximos tempos, que se desfaça antes do tempo presidencial.

Declaração de princípios

Na mesma entrevista Hermínio Martinho foi alvo de outras perguntas sobre temas polémicos como o da Televisão privada, cuja existência defendeu como vantajosa, até pela má qualidade da que temos. Mas, afirmou, «não terá necessariamente que ser da Igreja».

Ao ser-lhe perguntado se considerava o PCP um partido democrático, respondeu afirmativamente, embora sublinhando não concordar com a sua actuação em 1975.

A declaração de princípios do novo partido não foi tornada pública. Sabe-se todavia que mantém a filosofia de base do documento de Abrantes, mas agora menos extenso e mais concreto em diversos aspectos que então foram considerados pouco explícitos.

Alguns pontos importantes vão sendo todavia conhecidos. Um deles é o reconhecimento da necessidade de organizar «um novo quadro de referências» no plano ético-político, económico, social e cultural, tendo em vista uma sociedade mais equilibrada e uma democratização real dessa mesma sociedade.

Reconhece-se que o sistema de Governo que a actual Constituição consagra não se adapta à estrutura sociocultural portuguesa e que à democracia formal não corresponde uma efectiva democratização da sociedade, a todos os níveis.

Para além do reforço da componente presidencial do regime, a CNARPE pretende um conjunto de reformas importantes, em que se incluem o direito às petições serem objecto de debate parlamentar, a recusa dos plebiscitos mas consagração dos referendos, uma lei eleitoral que permita a apresentção de candidaturas independentes, e consagração de estruturas que permitam uma representação democrática diversificada, ou seja, processos que permitam aos cidadãos uma intervenção na vida política que não se limite à simples intervenção num acto eleitoral, de quatro em quatro anos.

O trabalho é definido como «valor essencial» e como «única forma de produzir riqueza», preconizando-se uma política de repartição «equitativa» dos custos económicos e sociais de superação da crise, bem como dos benefícios que forem alcançados.

Ainda no plano económico é reconhecido ao Mercado o papel fundamental como regulador do sistema económico mas atribui-se ao Planeamento um papel primordial como elemento orientador do desenvolvimento da economia.

Reconhece por outro lado a CNARPE que é «urgente» inverter o sentido da política económica até agora seguido.

Outro aspecto importante diz respeito à necessidade de «romper o círculo da dependência externa» e de uma alteração radical da dependência financeira gerada pelos encargos da dívida externa que, na perspectiva desta nova força política, é necessário renegociar.

A descentralização é outro capítulo importante e uma nova lei de finanças locais é preconizada, a par do reforço dos poderes autárquicos e regionais, e do incentivo ao ordenamento do território e ao desenvolvimento das regiões do interior.

O reconhecimento da crise e das dificuldades é permanentemente tido em conta. Apontam-se sacrifícios necessários e a necessidade do empenhamento de todos — agentes económicos e trabalhadores — mas é também reconhecido que não podem ser agravadas as condições de vida dos estratos sociais mais pobres.

A Declaração de Princípios da CNARPE, que contempla, em síntese, os principais sectores em que é preciso mexer para promover o desenvolvimento do País, apresenta, porém, como condição necessária, um melhor relacionamento entre o Estado e a Sociedade e o termo a «compadrios e clientelas partidárias», consideradas como o primeiro inimigo de qualquer reforma profunda da administração pública.

Este documento vai agora ser analisado ao nível das estruturas concelhias para futura aprovação. É pouco provável que venha a sofrer alterações significativas uma vez que já contempla os contributos oportunamente dados por essas bases.

Mas uma pergunta continua a ser feita: quando a formalização do novo partido? A resposta que temos obtido é sempre a mesma: «quando for necessário e oportuno».

Hermínio Martinho concorda em considerar como «avançada» a reunião de sábado pois nela se distribuíram já uma declaração de princípios e um projecto de estatutos».

Entretanto confirma-se a data de 19 de Janeiro para a realização do almoço comemorativo da reeleição do general Ramalho eanes, acontecimento que terá lugar num grande recinto de Lisboa. Nesse mesmo dia, após o almoço, haverá uma reunião da CNARPE, a nível nacional.

Augusto Vilela

À mesa da «Tarantela»: houve quem preferisse não ser fotografado

Mausoléu de Agostinho Neto

O pintor português António Domingues encontra-se desde ontem em Luanda, onde lhe será entregue o segundo prémio do concurso de vitrais para o mausoleu de Agostinho Neto. António Domingues foi o único artista estrangeiro premiado no concurso, cujos primeiro e terceiro lugares foram atribuídos ao angolano Vaz Carvalho. Pintor que tem actualmente, uma exposição sua na sede da TAAG em Lisboa.

Em simultâneo com o concurso de vitrais decorreu um outro de escultura para o exterior do mausoléu. O seu vencedor, e único concorrente, foi o capitão das FAPLA, Rui de Matos. O projecto do mausoléu de Agostinho Neto é da autoria de um arquitecto soviético e os vitrais para a sua decoração estão a ser feitos num país socialista.

Presidenciais desviam das lutas populares

— diz a UDP

As eleições presidenciais estão a servir de pretexto para desviar a atenção do povo dos seus reais problemas e limitar a luta dos trabalhadores. Esta uma conclusão da reunião do Conselho Nacional da UDP este fim-de-semana realizado em Lisboa.

Na ocasião, foram aprovadas por unanimidade todas as propostas que a Comissão Política apresentou sobre a situação política actual, o trabalho sindical e o plano das acções a desenvolver.

Para aquele partido político, o primeiro objectivo imediato do movimento popular «é a luta pelo derrube do Governo» para o qual «a UDP se propõe trabalhar com redobradas forças».

O acordo recentemente assinado entre o PS e o PSD é para a União Democrática Popular «a satisfação das exigências do grande capital e do imperialismo, não se esperando dele senão miséria, desemprego e repressão».

De qualquer forma, os 38 membros do Conselho Nacional (29 efectivos e 9 suplentes) consideraram «bastante positivo» os esforços feitos «para ganhar a confiança dos trabalhadores» e destacaram os ganhos obtidos nas eleições regionais dos Açores e da Madeira, onde, recorde-se, a UDP duplicou o número de votos. Mereceram igualmente destaque os resultados obtidos por aquele partido em eleições para organismos representativos dos trabalhadores nas empresas.

No sábado, quando os conselheiros da UDP discutiam o ponto referente à situação política,os trabalhos foram interrompidos para que os militantes do partido pudessem participar na manifestação da CGTP.

Na reunião foram ainda abordadas questões organizativas, nomeadamente, a questão do despejo da sede central do partido e adoptada uma resolução político-sindical na qual se enquadra a participação da UDP no seio da Intersindical Nacional.

Aprofundar a luta contra o Governo

O dirigente da UDP, Mário Tomé, responsabilizou Mário Soares pela existência de «150 mil salários em atraso, 600 mil desempregados, pela dívida esmagadora ao FMI e pela miséria de milhares de portugueses».

Mário Tomé falava no encerramento da reunião do Conselho Nacional da UDP, incluída nas comemorações do décimo aniversário do partido, e que reuniu mais de duzentas pessoas, em Lisboa.

Por outro lado, o dirigente político considerou como primeiro passo «necessário e indispensável, aprofundar a luta contra o Governo, tornar-lhe a vida impossível e obrigá-lo a cair».

Relativamente à reunião do Conselho Nacional, a UDP considera como objectivo imediato o derrube do Governo «para travar os planos reaccionários» e propõe ainda a «luta por uma vida digna para os trabalhadores, pelo pagamento dos salários em atraso e contra o desemprego», entre outras medidas.

O CN da UDP defendeu ainda a realização de uma greve geral contra «a fome, a miséria e a repressão».

Conselho Nacional do PSD

Pinto-tsé-tung, o novo mandarim

Manuel Anta

Faz a festa e deita os foguetes. Entra de rompante no Conselho Nacional, provoca, cria tensão de cortar à faca, antes de fazer o número de homem forte: «Quero, não quero, vai ser assim, seja feita a minha vontade...» Depois, e armado com o pensamento do ex-maoísta Eduíno Vilar, a quem demonstra apreço e solidariedade, exibe o seu novo visual: «Comigo, o PSD não será um mero conjunto de intelectuais, há que penetrar nas camadas populares...», diz. Horas mais tarde, cansado de ouvir «os meninos da oposição», permite que se lhes corte o pio com **têm um minuto e meio para falar.** A oposição não aceita e Pinto-tsé-tung instala-se com a sua corte no Beco do Fala-Só.

Sob a batuta de Angelo Correia, a Lei do Abafarete nasceu aqui...

«NÃO podemos andar a brincar aos Conselhos Nacionais. Para quê este Conselho? Ninguém pensa nos conselheiros que são obrigados a deslocar-se do Minho e de Tras-os-Montes?...» Boca aberta, olhos arregalados de espanto, conselheiros há que pasmam e não acreditam. Na sua frente, o homem que apoiou a convocação do Conselho Nacional do PSD para este fim-de-semana, tira o cavalo da chuva e esgrime contra os «Conselhos Nacionais em hotéis alcatifados». O espanto não vai acabar aí.

Ciente de que dispõe do poder das Distritais – decisivo no PSD – Mota Pinto não teme a ofensiva. Por isso vai dizendo, olhos postos numa oposição que ele sabe incapaz de lhe fazer frente: «Não posso aceitar moções que de forma camuflada ou indirecta exprimam cinismo ou hipocrisia; basta de jogadas indecentes, de jogo sujo, de hipocrisia; amanhã, domingo, não estarei presente neste Conselho Nacional; não posso aceitar que saia deste Conselho moção de agravo ou de simpatia em relação a qualquer militante; é fundamental que este Conselho diga claramente que me apoia bem como à Comissão Política...»

debate. Explica aos conselheiros as razões que levaram à assinatura do recente acordo PS/PSD (CEE, FMI, OE...), considera que «a intervenção de Ramalho Eanes foi decisiva para o entendimento do PS e do PSD na renegociação do acordo».

Rui Machete, que sempre defendeu que este Conselho Nacional devia ratificar ou não o acordo estabelecido entre socialistas e sociais-democratas, não se foi embora sem colocar um bálsamo nas preocupações de alguns conselheiros: «acordo não é contrário às decisões de Viseu, quer no que toca às Presidenciais quer no que diz respeito às Autárquicas».

O seu discurso é de crítica, dura, incisiva, e será ele que vai provocar a grande bronca!

● **MIGUEL VEIGA,** a pensar em Eduíno Vilar, pergunta a Mota Pinto: «onde termina o Mao e começa Macau?...»

Estão as coisas nesse pé quando, nos corredores, se começa a gizar, sob os olhares atentos da Imprensa, uma azáfama interessante: vários conselheiros, liderados pela batuta de Ângelo Correia, iniciam a redacção de uma moção de confiança à Comissão Política e ao líder Mota Pinto e de um requerimento cujo conteúdo é rodeado de mistério. Cerca das 19.30, três horas depois do início dos trabalhos, Ângelo Correia rejubila: «Isto já acabou...», diz.

A compreensão do «isto já acabou...» chegou mais tarde.

Entretanto, na sala do Conselho Nacional, as intervenções continuam. João Jardim rebela-se contra os «vigaristas» (PS e PCP) que tanta preocupação demonstram pelo estatuto da Madeira. «Quero ver como esses vigaristas, que me acusam de comprometer a autonomia da ilha, vão reagir quando em Março lhes for submetido o novo estatuto autonómico da Madeira...», afirma depois de retratar as dificuldades madeirenses.

Salgueiro, o líder de uma oposição sem força nem agressividade, pega na palavra e instala-se no terreno que mais lhe interessa: o acordo PS/PSD, a situação económica do País, a análise da situação partidária.

De repente, o célebre requerimento entra na mesa. O seu teor aponta para que as questões relativas ao 1.º ponto da agenda de trabalhos – Presidenciais, análise da situação política nacional e partidária – seja discutido até à 1 hora da manhã. Contam-se os inscritos e conclui-se: cada um tem um minuto e meio para falar.

Apesar dos protestos, o requerimento é aprovado. «Isto representa um abafarete!», clama indignado Miguel Veiga. O seu grito é o grito da revolta de uma oposição que se recusa, ainda segundo expressão do conselheiro nortenho, «a abanar com as orelhas».

Salgueiro e companhia saem da sala perguntando? «Será necessário recorrer a ideólogos contratados para fazer a reflexão política que não se deixa fazer na sede própria – o Conselho Nacional?»

A indignação percorre os corredores: «Isto é o esmagamento da minoria pela maioria; minuto e meio por conselheiro para discutir questões que interessam ao País, estão a brincar connosco?...; quem quiser ser conselheiro Acácio que o seja, nós recusamo-nos...».

Da sala saiem **Acácios** empenhados em convencer os minoritários que de Acácios não têm nada e de que «o respeito pelas decisões da maioria é uma norma democrática». Há quem responda que «a opinião da maioria está condenada a ser a expressão da incompetência» e sem salamaleques, volte costas.

Voltar de costas que começa a causar sérios problemas na sala onde, indiferentes à saída da oposição, as hostes afectas a Mota Pinto prosseguem os trabalhos.

É que, «quorum» precisa-se. Dos 94 conselheiros, só estão na sala quarenta e poucos . Para que haja «quorum» são necessários 48 e esses são indispensáveis para assegurar a votação da moção de confiança «à comissão política na pessoa do seu presidente, professor Mota Pinto».

A custo, e beneficiando da presença na sala de minoritários sem coragem para a abandonar – o medo de perderem a respectiva distrital foi mais forte do que tudo... –, a moção é votada.

Mota Pinto ganha em toda a linha. Declarou: **Amanhã não venho** e o conselho nacional só durou um dia; **quem resolve o caso Eduíno sou eu e da maneira que entender**, foi feita a sua vontade...; **estou farto de os ouvir** e a lei da rolha surgiu.

● **SOUSA TAVARES** falando com o jornalista do «DL»: «Eduíno Vilar no Ministério da Qualidade da Vida?... Vejo-o melhor como ministro dos esgotos...»

Castigada a oposição, moldado o espírito pelo qual se vai reger a partir daí o Conselho Nacional, Mota Pinto salta pa a outro tema: «há que retomar o trabalho ideológico junto do povo, penetrar nas camadas populares a diversos níveis – ecologia, defesa do consumidor, questões de ensino e direitos juvenis, Comunicação Social...», enfim, tudo aquilo que o IPSD, o instituto do «inimigo» Balsemão, há algum tempo vem fazendo «sem recorrer à contratação de ex-maoístas», conforme comentário de um mota-amaralista.

Das questões nacionais, nada. Isso é tarefa que Mota Pinto, displicentemente, deixa ao cuidado de Rui Machete, vice-presidente do partido e ministro da Justiça.

Este, homem de diálogo, habitual **bombeiro** do partido, bem tenta, sem o conseguir, apagar o fogo que Mota Pinto ateou ao

● **RUI MACHETE,** ao ver entrar Marcelo Rebelo de Sousa no Conselho Nacional, horas depois de João Salgueiro ter saído, num comentário para um jornalista: «Como vê, no mundo nada se perde tudo se transforma...»

Um conselho Nacional repleto de surpresas não podia acabar sem mais uma: Marcelo Rebelo de Sousa, que prometera não pôr os pés no conselho nacional para discutir factos consumados, aguardou que os trabalhos do conselho evoluíssem para outras matérias (Orçamento, por exemplo) para entrar em cena.

São 1.45 da manhã quando Marcelo Rebelo de Sousa entra no conselho nacional. Mas antes de o fazer, Marcelo quer certificar-se de que o conselho nacional já abandonou a discussão de factos consumados. Para tanto, envia um espião (Rui Gomes da Silva) certificar-se de que é assim, enquanto aguarda num carro verde a altura de atacar.

Ataque, de madrugada, que Rui Machete, atento, comenta de forma singular: «Saiu o Salgueiro, entrou o Marcelo, como vê nada se perde tudo se transforma...»

● **RUI OLIVEIRA E COSTA** em resposta a uma pergunta do «DL»: «E agora?... Bom, agora e já que não nos deixam exprimir no Conselho Nacional, falaremos lá fora. Vamos fazer como o Marcelo: fogo aberto e debate na praça pública...»

● **ALBERTO JOÃO JARDIM** durante um «copo» com a Imprensa: «Quem paga sou eu. Depois apresento a conta ao Hernâni e que remédio tem ele senão pagar...»

Censura CDS vai ser "crítica global"

A fundamentação da moção de censura ao Governo que o CDS vai apresentar esta semana na Assembleia da República, as eleições presidenciais e a formação do partido eanista, o recente discurso de Ramalho Eanes e a renegociação do acordo da actual coligação no poder foram alguns dos pontos fulcrais da entrevista que Azevedo Soares, presidente da Comisssão Política dos centristas, deu ontem ao programa da Antena 1 «Nem mais nem menos».

Referindo a necessidade de «uma transformação» para Portugal e, ao mesmo tempo, de «uma clarificação da própria atitude política dos partidos», o dirigente centrista considerou que aí se baseia a apresentação da moção de censura do seu partido. «Aqueles que recusarem esta moção de censura têm que assumir solidariedade com o actual Governo» pois trata-se, prosseguiu, de «uma crítica global à orientação e coordenação política deste Executivo».

Não mostrou qualquer preocupação quanto ao aparecimento do partido eanista pois «com as características que tem vindo a desenvolver é um problema que se coloca apenas à esquerda».

Quanto às eleições presidenciais, Azevedo Soares considerou que elas estão a condicionar toda a actividade governativa pelo que, enquanto não se consumarem «dificilmente se encontrarão soluções no actual quadro político e mesmo em qualquer outro».

A propósito do recente discurso de Ramalho Eanes, o dirigente centrista chega a uma conclusão que o «Presidente da República não percebe nem faz qualquer esforço para perceber o que se passa na coligação PS/PSD». Assim, remata, «durante o ano de 1985, o País não poderá contar com a chefia do Estado para resolver a crise, dado que o Presidente vai permanecer distanciado relativamente às grandes questões».

Quanto ao acordo PS/PSD, recentemente renegociado, Azevedo Soares aponta que é apenas «a reafirmação e reforço do que havia sido acordado há ano e meio e que os dois partidos não foram capazes de fazer. Fica de pé a mesma questão. A questão que os une e os põe ao mesmo tempo em confronto permanente: as eleições presidenciais».

Presos do Caso FP-25 queixam-se de vigilância excessiva na prisão

Numa nota à Imprensa os presos, relacionados com o caso «FP-25», insurgem-se contra as excessivas medidas de «*observação*» a que são submetidos. Em seu entender disposições de uma lei «*relativamente progressista estão a ser transformadas num instrumento de tortura*».

Com efeito, o Decreto-Lei 265/79 (concretamente: artigo 111) refere que devem ser aplicadas ao recluso medidas excepcionais de segurança «*quando devido ao seu comportamento ou ao seu estado psíquico existe perigo sério de evasão ou da prática de actos de violência contra si próprio, pessoas ou coisas*». Ora, sucede que o director da Penitenciária de Lisboa achou por bem não distrinçar situações especiais de um quotodiano normal.

Queixam-se os presos da vigilância nocturna constante que sobre eles é exercida. O que se pode considerar já uma rotina: às 22 horas apagam-lhes a luz das celas e quando, depois de «contarem carneiros» (um processo óptimo para adormecer – ao que se diz) mergulham no sono, cerca da meia-noite são acordados com o barulho das pesadas portas das celas, seguido da incidência do clarão de uma lanterna eléctrica sobre o rosto.

Torres Couto garantiu em Tróia

Estruturas sindicais socialistas apoiarão candidatura de Soares

Mário Soares tem garantido o «apoio incondicional» das estruturas laborais socialistas à sua eventual candidatura à Presidência da República.

Tal garantia partiu de Torres Couto ao falar em Tróia, na sessão de encerramento do Encontro Nacional das Comissões de Trabalhadores do PS que decorreu sob a presidência do secretário-geral do partido.

«O PS não tem que negociar nenhum candidato de projecto». E prosseguiu: «o PS tem um candidato que pode ser e vai ser Presidente da República».

Numa tentativa para desdramatizar as críticas que ultimamente tem feito à acção governativa, o secretário-geral da UGT adiantou que quando critica fá-lo «para construir».

Torres Couto considerou ainda uma «exigência» a «rápida» revisão da legislação laboral, pois o actual código de direito de trabalho «é uma manta de retalhos». Sublinhou, no entanto, que a UGT «dirá sempre não» a qualquer liberalização dos despedimentos».

II Congresso da JCP proclama

Menor rigidez e maior flexibilidade com vista ao trabalho unitário

«A JCP oferece a possibilidade de lutar organizado, ombro a ombro com outros jovens portugueses, trabalhadores, estudantes, desempregados, pela resolução dos problemas de todos» – esta é uma das afirmações constantes da Proclamação ontem aprovada na sessão de encerramento do II Congresso da Juventude Comunista Portuguesa, que durante 2 dias decorreu no Pavilhão do Sacavenense»

Nesse documento, a JCP preconiza a ruptura com a fatalismo, mediante a denúncia, o debate de soluções e da luta, para o que convida todos os jovens a darem um sentido útil à sua revolta pessoal, militando na organização.

Vinte e cinco pontos constituem esta Proclamação, os quais fazem também parte do documento fundamental do II Congresso, a Resolução Política, debatida e aprovada ontem de manhã.

Na resolução, os jovens comunistas afirmam-se dispostos a acabar com «concepções fechadas e erradas» relativamente à admissão de novos militantes, a qual se deverá processar a partir de agora de «forma muito mais ampla», o que implica «menor rigidez» e «maior poder de atração por parte da organização».

A JCP defende também na Resolução, por exemplo, uma nova política de emprego no âmbito de uma política de desenvolvimento baseada no aproveitamento das riquezas e capacidades nacionais; uma nova política de contratação que passe pela alteração da legislação actual sobre contratos a prazo; uma política de apoio aos desempregados que aplique efectivamente o subsídio de desemprego a todos os jovens nessa situação; a acriação de um regime jurídico que conceda uma subsídio aos jovens que procuram o primeiro emprego, e uma nova política salarial que determine a obrigatoriedade do pagamento do salário mínimo nacional aos jovens trabalhadores, a partir dos 18 anos.

Alterações estruturais

Além da Resolução Política e da Proclamação, os 750 delegados ao II Congresso elegeram os novos órgãos directivos. Assim, a nova direcção é constituída por 35 jovens que, após a sua eleição, elegeram por sua vez um executivo de sete elementos. A direcção nacional substitui a Comissão Central anterior e agregará também militantes integrados em organismos unitários e de massas, vinculados a grandes iniciativas.

Os novos corpos dirigentes passarão a incluir – esta é uma inovação – uma Assembleia de Debate, na qual estarão presentes militantes que representem organizações, sectores, frentes de trabalho e movimentos unitários, com o fim de debater os problemas fundamentais da juventude e do movimento juvenil e de colaborar com a direcção central no estabelecimento das suas orientações.

A par do trabalho político desenvolvido, delegados e convidados ao II Congresso da JCP confraternizaram, ouviram e aplaudiram a música dos Trovante e de Rão Kyao, no início da sessão de encerramento.

«A plataforma Mário Soares-/Mota Pinto das 58 medidas não é um programa para um governo, mas o plano para um golpe» – afirmou o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, ao intervir ontem na sessão de encerramento. Destinam-se «a destruir as nacionalizações e restaurar grupos monopolistas», a «liquidar os direitos dos rendeiros e dos pequenos proprietários», a agravar «a exploração dos trabalhadores», a «pôr rapidamente operacional um Estado policial» e ainda a liquidar a possibilidade de realização de «eleições democráticas».

O secretário-geral do PCP sublinhou que é um «escândalo da vida política portuguesa que um governo possa elaborar e tornar público um tal plano sem ser imediatamente demitido». Álvaro Cunhal afirmou também que «o lugar natural da juventude é na batalha pela demissão do Governo e por uma alternativa democrática». «Acrecentou que o governo «não cairá por si» e que para o fazer cair, os trabalhadores, os democratas, os patriotas, a juventude «não podem cruzar os braços à espera» A unidade e a luta dos trabalhadores, das massas populares e da juventude, a par do funcionamento das instituições são «factores determinantes da queda e demissão do Governo». O secretário-geral do PCP chamou, no entanto, a atenção para o «perigoso atraso» do funcionamento democrático das instituições, recordando o exemplo da demissão do governo AD e da dissolução da Assembleia da República, em 1982. Tais factos políticos aconteceram no «extremo limite» das possibilidades tendo o «atraso então verificado» custado «caro e bem caro ao nosso povo, ao nosso país e ao regime democrático».

Câmara Municipal da Moita

EDITAL

Venda de lotes de terreno para auto-construção de habitação própria

José António Mestre de Brito Apolónia, Presidente da Câmara Municipal da Moita,
FAZ SABER QUE:

1. A partir do dia 17 de Dezembro de 1984 e ate ao dia 18 de Janeiro de 1985 estará aberto concurso para a atribuição do direito à aquisição de dez lotes de terreno destinados à construção, pelos respectivos adquirentes, da sua habitação própria.

Localização: Freguesia da Moita, confinando com a Estrada Municipal n.º 505 (Chão Duro – Sarilhos Pequenos)
Área/Lote: 150 m²
Preço/Lote: 250 contos

2. As inscrições são feitas, dentro do prazo indicado no n.º 1, nos Serviços Municipais de Habitação, das 9.15 às 12.30 e das 14.00 às 15.30 horas dos dias úteis, mediante a entrega de um Boletim fornecido por aqueles Serviços (devidamente preenchido, confirmado e assinado), de documento comprovativo de ter sido prestada caução igual a 5% do preço do lote e de documentos comprovativos da residência e dos rendimentos dos agregados familiares dos concorrentes, não devendo porém tais documentos ser obtidos sem previa consulta aos Serviços Municipais de Habitação sobre o respectivo teor.

3. A aquisição dos lotes so podem candidatar-se os cidadãos nacionais ou equiparados, maiores ou emancipados, que preencham cumulativamente os seguintes requisitos:

a) Não disporem de habitação propria na área do concelho, ou tendo-a, não dispor a mesma de condições de habitabilidade e ser inviável a sua recuperação;
b) Residirem ou trabalharem no concelho há pelo menos um ano a data da abertura do concurso;
c) Situarem-se os respectivos agregados familiares, no que respeita à sua composição, dentro dos limites mínimo de três pessoas e máximo de sete pessoas;
d) Situarem-se os respectivos agregados familiares no que respeita aos rendimentos mensais ilíquidos, dentro dos limites a seguir indicados:

N.º de Pessoas	Rendimentos máximos
3	81 900$00
4	93 600$00
5	97 500$00
6	112 300$00
7	120 120$00

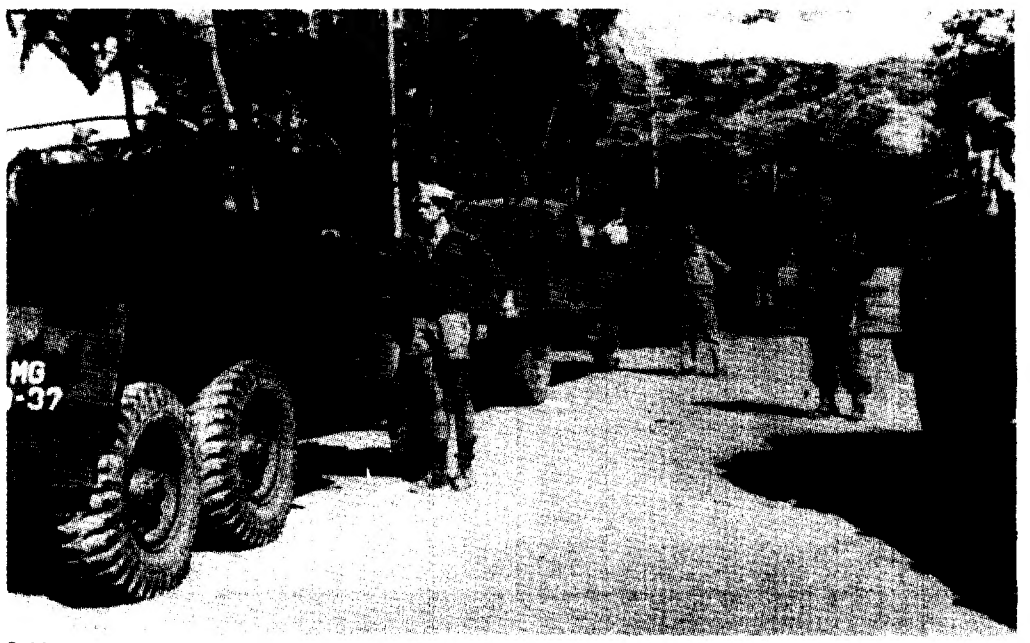
4. As condições e prazos de pagamento do preço dos lotes e de construção das habitações, o regime a que aqueles e estas ficam sujeitos, bem como as demais normas a que obedece o concurso a que o presente Edital se refere, constam de Regulamento que deverá ser consultado no local, dias e horas referidos no n.º 2.

5. Os projectos a que devem obedecer as construções podem ser consultados no local, dias e horas referidos no n.º 2.

E para constar se lavrou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Moita, 13 de Dezembro de 1984

O Presidente da Camara Municipal
Jose Antonio Mestre de Brito Apolónia



Soldados e material português capturados por guardas sikhs

Só com o 25 de Abril foi reconhecido...

Goa "caiu" há 23 anos

Faz na próxima madrugada 23 anos que as forças indianas entraram no território de Goa e terminaram com o domínio português que durava, então, há 451 anos. Horas depois, às 18 e 40 do dia 18 de Dezembro de 1961, a bandeira nacional portuguesa era arreada do mastro principal do palácio do governador.

O processo de tomada de Goa ficaria praticamente completo quando, por fim, avionetas indianas sobrevoaram, muito baixo, a população e a saudaram em concani dizendo: «Goa amchi». Para os portugueses o significado era claro: eles diziam: «Goa é nossa».

As tropas portuguesas estacionadas na que era então designada Índia portuguesa foram impotentes para oferecer resistência à Força Aérea, Marinha e Exército indianos que entraram à vontade no território.

Portugal vivia sob a ditadura de Salazar, que desumanamente não deixou depois de responsabilizar os indefesos militares nacionais.

Um livro oficial indiano, publicado em 1976, indica, pela primeira vez, que foi no contexto de suspeitas de alianças militares entre o Paquistão e as autoridades portuguesas de Goa, que Nova Deli decidiu a intervenção militar no território.

Antes de 1961, porém, já se tinham notado movimentos de libertação em Goa. Desde Agosto de 1954 que pequenos grupos de indianos e goeses radicados na Índia (Satyagraha) entravam em Goa para campanhas anticolonialistas.

Em Agosto do ano seguinte, as forças portuguesas abriram fogo contra manifestantes anticolonialistas provocando algumas mortes, em número não conhecido.

Resistindo às pressões dos partidos políticos da oposição que desejavam uma retaliação militar, Jawaharlal Nehru apenas baniu a proibição de entrada de indianos em Goa, determinada pelos portugueses.

Nehru dizia repetidas vezes que tudo quanto queria de Goa, Damão e Diu – «três borbulhas na face da Índia» – era a remoção dos últimos vestígios do colonialismo no solo indiano (ingleses e franceses já tinham partido).

Reconhecia a cultura distinta de Goa e comprometia-se a preservá-la no mosaico cultural da Índia. Queria mesmo que Goa se mantivesse como «uma janela da Índia aberta sobre o mundo latino».

Na sequência do movimento militar de 1961, Portugal viria a cortar as relações diplomáticas com a Índia, as quais só vieram a ser restabelecidas em Dezembro de 1974, quando Mário Soares, então ministro dos Negócios Estrangeiros, assinou em Nova Deli um tratado de amizade. Deste modo Portugal reconheceu «de jure» a integração «de facto» de Goa, Damão e Diu, que havia acontecido 13 anos antes.

Protecção dos consumidores é uma nova necessidade social

A definição e desenvolvimento de políticas de protecção dos interesses dos consumidores é uma nova necessidade social, sustentou no passado sábado o subdirector do instituto Nacional de Defesa do Consumidor num seminário sobre «A Defesa do Consumidor na Imprensa Regional» que reuniu no Centro de Formação de Jornalistas do Porto cerca de 40 representantes da Imprensa Regional dos distritos de Porto e Braga.

Para o subdirector do INDC, «importa conceber a política de promoção dos interesses do consumidor não como uma área residual menor, mas no contexto da política económica e social, e em todas as suas dimensões». «Só através das estruturas associativas que o representam, o consumidor se fará ouvido», defendeu Silva Pereira, que preconizou «a participação do consumidor na formulação e defesa dos seus interesses nas políticas que lhe dizem respeito, ou na exigência de reparação de danos».

O seminário foi aberto pelo secretário de Estado do Ambiente, Oliveira Fernandes, que fez na sua intervenção o historial da acção desenvolvida a favor dos consumidores portugueses.

No encontro, que tinha como fim último a sensibilização dos órgãos de Comunicação Social da Imprensa Regional não diária para esta problemática, participaram também Beja Santos, que falou da evolução do movimento associativo de consumidores e sua consagração legal e Luís Humberto Marcos, nosso camarada de Redacção, que desenvolveu o tema do jornalismo e defesa do consumidor. Técnicos da Inspecção Económica e Centros de Saúde, o nutricionista Emílio Peres e a técnica do laboratório da Cooperativa Novos Pioneiros (Braga), Teresa Barbosa, animaram um painel sobre as «Áreas prioritárias para a defesa do consumidor e a importância do papel da Imprensa Regional».

Fazendo um balanço dos trabalhos na sessão de encerramento, o subdirector do INDC sublinhou a disponibilidade do seu organismo em fornecer toda a informação e apoio possíveis à Imprensa Regional, no âmbito das funções que por lei estão atribuídas àquele organismo do Ministério da Qualidade de Vida.

Amigos do Tejo querem pôr o rio nas mãos da juventude

Esta semana já há viagens para ver a Reserva Natural

A Associação dos Amigos do Tejo conta com os jovens para a defesa e preservação do maior rio português, desde as portas de Ródão até S. Julião da Barra. Por isso promove um encontro da juventude das povoações ribeirinhas entre 20 e 22 do corrente, que terá o seu «quartel-general» no Castelo de Almourol.

Fundada em 5 de Junho deste ano (Dia Mundial do Ambiente) e reconhecida notarialmente em 26 de Julho no 23.º Cartório de Lisboa, a AAT tem um plano de acção que dentro de dias começará a ser posto em prática e que em 1985 apontará para a salvaguarda do Tejo «durante os seus 365 dias», disse Carlos Salgado, um dos seus dirigentes, ao «Diário de Lisboa» num encontro informal com os jornalistas no Clube Taurino de Vila Franca de Xira.

Defender o ambiente e proteger a bacia hidrográfica do rio, sua fauna e flora; reviver a vivência sociocultural das gentes ribeirinhas; fazer o levantamento e divulgação da história e universalidade do Tejo; e fomentar o aproveitamento das potencialidades que o rio possui para a prática de desportos náuticos, recreio embarcado e turismo, são alguns dos seus objectivos imediatos.

Para a concretização destes objectivos os Amigos do Tejo contam com especialistas dos diversos ramos, visando desenvolver, um deles o biólogo Antunes Dias, director da Reserva Natural do Rio Sado e principal responsável da Reserva de Pancas, por onde anualmente passam milhares de aves migradoras, nomeadamente flamingos e alfaiates. Na sua equipa directiva participam técnicos de regulamentação dos recursos hídricos, ecologistas, homens ligados à sociocultura e ao desporto, tempos livres e turismo. Dispõe de um conselho técnico e de uma estrutura da juventude.

A Juventude-84, o encontro-estágio de três dias no Tejo, entre 20 e 22 do corrente, será a primeira grande iniciativa para «sensibilizar a juventude ribeirinha para o seu rio», como nos afirmou Carlos Salgado. Nela participarão cerca de quatro dezenas de jovens que se concentrarão no dia 20 e que a 21 farão uma digressão pelo vale do Tejo até Santarém. No último dia visitarão monumentos históricos e viajarão a um estaleiro de reconstrução de barcos típicos do Tejo, podendo eventualmente visitar o «cemitério das fragatas» do Rosário, perto da Moita.

A AAT fez já um levantamento de algumas potencialidades históricas, desportivas e turísticas do rio e suas margens, designadamente do parque do Escaroupim (perto de Salvaterra de Magos), da doca do Valado, propondo-se aqui construir uma marina rústica. O incremento da canoagem no Tejo, entre Abrantes e Lisboa, é outra das suas preocupações.

Congresso propôs em Vila do Conde

Museu e ensino no futuro da obra de José Régio

A criação de um instituto de estudos regianos que abranja as duas actuais Casas-Museus foi a principal conclusão do I Congresso José Régio, que durante três dias decorreu em Vila do Conde.

Segundo os participantes no Congresso, o instituto será destinado a promover o estudo das criações no plano da literatura e das artes plásticas dos irmãos Reis Pereira.

A inclusão de José Régio nos programas dos cursos complementares do ensino secundário, tanto na área de estudos humanísticos como na de estudos científico-naturais, e a publicação do vasto epistolário de José Régio, bem como de um álbum que reúna a sua produção plástica, foram outras das conclusões do Congresso.

Os cerca de 50 participantes defenderam ainda a dinamização das actuais Casas-Museu José Régio, «transformando-as em centros de cultura viva e actuante».

A realização em Portalegre e em prazo razoável, do II Congresso José Régio, foi também decidida pelos congressistas, que durante os três dias se debruçaram sobre as diversas facetas da personalidade de José Régio, quer no plano da criação, quer no plano da reflexão, reconhecendo a importância da sua obra no processo progressivo do modernismo português.

O ministro da Educação, José Augusto Seabra, defendeu, por sua vez, no discurso de encerramento, a necessidade de introduzir o estudo de José Régio no ciclo complementar do ensino secundário e a níveis superiores.

«José Régio, poeta, escritor e cidadão foi e é para todas as gerações o paradigma da liberdade, independência e justiça», acrescentou.

«Régio foi sempre um exemplo da liberdade livre, de um espírito que não se verga a qualquer poder ou valor da obra e foi um homem que fez justiça a muitos escritores e a muitas obras daqueles que eram ignorados», acentuou.

Após sublinhar que José Régio foi, «quando isso era difícil», um democrata, o ministro da Educação disse que «o poeta nunca foi um adorador da juventude e foi até dos que ousou ser contra ela».

Viale Moutinho, presidente da Direcção dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, entidade que organizou o Congresso, defendeu a instalação de um instituto de estudos regianos comum a Vila do Conde e Portalegre, articulado com centros de investigação.

«Que esse instituto seja culturalmente administrado por especialistas da estética e da literatura do presencismo, com o cuidado rigor de não promoverem de forma carismática José Régio e os demais companheiros da sua geração», advogou.

Ontem, na Casa do Alentejo

Crianças e adultos do "DL" reuniram-se em Festa de Natal

Na Casa do Alentejo realizou-se, ontem de manhã, a Festa de Natal dos trabalhadores da Renascença Gráfica/Diário de Lisboa.

No ambiente fraterno daquela belíssima casa, crianças e crescidos da RG/DL conviveram durante três horas, cantando com José Jorge Letria (nosso antigo companheiro de trabalho), entrando no reino da fantasia com o «Galinho Desobediente», a excelente peça do Teatro Infantil de Lisboa-TIL, e rindo a bom rir com os palhaços musicais «Os Elizabeth».

Azar, azar, foi o pequeno engano de horários – de que ninguém teve culpa – que impossibilitou a actuação do José Barata Moura, esse excelente cantor e amigo do «DL», que todos queríamos ouvir. Foi pena, mas para o ano, na Festa que de novo a Comissão de Trabalhadores organizará, o Zé Barata estará mesmo connosco. Cantando, obviamente.

Para que conste: a BIC, com a oferta de numerosas e funcionais canetas, as Editoras Morumbi e ITAU, enviando livros para os mais pequenos colaboraram com a RG/DL. O que agradecemos.

Perigo de raiva não está esconjurado

Coimbra dá combate aos cães vadios

Foi há um século que Pasteur deu por concluída a preparação de uma vacina contra a raiva, doença atroz e mortal que alguns animais transmitem ao homem.

Um surto de raiva numa altura destas não será a maneira adequada para assinalar o centenário da vacina que lhe foi contraposta, mas existem alguns indícios de que tal possa ocorrer.

Na Alemanha Federal, França, Espanha e também já em Portugal foram ultimamente detectados casos de cães com raiva. Em Portugal, há notícias de um caso no Algarve e outro em Trás-os-Montes.

Sem alarme mas para alertar, convém pensar que o perigo pode não estar esconjurado.

Cães, gatos, lobos e raposas, principais transmissores da doença, não revelam o rasto dos contágios que deixaram, tal como a vaca entrada há dois anos por Monção não denunciou que vinha infestar o parque bovino de Portugal com a dizimadora e ainda incontrolada peripneumonia.

Certas epidemias são assim: insinuam-se a partir de um quase nada e vão rolando como bola de neve até se agigantarem imparavelmente.

Quando aplicada a tempo, a vacina anti-rábica é de eficácia garantida e as regras de sanidade estabelecem a sua aplicação anual nos canídeos que rodeiam os homens. Só que os primeiros não sabem de leis e os segundos esquecem-nas com facilidade.

Cães: só metade está vacinada

Uma estimativa obtida pela ANOP revela que a margem de cães que em Portugal andam regularmente vacinados não excede 50 por cento.

O veterinário municipal de Coimbra, Ferreira de Lima, admite que neste concelho haja para cima de 15 mil canídeos e declarou que vacinou apenas quatro mil, o que significa dizer que essa percentagem está muito abaixo da média.

Nestas condições, pensa o especialista que se um surto de raiva eclodir em força, «isso arrastará grandes riscos para os homens e para os cães, pois que a protecção que se pode opor ao seu alastramento é muito relativa».

Convencer os donos dos cães a cumprirem as normas de sanidade, nomeadamente a vacinação anti-rábica, constitui para Ferreira de Lima uma prioridade absoluta.

Em conjugação com tal desiderato, os Serviços de Higiene e Limpeza de Coimbra encaram medidas de fundo que permitam capturas sistemáticas de cães abandonados.

Pela sua abundância nas cidades, os cães errantes não são espécie cujo risco de extinção tenha de preocupar os grupos de ecologistas.

As ruas onde mais restaurantes e cantinas se aglomeram, com forte cheiro a comida, oferecem diariamente o espectáculo de matilhas a discutir a posse do osso nos intervalos das refregas pelas fêmeas.

Por outro lado, a crónica dos bancos dos hospitais atesta que esses animais nem sempre se comportam como amigos das pessoas, muitas das quais aí têm de se tratar de mordeduras, às vezes de graves consequências.

Acarinhados em cachorros, quando comem pouco, e repelidos quando se tornam demasiado exigentes em comida, abandonados pelos donos em maré de férias ou quando na caça mostram pouco rasgo na descoberta das perdizes, os cães são condenados, sem culpa formada, à liberdade de uma vida airada que não apeteceram.

Surge depois a fome que os torna esquálidos, a falta de limpeza que faz deles veículos de pulgas, carraças e outros parasitas, a ausência de carinho que os torna agressivos.

Sentindo na pele a dureza da vida de cão, não faltam a esses animais motivos para molestar os homens.

O princípio de legítima defesa nem sempre funciona pacificamente, visto haver pessoas que tanto se encrespam contra a canzoada quando esta lhes causa dissabores como logo a protegem contra as capturas.

Novo processo para dar caça

É o que o vereador Viterbo Correia traduz no velho aforismo «preso por ter cão e preso por o não ter», enquanto lamenta a falta de coerência com que essa gente estorva por vezes as acções dos serviços que dirige.

O vereador manifesta-se entretanto disposto a avançar, em 1985, com profundas medidas para diminuir a perigosidade dos cães e minorar os delicados problemas que os animais colocam.

A construção de um novo canil municipal com celas bastantes para hospedar o máximo de animais constitui o ponto de partida para essa campanha repressiva.

Por outro lado, vai ser abandonado o velho processo das apanhas com redes, por que os funcionários são muitas vezes criticados pelas pessoas e feridos pelos cães.

O processo, algo chocante, será substituído por espingardas de ar comprimido que disparam um produto anestésico que não molesta os animais.

Outra medida, esta inédita em Portugal, consistirá na informatização para os cães que vão passando pelas mãos dos Serviços de Higiene e Limpeza, tanto os que usam coleira e pagam imposto como os vagabundos.

As ocorrências da vida desses canídeos vão sendo registadas em fichas que, fornecidas ao computador, permitirão saber a cada momento do currículo de cada animal. A vacinação anti-rábica, que se torna exigível, será por esse sistema controlável.

Rorigues dos Santos da ANOP

de ontem para hoje

Cinco jovens feridos num acidente em Almada

CINCO jovens ficaram feridos, ainda que sem gravidade, quando o carro em que seguiam, conduzido por um deles, não credenciado com carta, se despistou indo embater contra um candeeiro, na Avenida Bento Gonçalves, em Almada. Artur Jorge Crisóstomo, de 18 anos, confessou na GNR da Cova da Piedade que o automóvel, um «Fiat» HP-37-17, era propriedade do seu pai. Quanto à identidade dos outros quatro ocupantes do veículo é a seguinte: Jorge Manuel Paixão Santos, de 19 anos, João Miguel Cavalheiro Marques, da mesma idade, José Ricardo Pais dos Santos, de 20 e Jorge Manuel Soares Oliveira, de 21.

RFA dá prémio a Paulo Quintela

O professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dr. Paulo Quintela, acaba de ser galardoado com um prémio internacional de tradução. O prémio, segundo revelou uma fonte daquela Universidade, no valor de dez mil marcos (650 contos), foi atribuído pela Fundação F.V.S. de Hamburgo à obra desenvolvida pelo prof. Paulo Quintela na tradução dos escritores alemães Goethe, Hoderlim, Brecht, Bilke e Nietzsche. O júri era formado por professores universitários da Suíça, RFA e França.

Fogo destrói vivenda em Barcelos

Um incêndio, de origem ainda não determinada, destruiu na tarde de sábado, em Barcelos, um edifício de primeiro andar que estava à venda. O proprietário do imóvel, José Silva Fonseca, residente em Trofa, avaliou os prejuízos em cerca de quatro mil contos. O sinistro foi combatido pelos bombeiros locais com cinco viaturas e trinta homens.

Dois exercícios de fogos reais

O Estado-Maior do Exército anunciou exercícios de fogos reais do Regimento de Artilharia da Serra do Pilar e da Escola Prática de Infantaria. No primeiro caso, os exercícios terão lugar, das 10 horas do próximo dia 19 às 11 do dia seguinte, na zona da serra da Lousada, delimitada pelas povoações de Rio Mau, Midões, Canelas, Figueiras, Santa Comba, Sernade e Sernada. No segundo caso, os fogos reais realizar-se-ão no dia 19, das oito às 18 horas, na zona da Tapada de Mafra, nas povoações de Mafra, Paz, Murgueira, Simões, Arrifana, Boa Vista, Salgados, Barreiralva, Codaçal e Ventureira.

Bancário vitimado no Funchal

Um funcionário bancário, Alberto Artur Luís, de 44 anos, morreu no Funchal quando o automóvel que conduzia se despistou indo enfeixar-se contra um autocarro. O acidente ocorreu na estrada do Bom Sucesso, tendo Alberto Luís chegado já sem vida ao Hospital da Cruz de Carvalho, na capital da Madeira.

Cobrador roubado em 490 contos

Um cobrador, cuja identidade e empresa onde trabalha não foram reveladas pelas autoridades policiais, apresentou-se na esquadra da PSP de Carnide, em Lisboa, afirmando ter sido assaltado por desconhecidos que lhe roubaram uma pasta com 400 contos em dinheiro e cheques e alguns recibos no valor de 90 mil escudos. Os assaltantes actuaram por esticão.

Baleado pela PSP na Rua do Alecrim

Um indivíduo que, na madrugada de ontem, fugia num automóvel roubado na Rua do Alecrim, em Lisboa, foi atingido por tiros «de intimidação» disparados por agentes da PSP. Pompeu de Matos, de 33 anos, recolheu ao Hospital de S. José com ferimentos no abdómen.

Faleceu Aureliano Lima

O escultor e poeta Aureliano Lima, pioneiro em Portugal da escultura em ferro, faleceu ontem, vítima de ataque cardíaco, quando era conduzido para o Hospital de Vila Nova de Gaia. Natural do Carregal do Sal, o extinto, que tinha 68 anos, executou os retratos de Miguel Torga, Teixeira de Pascoaes, Mário Braga, Paulo Q[illegible]tela e Eduardo Lourenço, sendo ainda o autor do monumento a Fernando Pessoa, em Vila da Feira. Quanto às suas principais obras poéticas são «Rio Subjacente», «Cântico e Eucalipto», «O homem Cinzento» e «Espelhos Paralelos». O funeral realiza-se, ao princípio da tarde de hoje, para o cemitério de Mafamude.

Tinha sido condenado à revelia

O empregado de uma «boîte» no Porto, que tinha sido condenado à revelia em três anos de prisão, pelo crime de falsificação de documentos, acaba de ser detido e enviado para a Cadeia de Custoias. A detenção de António Pinheiro da Silva, de 31 anos, foi concretizada na Maia, onde reside.

Recolhido na Escola António Arroio

Abaixo-assinado pede libertação de detida do "caso FP-25"

Um abaixo-assinado dirigido ao Juíz Almeida Cruz pedindo a libertação de Maria do Céu da Silva Pereira Duarte foi entregue no passado dia 13 no 4.º Juízo de Instrução Criminal. Os signatários, 185 alunos e 15 professores da Escola António Arroio, estabelecimento que Maria do Céu frequentava, protestam contra a detenção da sua colega e aluna, sustentando que «nunca procurou eximir-se a eventuais cntactos com as autoridades, o que constitui indício claro de uma consciência tranquila».

O texto solicita ainda os esforços do juíz Almeida Cruz para a definição da situação da detida, «de modo a que se faça desde já justiça permitindo-se a quem presumivelmente é inocente, que aguarde em liberdade a realização do seu julgamento».

Por fim, os signaários afirmam a sua disponibilidade para realizarem todas as iniciativas necessárias à reposição da justiça e à reparação de actos que põem em causa a dignidade e o direito dos cidadãos portugueses.

«Estamos presas e espantadas

Em documento divulgado à Imprensa, as detidas do «caso das Forças Populares 25 de Abril» fazem a anatomia da sua situação, à luz dos acontecimentos políticos que se vivem em Portugal.

Deste modo, e depois de enumerarem os factos mais preocupantes que o País vive — despedimentos, estudantes sem aulas, campos ao abandono, indefinição prisional de 50 acusadas de terrorismo —, as signatarias sublinham que se encontram presas cada vez mais pessoas por roubarem para comer. «Qualquer animal reage da mesma maneira quando passa fome», realça o comunicado.

Esta situação, leva a que as detidas considerem que «tudo está programado — o poder sabe que a situação que gerou faz com que as pessoas levantem a voz e reclamem. Por isso aprovou uma «lei da segurança interna», que é, «conjuntamente com as nossas prisões, uma clara ameaça ao Povo Português».

Por tudo isto, as detidas no âmbito do «caso FP-25» consideram-se espantadas, «mass lúcidas e capazes de denunciar sempre os actos terroristas cometidos por este poder».

Agora é assistido por quatro médicos

"Disc-jockey" de Leiria a 145 horas do 'Guiness'

O jovem «disc jockey» leiriense Aníbal Roque estava, ao meio-dia de hoje, há 226 horas consecutivas a pôr e tirar discos, na esperança de não parar até à uma hora da madrugada do próximo dia 23. Se o conseguir, Roque igualará o recorde de um inglês que não conhece e se chama John Sharples, de Lencashire, maratonista que aguentou 371 horas no mesmo teste, passando por isso a figurar no «Guiness Book».

Aníbal Roque quer ocupar o seu lugar e espera, pelo menos igualar o recorde. Com 226 horas no activo, tem quase 2/3 da missão cumprida e conta não parar definitivamente nas próximas 145 horas. «Mas tem alturas em que perde as forças momentaneamente, sobretudo de madrugada, nas horas de sono», disse-nos esta manhã o bombeiro-ciclista Carlos Vieira, um dos seus mais acérrimos apoiantes e o primeiro português a constar do «Guiness» por ter cometido uma proeza.

Carlos Vieira, aliás, apresta-se para passar a figurar em dois capítulos distintos do «Guiness», sempre à custa de uma bicicleta. O jovem que o ano passado bateu o recorde mundial de resistência em cima de uma bicicleta, quer ir a Inglaterra para pulverizar o recorde de «ciclocross», também na posse de um inglês, que está em dois dias, oito horas e 45 minutos na distância de 436 quilómetros.

O bombeiro-ciclista, que esta manhã havia completado 24 horas de serviço consecutivo no quartel dos Bombeiros de Leiria e que só na quarta-feira regressará ao seu posto, folgando toda a tarde de hoje e amanhã, disse ao «DL» que a sua «aventura» apenas depende de alguns apoios publicitários e financeiros que está a ultimar. Desde que os consiga, viajará para Lencashire para desbaratar um recorde obtido, segundo ele, em 1981. Isso poderá acontecer nos primeiros meses do ano que vem.

Quem está com ele

Aníbal Roque, entretanto, mantém-se disposto a bater a maratona de John Sharples, contando com o apoio de uma equipa que integra Carlos Vieira e o cardiologista leiriense Fernando Lopes (um dos quatro médicos que agora o acompanham), o massagista João Manuel Zeferino, como referimos há dias, e o também jovem bombeiro Luís Pinto.

Até ao presente, Aníbal Roque tem superado as chamadas «crises da madrugada» e, depois de recuperar dos «ataques de sono» manifesta «uma indómita vontade de entrar no «Guiness», disse-nos ainda o «38» dos Bombeiros de Leiria, Carlos Vieira. «Nunca se sabe o que acontecerá a seguir — acrescentou — mas uma coisa é certa: o futuro só dele depende.»

Aníbal Roque, de 18 anos, filho mais velho de uma família que cedo ficou órfã de pai, tomando ele o seu lugar no sustento dos cinco irmãos mais novos, descansa cinco minutos de duas em duas horas, como prevê o regulamento do «Guiness». Um dos seus apoiantes disse-nos entretanto que ele «parece mais gordo»...

Vinte e cinco anos a alugar automóveis

«O País atravessa períodos difíceis, talvez uma das maiores crises deste século, sem dúvida a maior dos últimos 25 anos» – disse o director-geral da Avis-Rent a Car, durante a celebração das bodas de prata daquela empresa.

Contudo, José da Silva não quis dar um tom pessimista ou pouco esperançado às suas palavras: muito pelo contrário, sem optimismo irrealista, a esperança é hoje tão grande ou maior do que há 25 anos» – completou o director-geral da Avis.

Referindo-se à empresa que dirige, José da Silva especificou que se trata de «uma empresa sólida que tem sabido responder aos desafios das épocas e crises que já atravessou». «Mas é preciso não nos iludirmos com os números ou descansarmos à sombra das posições conquistadas» – disse.

José da Silva, durante a conferência de imprensa, faz para os jornalistas um balanço dos 25 anos da empresa

Um pouco de história

A Avis iniciou a sua actividade em 1946, quando Warren E. Avis, em Detroit, abriu o primeiro balcão de aluguer, em Willow Run Airport.

Começou por chamar-se Avis Arlines Rente-A-System, sendo retirada a palavra «Airlines», em 1948, à medida que o negócio se expandiu em diversas cidades dos EUA.

Presentemente, a Avis Rent a Car estende-se a 110 países diferentes, com 63000 estações de aluguer, uma frota de mais de 27000 viaturas e com 11000 funcionários.

A licença é concedida em Portugal em 1959, por parte da Avis Rent a Car à empresa portuguesa C. Santos, que começa então a operar com 12 automóveis. A partir de 1972 e mercê da qualidade dos serviços prestados é formada uma sociedade «joint venture», tendo como sócios o grupo Eminco-C,. Santos, com 66% do capital e a Avis Internacional com 33%.

Actualmente, o capital social da empresa é de 300 000 contos e no próximo ano está previsto que atinja os 480 000 contos.

Presentemente, a Avis Rent a Car dispõe de uma frota constituida por 3200 viaturas, com 26 modelos diferentes, o que representa 23 por cento da frota total de viaturas de aluguer em Portugal.

Quanto a pessoal e a estações de aluguer, a Avis emprega cerca de 400 trabalhadores, espalhados por 108 estações implantadas em 46 localidades, incluindo todos os aeroportos.

Para assinalar os 25 anos de existência no nosso país, a Avis Rent a Car reuniu num hotel de Lisboa todos os seus funcionários, que juntamente com outros convidados e «em especial os órgãos de Comunicação Social» (como foi salientado) participaram num almoço comemorativo.

Dez operários portugueses acusados de fraude em França

As autoridades francesas acabam de processar dez antigos operários portugueses da Central Nuclear de Cruas (Ardeche) a quem acusam de estar indevidamente a receber há vários meses subsídios de desemprego. O montante da fraude à Agência Nacional para o Emprego (ANPE) foi avaliado em cerca de um milhão de francos (17.500 contos).

A burla foi descoberta quando as autoridades começaram a suspeitar da passagem regular do grupo de dez operários pela pequena cidade de Cruas, no dia em que a ANPE pagava o subsídio de desemprego.

Deste modo, os dez homens foram interpelados e detidos na passada sexta-feira, no momento em que se preparavam para receber o subsídio.

De acordo com a acusação, para um investimento médio gasto em cada viagem, de 14 contos, os falsos empregados da Central Nuclear de Cruas trariam de França entre 52 a 140 contos.

Com emigrantes vindos de França

Descarrilamento em Espanha atrasou "comboio de Natal"

O primeiro comboio especial de emigrantes, relativo à época do Natal, e proveniente de França, chegou com ligeiro atraso a Santa Apolónia devido ao descarrilamento de um comboio de mercadorias ocorrido ao fim da tarde de sábado, em Espanha, próximo de Fuentes de Onoro.

Completamente cheio, o comboio 21 002 escalou Lisboa cerca da meia-noite desse dia.

Entretanto, segundo revelou esta manhã ao «DL» o dr. Jorge Pestana, do Serviço de Relações Públicas da CP, ainda dentro da quadra do Natal, estão programadas as chegadas a Santa Apolónia de um comboio no dia 23 e de quatro, ou cinco, no dia 24.

Casas de praia são as mais polémicas...

Almada: 20 realojamentos em tempo de construir 30 mil fogos

Almada: a necessidade de construir 30 mil fogos no prazo de cinco anos torna particularmente relevante a entrega de 20 casas a famílias mal alojadas do concelho. A demolição das barracas em que até há poucos dias se encontravam alojadas essas famílias deu, ainda, um significado especial a uma acção que, apesar de tudo, teve (tem e terá) alguma contestação e estranheza como pano de fundo.

Alguns números, primeiro: existem, actualmente, no concelho de Almada, 43444 alojamentos, dos quais 8441 se encontram superlotados. Os edifícios com mais de 40 anos somam 5740, enquanto o total de barracas é de 313. Do ponto de vista do «conforto», alguns elementos: ainda existem, neste concelho urbano, 1799 casas sem água, 1200 sem retrete, 499 sem cozinha e 3929 sem casa de banho.

As dúvidas são, pois, naturais, sempre que se concretiza qualquer acção municipal no domínio da habitação. Exactamente como «quando nada se faz relativamente às barracas, particularmente as das praias», segundo nos diz uma fonte autárquica.

No caso da acção desencadeada na semana passada, os grandes «problemas» surgiram com a demolição de algumas barracas na Costa da Caparica, enquanto algumas outras sobreviviam à mobilização das máquinas da Câmara. «Isto nem sequer é de estranhar porque se trata de uma das zonas mais sensíveis do concelho. Há bastantes interesses por detrás disso tudo» – segundo a mesma fonte.

«As barracas que não foram derrubadas têm uma explicação. Os seus proprietários não se mostram favoráveis ao realojamento e isso deve-se ao facto de alguns deles as destinarem ao aluguer no Verão e ao facto de outros as utilizarem como armazéns» – afirmou-nos uma outra fonte da Câmara de Almada.

A verdade é que o processo da semana passada foi absolutamente planeado, segundo apurámos. Em dois locais diferentes compareceram máquinas e camionetas da Câmara, para derrubarem as barracas «libertadas» e carregarem os haveres de quantos iriam ser realojados. Qualquer coisa de aparentemente simples mas que levou à quase completa paralisação das obras no concelho pela mobilização de meios a que obrigou.

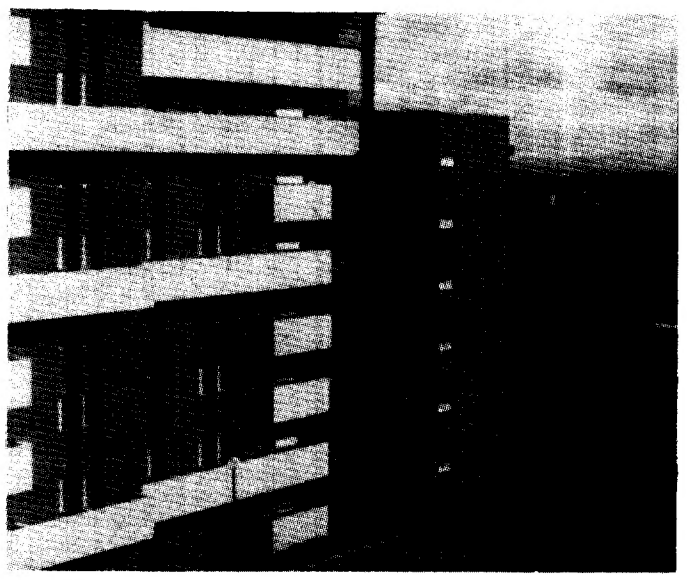
As necessidades habitacionais do concelho de Almada ficam, assim, completamente claras. O simples realojamento de 20 famílias acaba por assumir características de grande acontecimento com o que poderá estar «por trás».

Citemos alguns números mais para explicar a situação: em quatro concursos realizados para atribuição de casas, por intermédio da Câmara de Almada, apareceram 16365 concorrentes. A questão é que apenas seriam atribuidos 1337 fogos..

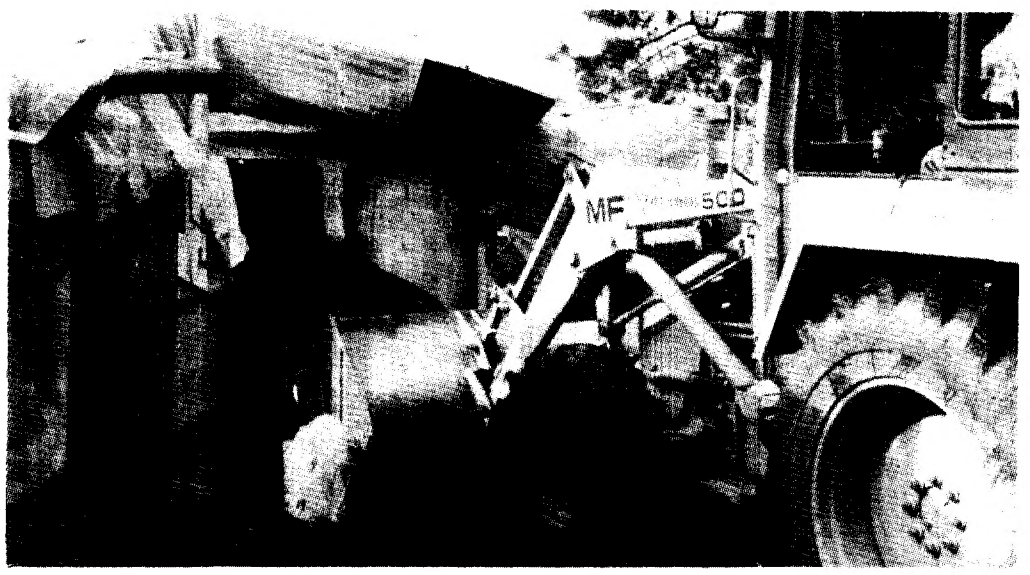
As carências habitacionais de 30 mil fogos, calculadas pelo município tendo em vista o ano de 1990, têm algumas especializações que importa reter: nove mil deverão ser de renda social e 12 mil de renda limitada.

«Nunca na minha vida pisei soalho meu» – eis uma frase ouvida a um dos cidadãos agora realojados em casas construídas no âmbito do Plano Integrado de Almada.

«A Câmara Municipal de Almada está consciente de que não resolverá por este processo, só, o problema das habitações degradadas, da marginalização e, consequentemente, da marginalidade» – acentuam os responsáveis da autarquia.



Os edifícios destinados ao realojamento



A demolição de duas dezenas de barracas obrigou a uma grande mobilização de máquinas

Presidente da Câmara do Funchal vê obstáculos no Governo

O presidente da Câmara Municipal do Funchal, Sá Fernandes, acusou o Governo da República de criar obstáculos à aprovação de uma proposta de empréstimo bancário para fazer face à dívida de 2 milhões e 300 mil contos que o município enfrenta.

Em conferência nos Paços do Concelho, João Sá Fernandes disse que para desbloquear de imediato a situação, «dadas as graves repercussões que tem vindo a criar a algumas empresas, «está elaborada uma proposta de empréstimo bancário para reequilíbrio financeiro no montante de 1 milhão e 515 mil contos.

A proposta prevê o pagamento da quantia num prazo de 16 anos, com a utilização dividida em três fases.

Contudo, observou, as instituições de crédito só poderão apreciar a referida proposta ou solicitar a sua reformulação após receberem directivas do Banco de Portugal, as quais derivarão da regulamentação a aprovar pelo Governo da República.

O Governo da República, sublinhou Sá Fernandes, deixou passar o prazo que fixou para aprovar o modo e a forma como serão celebrados os contratos de reequilíbrio financeiro, cuja data expirou a 27 de Julho de 1984, previsto no regime das finanças locais.

«Vemo-nos bloqueados pelo Governo da República que não demonstrou, até aqui, capacidade ou vontade política de resolver, dentro do prazo que se fixou, os problemas postos pela necessidade de reequilibrar financeiramente os municípios», disse Sá Fernandes.

O presidente da edilidade referiu que a medida preconizada é «imprecindível para o desbloqueamento dos problemas financeiros da Câmara do Funchal e de muitas outras do País». Do facto, afirmou, foram postos ao corrente o ministro da República e os secretários de Estado da Administração Autárquica e do Tesouro, e a Associação Nacional dos Municípios Portugueses.

Sá Fernandes disse que irão continuar os esforços para o desbloqueamento do processo e apontou ser da exclusiva responsabilidade do Governo da República as graves consequências que o protelamento da situação acarreta para empresas e trabalhadores».

A dívida da Câmara Municipal do Funchal que se reflecte no não pagamento «desde o lápis ao cimento» (nas palavras de Sá Fernandes), distribui-se por empreiteiros, 550 mil contos, fornecedores, 200 mil contos e serviços da dívida com empréstimos protelados.

A gravidade da situação apontada pelo responsável da edilidade poderá provocar a paralisação de obras, de acordo com as suas declarações, que referem não existirem problemas com os pagamentos aos funcionários camarários.

Em 1983 foram satisfeitos 583 mil contos em dívidas, pagas pelo Governo Regional, e já em 1984 foram concedidos empréstimos na ordem de 650 mil contos e de 375 mil contos.

Na perspectiva de novos aumentos

Revendedores de combustíveis querem novas margens de comercialização

Cerca de seis centenas de revendedores de combustíveis exigiram sábado na Figueira da Foz que a margem de comercialização seja indexada sempre que se verifiquem aumentos.

Reunidos em Assembleia Geral, os revendedores de combustíveis mandataram a direcção da «ANAREC» para negociar com o Governo e companhias distribuidoras novas margens de comercialização.

Actualmente a margem de comercialização por litro de gasolina é de 1,59 centavos.

Fernando Luís Cardoso, vice-presidente da mesa da Assembleia Geral de ANAREC (Associação Nacional dos Revendedores de Combustíveis) disse à NP que «a classe quer tratar directamente com o Governo os problemas que a afectam».

A direcção da ANAREC foi também mandatada para resolver com as companhias distribuidoras a margem de utilização (aluguer) dos postos de abastecimento.

Segundo revelou Fernando Luís Cardoso, «verifica-se neste capítulo uma situação absurda» já que a nível oficioso soube-se na Figueira da Foz que foi concedido o aumento de sete centavos na margem de comercialização, e as companhias de distribuição «vão exigir em Janeiro oito centavos pela utilização dos postos».

Na Assembleia Geral foi também abordada a questão da segurança nos postos de abastecimento, que a direcção irá debater com as entidades competentes.

A eventualidade de o gasóleo verde, destinado apenas à agricultura, poder vir a ser comercializado pelas cooperativas foi outro dos assuntos debatidos nesta Assembleia Geral.

Finalmente, foi aprovada uma proposta que expira a 10 de Janeiro para que o Governo e empresas distribuidoras recebam a direcção da ANAREC. Se tal não vier a acontecer, a direcção convocará nova Assembleia Geral com um ponto de agenda de trabalhos sobre «medidas de emergência a adoptar pela classe».

Esta madrugada em Coimbra

Distúrbios em discoteca levam furriel à prisão

Elementos da equipa de râguebi da Associação Académica de Coimbra provocaram, ao princípio desta madrugada, distúrbios na discoteca «ETC.», localizada na Rua D. Afonso Henriques, naquela cidade, provocando prejuízos que o proprietário do estabelecimento avaliou em cerca de seiscentos contos.

A mesma fonte referiu esta manhã ao «DL» que a acção terá sido dirigida pelo eng. José Varanda, dirigente do clube, na sequência de uma discussão, seguida de confronto físico que tivera na passada quinta-feira, no interior da discoteca, com um outro cliente.

O proprietário da discoteca acusa os reguebistas, em número de vinte, de terem danificado a cobertura em chapa metálica que protege a entrada do estabelecimento, tendo posteriormente entrado no armazém, onde danificaram «tudo o que encontraram pela frente».

Um dos intervenientes nos distúrbios (furriel do Exército) foi detido pela PSP, devendo ser ainda hoje presente o juízo de Instrução Criminal da comarca.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

OS sinais exteriores da crise são aos molhos. Já nem me refiro às centenas de milhares de desempregados, aos muitos e muitos milhares de trabalhadores com os salários em atraso.
Refiro-me, nem já ao comércio que não faz negócio, à fruta que não se vende, à carne sem compradores – e aí estão os autocarros cheios de tosses, as crianças mal alimentadas com subaproveitamento nas escolas. Refiro-me a coisas mais miúdas que se metem pelos olhos dentro, se os tivermos bem interessados a olhar a realidade.
As bancadas vazias, por exemplo, ou com impressionantes clareiras, nos jogos de futebol. «Domingo Desportivo» é, nesse aspecto, um documento impressionante. Sendo o futebol uma diversão, e sendo a diversão uma característica da crise (a tendência das pessoas, acossadas, é para a evasão) sucede que a crise é de tal ordem que já nem a invasão permite!
Curiosamente, verifica-se que os lugares mais atingidos são as bancadas centrais, as mais caras, ao contrário do que, há anos, acontecia. No jogo do Benfica-Penafiel assim foi. Isto quer dizer que a crise já começou a bater à porta da burguesia habitualmente com mais poder de compra. Ou seja: a base social de apoio do Governo começou já a esfarelar-se.
Outro sintoma eloquente é o dos táxis, em Lisboa. É vê-los sem ninguém, na caça aos fregueses. Pela primeira vez, desde que me conheço, vejo táxis disponíveis na época do Natal, em plena Baixa. Espectáculo inédito. Outro é o das praças. Eis que as praças ressuscitam depois de, inclusivamente, as placas com o indicativo terem desaparecido. Estão cheias. Estão cheias porque os nossos bolsos estão vazios.
Aos pequenos proprietários dos táxis têm sido impostos tremendos sacrifícios. Há dias, um condutor pôs-se a desfiar o rosário das suas queixas. Era um não acabar de taxas, de aumentos, de carestias, resultado: quando um carro sai para trabalhar, já vai (para utilizar a sua expressão) «penhorado».
Com tudo isso, os preços têm de subir, as pessoas retraem-se, os prejuízos acumulam-se. Muitos carros deixam de circular à noite – e a cidade, desprovida desses anjos (salvadores quantas vezes!) ainda mete mais medo...
A crise não anda de táxi. Mas os responsáveis dela andam em automóveis com gasolina que não pagam...

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 66801 para «PROCESSO PARA A POLIMERIZAÇÃO DE ETILENO OU — OLEFINAS E CATALISADOR PARA OS MESMOS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.
1000 — LISBOA

ALHANDRA TERRENO

Vende-se

Urbanizado com 300 m². Contacte Tel. 982 67 46 (noite).

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 79/84

«HASTA PÚBLICA PARA ATRIBUIÇÃO DO DIREITO DE OCUPAR ESPAÇO PÚBLICO DESTINADO À EXPLORAÇÃO DE UMA ESPLANADA NO PARQUE DE MERENDAS EM MONSANTO».

Faz-se saber que no dia 9 de Janeiro de 1985, pelas 10.00 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171/C, Lisboa, a Hasta Pública acima referida cujo número de processo é o 12/84/HP

O programa da Hasta e respectivas condições serão publicadas no Diário Municipal e o processo encontra-se patente todos os dias úteis na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da D.S.T.E., Av. 24 de Julho, 171/C, bem como na Direcção dos Serviços de Espaços Verdes — Repartição Administrativa, sita no mesmo local, onde se prestam todos os esclarecimentos.

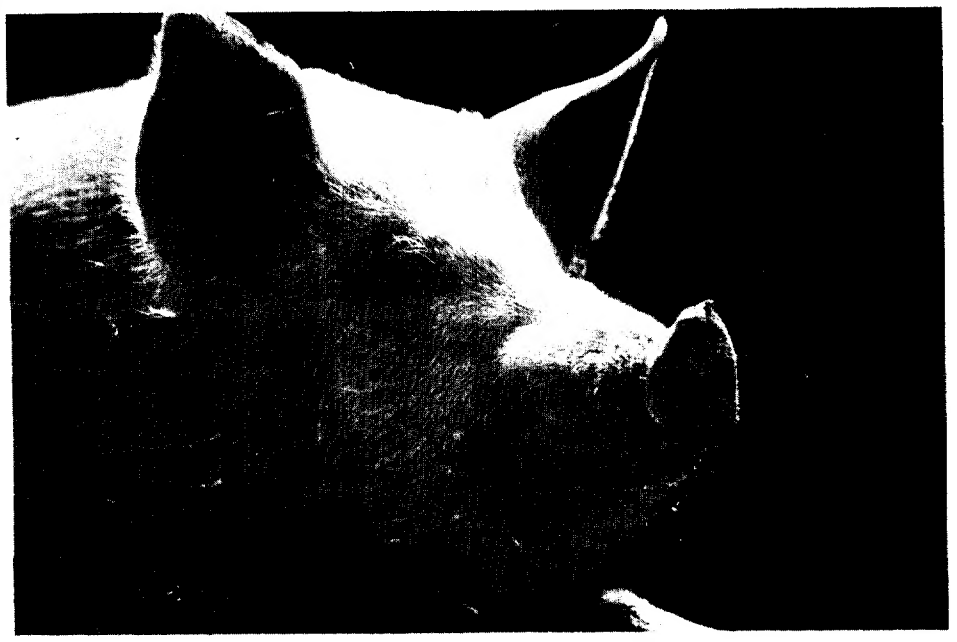
Paços do Concelho de Lisboa, 5 de Dezembro de 1984

O Presidente
Por Delegação
O Vereador
ALBERTO SEGURO DIAS

S. R.

DIRECÇÃO-GERAL DA PECUÁRIA

DECLARAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS DE SUÍNOS



Senhor SUINICULTOR:

Durante os meses de Abril e Dezembro, a lei obriga-o a declarar o número de suínos existentes na sua exploração, assim como a localização desta.

Faça a declaração de existências, qualquer que seja o número de suínos que possua. Só assim os serviços oficiais poderão estabelecer programas eficazes no combate à Peste Suína Africana.

Colabore deste modo com os serviços oficiais na luta contra a Peste Suína Africana.

Tenha em atenção os Editais dos Serviços Regionais de Agricultura, afixados nos locais habituais.

Não esqueça!
O prazo termina já em 31 de Dezembro

Gonzalez reeleito secretário do PSOE

"Luz verde" à permanência da Espanha na NATO

Os socialistas espanhóis aprovaram ontem em Congresso a permanência da Espanha na NATO, dando «luz verde» à posição do Governo anunciada por Felipe Gonzalez no passado mês de Outubro.

A moção oficial sobre política externa, em cujo debate participou pessoalmente o presidente do Governo e secretário-geral do PSOE, incluía a permanência da Espanha na NATO, sem integração na estrutura militar, e o desmantelamento progressivo das bases norte-americanas em território espanhol.

O trigésimo Congresso Nacional do Partido Socialista Operário Espanhol terminou, depois de quatro dias de trabalhos, com a reeleição de Felipe Gonzalez no cargo de secretário-geral, por 96,12 por cento dos votos.

Para a direcção do partido foi eleita a única lista apresentada, em que além de Felipe Gonzalez, foi reeleito Alfonso Guerra como vice-secretário-geral.

A corrente «Esquerda Socialista», liderada por Pablo Castellanos, apresentou uma lista alternativa para o Comité Federal, órgão máximo entre congressos, conseguindo 26 por cento dos novos membros.

O Congresso aprovou as teses da maioria oficialista, significando uma vitória e reforço das posições pessoais de Felipe Gonzalez e da maioria dos actuais dirigentes do PSOE.

Apesar do reforço político das posições de Felipe Gonzalez, depois de ver aprovada a principal moção sobre política externa, em que se inclula o tema da NATO, verificaram-se algumas tensões na distribuição do poder.

Felipe Gonzalez impôs os seus critérios e evitou a pretensão dos dirigentes regionais, que com a criação do conselho político e a continuação na comissão executiva desejavam manter ou aumentar sua influência na direcção partidária.

O Congresso do PSOE, o primeiro desde que os socialistas assumiram o poder, terminou, sem maiores surpresas, com a eleição da comissão executiva e uma sessão em que Felipe Gonzalez expôs as responsabilidades nacionais do partido.

Os socialistas espanhóis «podem e devem fazer progredir a sociedade espanhola» – afirmou Felipe Gonzalez, que convidou os militantes a «perseverar no sentido de unidade e fortalecimento do partido».

Felipe Gonzalez ocupa a secretaria-geral do PSOE há dez anos com uma breve interrupção de três meses.

Durante o vigésimo oitavo congresso, Felipe Gonzalez recusou-se a presidir a uma lista para evitar a radicalização do PSOE pela esquerda.

Na sessão de encerramento cantou-se a Internacional Socialista com a maior parte dos delegados e dirigentes com o punho ao alto, à excepção de Felipe Gonzalez, Enrique Mugica, Manuel Chavese Fernandez Marugan, membros da comissão executiva.

Felipe Gonzalez levantou o punho e saudou com o sinal da vitória, quando os delegados o aclamaram pela reeleição como secretário-geral.

A vitória de Felipe Gonzalez é tanto mais importante quanto se atender a que o secretário-geral e presidente do Governo se empenhou pessoalmente na defesa da posição mais polémica deste Congresso – a permanência da Espanha na NATO, que veio a ser aprovada por 412 votos a favor, 126 contra e 42 abstenções.

Entre as principais novidades da nova comissão executiva, está o facto de ter sido reduzida de 25 para 17 membros.

Os altos cargos, incluindo os ministeriais, à excepção do presidente e vice-presidente do Governo, foram declarados incompatíveis com a participação neste órgão.

Três ministros que faziam parte da direcção anterior abandonaram por isso a comissão executiva.

Por outro lado, Txiki Benegas, secretário-geral dos socialistas bascos, foi eleito secretário de organização, passando a ocupar o terceiro lugar na hierarquia da comissão executiva.

A criação da secretaria executiva de relações internacionais, para que foi eleita Elena Flores, que já se ocupava destas funções, embora sem pertencer à comissão executiva, é outra das novidades da direcção actual do PSOE.

A criação de um conselho político, proposta por alguns dirigentes regionais, em que eles deveriam estar incluídos, não foi aprovada.

Enrique Mugica, membro da anterior direcção, passou a ocupar a secretaria executiva de Relações Institucionais, uma das mais importantes da comissão executiva.

Reagan estuda visita a Madrid

O presidente Ronald Reagan estuda a possibilidade de realizar uma visita ofinial a Espanha em Maio de 1985, informaram no sábado passado fontes diplomáticas em Madrid.

O presidente norte-americano, que assistirá à cimeira dos países industrializados, a realizar em Maio de 1985 em Bona, Alemanha Federal, realizará depois uma série de visitas por vários países europeus, disseram as mesmas fontes.

Nem o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, nem o secretário de Estado espanhol para as relações com os países da Comunidade Europeia, Manuel Marin, confirmaram a visita de Reagan.

Mitterrand:

Norte do Chade "é apenas um deserto"

O presidente francês, François Mitterrand, atacado internamente pelo alegado fracasso em assegurar uma retirada líbia do Chade, defendeu esta noite a sua política externa afirmando que ela só poderá ser julgada a longo prazo.

Mitterrand disse numa entrevista à Televisão que não planeava enviar tropas francesas para o Norte do Chade, onde a França afirma permanecerem cerca de 3000 soldados líbios, apesar do acordo de retirada assinado em Setembro passado entre Paris e Tripoli.

Disse que tal operação seria totalmente inútil.

«Essa área é apenas um deserto com poucos oásis. Não se põe sequer a ida para lá do Exército francês», declarou Mitterrand.

O presidente acusou os anteriores governos pela tensão na Nova Caledónia, território sob dominação francesa no Pacífico Sul, onde militantes melanésios exigem a independência. Os colonos franceses, que são a maioria, opõem-se a terminar com os laços que os ligam ao governo de Paris.

Mitterrand disse que uma decisão de 1956 para garantir a autonomia limitada do território nunca tinha sido aplicada, mas recusou-se a comprometer-se sobre o futuro da Nova Caledónia.

Interrogado sobre se o território ficaria brevemente independente da França, replicou: «Pode ser, mas não é ainda o caso».

123 RTP concurso

NOME .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Localidade ..... Cod. Postal .....
Telefone .....
Freguesia ..... Concelho .....
Tem televisor? ..... N.º Licença .....
ACOMPANHANTE .....
Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso 123, Dois Três, Apartado 4119, 1508 Lisboa Codex

Thatcher visita EUA e China

A primeiro-ministro britânica, margaret Thatcher, deixa hoje Londres para uma viagem de seis dias que a levará até aos Estados Unidos e à China.

Depois de manter em Washington conversações com o presidente Ronald Reagan, a senhora Thatcher voará até Pequim, onde quarta-feira assinará com os dirigentes chineses o acordo que devolverá Hong-Kong à China em 1997.

Em declarações a agência noticiosa oficial chinesa Nova China, a chefe do governo de Londres disse que o acordo permitirá que Hong-Kong continue a ser um centro regional económico, comercial e financeiro.

Por seu turno, funcionários britânicos indicaram que a oportunidade de Thatcher manter conversações com reagan e «com a nata do mundo comunista» em menos de uma semana oferece a possibilidade única de auscultar tanto o Leste como o ocidente nos temas da paz e do comércio internacional.

Efectivamente, margaret Thatcher teve um encontro durante o fim-de-semana, na sua residência oficial de campo, em Chequers, como «número dois» da liderança soviética, Mikhail Gorbachev, que efectua uma visita a Grã-Bretanha.

Gorbachev apontado por comentadores como o provável sucessor do presidente soviético Konstantin Chernenko debateu com Thatcher a forma de reduzir as armas nucleares e evitar uma corrida aos armamentos no Espaço, revelaram fontes britânicas.

Mas, após quatro horas e um quarto de conversações, as fontes não indicaram se Margaret Thatcher obteve quaisquer pormenores sobre a posição que os soviéticos irão adoptar nas conversações preliminaares com os Estados Unidos em Genebra, no próximo mês de Janeiro.

Mikahil Gorbatchev, Raisa Gorbatchev, e Margaret Thatcher. A primeiro-ministro do Reino Unido estava já de malas aviadas para uma visita aos EUA e à China. (Telefot UPI/NP/«DL»)

Gorbachev leu a Thatcher uma mensagem do presidente soviético Konstantin Chernenko e, embora as fontes indicassem que ela fora escrita em termos calorosos, o seu conteúdo não foi revelado. Afirmou-se apenas que a mensagem transmitia uma «atitude positiva» de Chernenko relativamente às relações internacionais.

As conversações foram descritas por fontes britânicas como «muito amistosas, pragmáticas e descontraídas».

O diário do Partido Comunista Soviético, «Pravda» escreve hoje que o convite feito a Gorbachev para visitar Londres, demonstra «um aumento das tendências realistas» do governo britânico.

«Há uma convicção crescente nas capitais da Europa ocidental de que a confrontação política e militar nos últimos anos não apenas não trouxe quaisquer vantagens para o Ocidente, como também resultou em grandes perdas políticas e económicas para esses países», diz o «Pravda».

Exército de El Salvador rejeita tréguas de natal

O comandante do Exército salvadorenho rejeitou sábado passado as tréguas de Natal propostas pelos guerrilheiros, enquanto o presidente Napoleon Duarte anunciava ter ordenado às Forças Armadas que garantissem a segurança durante a quadra festiva.

«Não temos que respeitar tréguas que não foram propostas pelas nossas Forças Armadas», disse o chefe do Estado-Maior do Exército, coronel Adolfo Blandon.

Fontes militares disseram que muitos oficiais veriam na observação das tréguas propostas pelos guerrilheiros – recebidas com satisfação por Napoleon Duarte – uma espécie de reconhecimento da reivindicação guerrilheira de integrar as Forças Armadas em igualdade de estatuto.

Também no sábado passado, um novo «esquadrão da morte» da direita surgiu em El Salvador, prometendo vingar a morte de um comandante militar e «abater todos os elementos comunistas» do actual governo, que é – recorde-se – apoiado pelos EUA.

Num comunicado aos órgãos de informação de San Salvador, o grupo disse que se intitula «Comando Domingos Monterrosa», em memória de um estratego militar morto em Outubro quando foi atingido o helicóptero em que seguia.

Dirigente do MIR

O alegado dirigente do Movimento Chileno de Esquerda Revolucionária (MIR), do Chile Gabriel Vergara Vargas, foi morto num confronto com a Polícia.

O ministro secretário-geral do governo, Francisco Javier Cuadra, disse que agentes policiais que faziam uma rusga na Rua Santa Elvira da capital chilena interceptaram uma pessoa a quem pediram a identificação e que lhes respondeu com um disparo de revólver

Os agentes da Polícia, ao repelirem a agressão, mataram o indivíduo que identificaram posteriormente como sendo Fernando Gabriel Vergara Vargas, alegado dirigente do MIR, que saíra do País em 1975 com destino ao México.

A partir de 1980, Vargas passou a figurar numa lista de exilados impedidos de regressar ao Chile.

As autoridades indicaram que encontraram em casa de Vargas um núcleo de comunicações para a região metropolitana e para a quinta região (Valparaíso) através da Rádio de Libertação Nacional.

Confrontos nos estaleiros polacos de Gdansk

Confrontos entre manifestantes e a polícia polaca ocorreram ontem em frente aos estaleiros Lenine de Gdansk (Polónia), quando decorria uma homenagem aos trabalhadores que morreram nos incidentes de há 14 anos.

Promotores da homenagem afirmam que a Polícia deteve várias pessoas, entre as quais Andrzej Gwiazda, que foi vice-presidente do sindicato ilegalizado «Solidariedade» e que encabeçava manifestação juntamente com Lech Walesa.

Os confrontos ocorreram quando os manifestantes depositavam flores junto ao monumento erguido em frente aos estaleiros em memória dos trabalhadores que morreram nos incidentes de 16 de Janeiro de 1970, na sequência de protestos contra aumentos dos produtos alimentares.

A Polícia — afirmam os promotores da manifestação — utilizou mangueiras e cacetetes para dispersar as cerca de 15 mil pessoas que se concentraram junto ao monumento.

À actuação da Polícia, os manifestantes responderam com palavras de ordem de apoio ao «Solidariedade», alusivas à morte do padre Popieluszko e gritos de «assassinos» e «Gestapo».

Antes da manifestação, o padre dos estaleiros, Henryk Jankowki, celebrou uma missa, durante a qual se referiu ao assassínio do padre Popieluszko, prometendo que o sangue do sacerdote católico «lançará os seus frutos em prol de um diálogo nacional, em que o piuralismo sindical tenha lugar».

Na missa participaram vários dirigentes do «Solidariedade», entre, os quais Bogdan Lis, libertado há cerca de um mês, Marian Jurczyk, Henryk Wujek e Korol Modzelewski, que pretendiam depositar junto ao monumento uma coroa com cravos vermelhos e brancos «aos mineiros caídos».

As afirmações do padre dos estaleiros foram entendidas como «tremendismo» por jornalistas estrangeiros presentes.

A tragédia de Bhopal

Entre os sobreviventes milhares estão condenados

Milhares de habitantes de Bhopal expostos ao produto químico que escapou da fábrica de pesticidas da cidade virão a morrer de cancro – previu hoje o cientista alemão – federal Max Daunderer.

Max Dauderer, o único especialista estrangeiro em toxicologia a ser chamado pelo governo indiano para investigar as consequências da catástrofe na capital do Estado de Madhya Pradesh disse, no regresso à RFA, que num prazo de aproximadamente seis semanas muitos dos habitantes expostos ao isocianeto de metilo sofrerão de edema pulmonar, que, a não ser curado, provocará a morte.

Uma fuga de isolamento de metilo usado para fabricar pesticidas na fábrica de Bhopal, da multinacional norte-americana Union Carbide, no dia 3 de Dezembro, matou mais de 2500 pessoas e afectou, segundo dados não oficiais, mais de 100 mil dos 800 mil habitantes da cidade, no que é considerada a maior catástrofe ecológica de que há memória.

Bhopal, de acordo com relatos do local, apresenta actualmente o aspecto de uma cidade fastasma, dado o êxodo de grande parte da população, perante o recomeço da laboração na fábrica da Union Carbide.

Peritos da Union Carbide começaram uma operação que se prevê demore cinco dias para se desfazerem das 15 toneladas de isocianeto de metilo que ainda se encontravam armazenadas na fábrica.

Três toneladas foram ontem transformadas em pesticidas.

TOP
★ CUJO
★ AMYTIVILLE III
★ CÃES DE GUERRA
★ LORD GREYS-TOKE A LENDA DE TARZAN

VÍDEOVÍDEO
VÍDEO

VÍDEOVÍDEO
VÍDEO

TOP
★ O IMPÉRIO CONTRA-ATACA
★ OS ELEITOS
★ BREAKDANCE
★ O PODER

TODOS OS GÉNEROS E SISTEMAS DE VÍDEO — AGORA JÁ NÃO PRECISA DE SAIR DO CONFORTO DE SUA CASA PARA SE DISTRAIR. CONSULTE-NOS. TEMOS PARA SI E PARA OS SEUS AMIGOS, UMA VASTA GAMA DE VIDEO CASSETTES DE TODOS OS GENEROS
MARCAS RECOMENDADAS — V. C. L. • WARNER • VIDEORAMA • C. C. C. BEAUTEUMSE • TABU • RIBU • STARLING
TÍTULOS DE ALGUNS FILMES — OPERAÇÃO THOR • BLADE RUNNER • E. T. • SALTEADORES DA ARCA PERDIDA • A FÚRIA DO HERÓI • WAR GAMES BEN-HUR • E TUDO O VENTO LEVOU • FLASHDANCE • THRILLER • POLTERGEIST • A FURIA DO DRAGÃO • ROD STEWART AND HELEN TURNER • AEROPLANE II • BEASTMASTER • FIRE FOX • OCTOPUSSY • NEVER SAY NEVER AGAIN • ROCK III • SUPERMAN III • THE SEVEN GOLDEN MEN BRAINSTORM • AN OFFICER AND A GENTLEMAN • TWILIGHT ZONE

TOP
★ ZONA DE PERIGO
★ PARIS TEXAS
★ SILKWOOD
★ O ÚLTIMO FÔLEGO

TOP
★ HONEY
★ X TRO
★ TOTSIE
★ O CÔNSUL HONORÁRIO

DRUGSTORE «IF» — LOJA «F»
RUA D. ESTEFÂNIA, 121-A • TELEF. 52 20 86 • LISBOA — Aberto das 12.00 às 23.00 h.

SHOPPING CENTER ITÁLIA — LOJA 70
RUA JULIO DINIS • PORTO • TELEF. 948 53 75 (depois das 21 h.) – ATENÇAO: (NÃO CONFUNDIR O NUMERO DA LOJA) — ABERTO DAS 11H ÀS 20H

Com a libertação de presos políticos

Washington já aceita a Polónia no FMI

A administração Reagan, em resposta à libertação de presos políticos na Polónia, decidiu retirar a sua oposição ao ingresso desse país no Fundo Monetário Internacional (FMI) disseram fontes oficiais citadas pela Imprensa norte-americana.

Um porta-voz da Secretaria de Estado recusou-se a comentar a notícia, mas também não a desmentiu.

Segundo o «Washington Post», a Administração anunciará na próxima semana que levantou as suas objecções ao ingresso da Polónia no FMI, o que, a concretizar-se, permitirá a este país receber verbas importantes para fazer face à sua dívida externa, calculada em 35 milhões de dólares.

A recusa norte-americana em permitir a entrada da Polónia no FMI, tem feito parte das sanções decretadas por Washington em resposta à imposição da lei marcial em 13 de Dezembro de 1981.

Gradualmente, os Estados Unidos foram levantando as suas sanções, permanecendo outras, entre as quais aquela que proíbe empréstimos oficiais norte-americanos e a suspensão do estatuto de «nação mais favorecida» para o comércio.

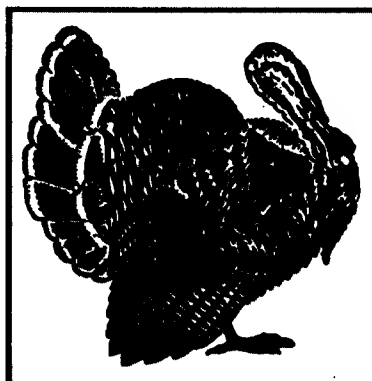
SESIMBRA

Feira de Maio

A Câmara Municipal, aprovou, para 1985, novas normas relativas á forma de exploração dos terrados na Feira de Maio, que se realiza por ocasião das Festas em Honra do Senhor Jesus das Chagas.

Os interessados, para mais informações, devem dirigir-se á Secretaria da Câmara Municipal no horário de expediente.

Informação
CAMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA



PERUS

da raça Mamouth, os mais carnudos, prontos a cozinhar, criados no Alentejo exclusivamente para a nossa Casa e alimentados à base de bolota, milho e verduras. A razão de fazerem sensação os nossos perus é que, para além da suculência da sua carne, muito saborosa e tenra, são verificados pela Inspecção Veterinária da C.M.L.

GARANTIMOS que não sabem a peixe, nem são de aviário.

FRANGOS do campo, prontos a cozinhar, criados em completa liberdade e alimentados só a milho e verduras. Abate diário com inspecção sanitária da C.M.L.

KG. 249$50

OVOS de galinha do campo, gema muito amarela, muito frescos A-2 (os maiores), dúzia ..... **129$50**

TRUTAS do Rio Minho, recebidas às 5.as-feiras directamente de Valença, kg ..... **320$00**

CABRITOS de Celorico da Beira e Beira Baixa, os mais saborosos por serem criados na serra e abatidos no Matadouro Municipal daquelas localidades. Recebidos directamente todas as 5.as-feiras

BACALHAU especial, graúdo e corrente, recebido da seca de Viana do Castelo, o mais saboroso do País.

Bolachas Shortcake, Aliança (pacote)	39$90
Bolachas c/ chocolate, Belinhas, Aliança	69$90
Patos de raça Pequim, carnudos, kg.	359$50
Mel puro de abelhas, de produtores do Alto Minho, kg.	310$00
Miolo de amêndoa especial grado e doce	550$00
Figo m/flor, grado lavado, especial do Algarve, kg	149$50
Ameixa seca, de Borba, grada e carnuda, kg	395$00
Passa de uva moscatel, bago grado, da Amareleja, kg	690$00
Miolo de pinhão, 1.ª escolha, kg	2099$50
Miolo de noz novo, muito branquinho e inteiro, kg	1399$50
Pêra seca da Beira Alta, kg	490$00

e muitos outros frutos secos de 1.ª qualidade, aos preços mais baixos do mercado

GRANDE VARIEDADE EM VINHOS DE MESA E OUTRAS BEBIDAS, ALGUMAS DAS QUAIS A PREÇOS ANTIGOS

É TUDO MAIS BARATO NO

MIMO DAS AVENIDAS

AVENIDA ELIAS GARCIA, 140 • TELEF. 77 34 40

(Cruzamento das Avenidas Elias Garcia e Marquês de Tomar)

Ernâni Lopes voltou a Bruxelas

Pescas, vinho e concentrado de tomate em novas conversações com a CEE

O ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes, está desde ontem em Bruxelas para uma prevista sessão de negociações sobre os termos da adesão de Portugal à Comunidade Europeia.

No caso da pesca, encontra-se praticamente pronta a declaração da Comunidade, estando a sua entrega aos países candidatos apenas condicionada ao levantamento de uma reserva grega, por um lado, e a que os Estados membros julguem oportuna a sua apresentação neste momento.

A reserva grega, relacionada com o montante de ajudas financeiras a conceder à sua indústria de conservas de peixe, é considerada pelos observadores uma questão de fácil resolução, tendo em atenção a proximidade relativa das várias posições.

O problema da oportunidade da apresentação, agora, de uma declaração comunitária sobre pesca é, no entanto, de ultrapassagem mais complicada.

A declaração da Comunidade prevê como duração do período transitório aplicável aos países candidatos (um período durante o qual não terão livre acesso às águas comunitárias) uma solução que é mista e que, na pior das hipóteses, manterá o regime de excepção até ao ano 2000.

Para Portugal, cujas tradições de pesca nas águas comunitárias são nulas, essa hipótese é indiferente, mas para a Espanha, cuja poderosa frota se encontra em subutilização, a possibilidade de aceder às águas da Comunidade seria uma condição de rentabilização.

Nestas condições, a apresentação da declaração da Comunidade poderia ter como consequências que Portugal aceitasse uma proposta que a Espanha tem repetidas vezes considerado inaceitável.

Sob pena de beneficiar a Espanha em relação a Portugal, a Comunidade não poderia alterar posteriormente a sua posição, razão pela qual alguns Estados membros consideram ser inoportuna a apresentação da declaração, na medida em que poderia transformar-se numa razão objectiva de bloqueio.

Pressão portuguesa

Durante a semana passada, a missão portuguesa fez várias diligências junto da Comunidade Europeia no sentido de pressionar a apresentação da proposta, a última das quais revestiu a forma de uma declaração formal.

A incerteza mantém-se ainda, no entanto, enquanto os grandes Estados membros com interesses no sector da pesca (RFA, França, Reino Unido, Irlanda e Dinamarca) medem as consequências da apresentação de uma proposta que lhes defenderia as águas da frota espanhola, mas que conteria o risco de um bloqueio.

No caso da agricultura, por outro lado, vários elementos de incerteza quanto à possibilidade de iniciar a negociação persistiam ainda.

A delegação portuguesa tem afirmado que apenas está disposta a negociar este sector a partir do momento em que a Comunidade coloque sobre a mesa propostas sobre os cereais, vinho, concentrado de tomate, açúcar e azeite.

Uma proposta incompleta sobre o vinho (questões comerciais) deverá ser apresentada pela Comunidade agora e posições sobre açúcar e azeite foram já entregues à delegação portuguesa, embora nenhuma delas satisfazendo as suas exigências.

Restam, portanto, a parte sobre o vinho (relativa à organização comum de mercado, acordada no Conselho Europeu de Dublin, mas ainda não formalizada pelos ministros da Agricultura dos Dez) e posições concretas sobre os cereais (contrapartidas ao sobrecusto financeiro da aplicação do princípio da preferência comunitária) e sobre o concentrado de tomate (acesso ao mercado comunitário).

Nestas condições, não se sabia, ainda, de que forma poderiam as negociações ser iniciadas, mas uma solução poderia vir a ser adoptada com a atribuição de um mandato ao vice-presidente da Comissão Europeia encarregue do alargamento, Lorenzo Natali.

Este seria mandatado em termos muito gerais pelo Conselho de Ministros, negociaria com a delegação portuguesa, consultaria o Conselho de novo e, através deste «vaivém», procuraria aproximar posições.

Assuntos Sociais: moeda de troca

A Comunidade pretenderia, por outro lado, negociar outros dois capítulos de negociação: instituições e assuntos sociais.

Quanto ao primeiro, nada parece obstar, desde que paralelamente tenha lugar uma negociação substancial, atendendo a que são pequenas as divergências neste «dossier» (em relação ao que propõe a Comunidade, Portugal pede mais um deputado e mais um representante no Euratomo).

Sobre o segundo, a delegação portuguesa tem repetidas vezes considerado que o considera um domínio a encerrar mesmo no final, para então ser utilizado como «moeda de troca».

A incerteza que caracteriza todo este cenário em relação à negociação com Portugal não parece ter paralelo com aquilo que se prevê no caso da negociação com a Espanha.

Em virtude do considerável progresso entretanto verificado, os negociadores espanhóis encontram-se esperançados em poder encerrar desta vez «dossiers» como a siderurgia e desmantelamento dos altos direitos aduaneiros, ao mesmo tempo que esperam poder dar um importante passo no domínio da agricultura com a definição de todo o regime aplicável aos produtos sensíveis (espanhóis e comunitários).

Nuno Jonet, da NP

Mau humor e desapontamento

Jaime Gama, admitindo que a data de 1 de Janeiro de 86 para a integração de Portugal na CEE pode ser posta em causa com o atraso actual das negociações, e o secretário de Estado espanhol para as Relações Europeias, Manuel Marin, a garantir que **Março é o limite absoluto** para essas negociações e que **a partir daí estamos arrumados,** tal é a síntese das declarações de responsáveis ibéricos, no fim-de-semana, quanto ao negócio da adesão.

Ambos os governantes garantiram esperar que a data de 1 de Janeiro de 86 se mantenha mas ambos deram, também, sinais de que esse limite será ultrapassado, o que, segundo Jaime Gama, constituiria **uma quebra muito grave em relação aos compromissos com os dois países candidatos.**

Enquanto isso, Gaston Thorn, ainda presidente da Comissão Europeia, confirmou a **inquietação** norte-americana quanto ao impacto do alargamento pois, ainda na sexta-feira passada, três ministros e dois funcionários norte-americanos perguntaram em Bruxelas, numa reunião com a Comunidade, sobre **a factura que os Estados Unidos iriam pagar com o alargamento.**

Thorn confessou-se **desapontado** com a atitude norte-americana, acrescentando que os representantes dos Estados Unidos se mostraram **mais agressivos que em 1983.** O sucessor de Thorn na presidência da Comissão, o francês Jacques Delors, afirmou, entretanto, que as relações entre os Estados Unidos e a CEE **são detestáveis.**

Em 200 empresas portuguesas

Principal banco francês divulga oportunidades de investimento

O Banque Nationale de Paris vai editar, anualmente, cinco edições de uma revista destinada exclusivamente a divulgar em França e no estrangeiro oportunidades de investimento em Portugal — informou aquela instituição.

M. Coppens, do BNP, referiu que o Instituto de Investimento Estrangeiro seleccionou cerca de 200 empresas portuguesas de um universo inicial de duas mil, que garantem boas condições economico-financeiras de funcionamento e desejam trabalhar em associação, sob a forma de «joint-ventures», com empresas estrangeiras.

A oportunidade de investimento nestas unidades vai ser divulgada, a partir de 1986, no estrangeiro, pelo BNP, que apoiará os eventuais investidores nos aspectos jurídico, fiscal e económico da realidade portuguesa.

A informação foi divulgada durante um almoço com jornalistas portugueses, em que esteve presente o director de Informação e Comunicação do Banque Nationale de Paris, M. Halle.

O Banque Nationale de Paris, que tem o mais antigo escritório de representações oficialmente instalado em Portugal (desde 1970) solicitou, igualmente, a abertura de uma sucursal em meados deste ano, estando o seu processo concluído e aguardando uma decisão do Ministério das Finanças.

Aquela instituição foi recentemente classificada como o primeiro grupo francês, a nível mundial, pela revista económica «Les Echos», enquanto a «American Ranker» considerava tratar-se do terceiro banco mundial em montante de depósitos.

O BNP está entre os bancos que tem concedido empréstimos à República Portuguesa, o último dos quais, em 1984, foi de 400 milhões de dólares.

O montante total do crédito concedido por aquela instituição ao sector público português atinge 165 milhões de dólares, colocando o BNP permanentemente à disposição das sucursais dos bancos portugueses no estrangeiro 112 milhões de dólares.

O BNP financiou em 1983 as importações portuguesas de matérias-primas num total de 60 milhões de dólares.

Um novo hotel na Guiné-Bissau

Bissau vai dispor, dentro de dois anos, de um hotel considerado de classe internacional, cuja primeira pedra foi lançada pelo presidente do Conselho de Estado, Nino Vieira, no sábado.

Este edifício, com quatro andares, cuja construção está a cargo da empresa italiana Tecnosistem, vai dispor de 180 quartos, um salão de conferências para 259 pessoas e uma piscina.

O hotel, cujas obras terão a duração de dois anos, foi concebido pela Associação Africana de Arquitectos.

Na sua política de desenvolvimento do turismo, a Guiné-Bissau tem necessidade de aumentar o número de hotéis em Bissau. O melhor hotel actualmente existente na capital – o «24 de Setembro» – havia sido, durante a época colonial, utilizado como instalações do Exército português.

Auto-estrada do futuro

Uma auto-estrada denominada «do Futuro» vai ser, construída, ainda este século, entre as capitais do Senegal da Gâmbia e da Guiné-Bissau – foi anunciado em Dacar pelo ministro senegalês do Equipamento e Confederal da Senegâmbia, Robert Sagna.

A realização, ainda em fase de projecto, compreenderá, da parte senegalesa os traçados Seleti-Dioloulou (13 km) e Diouloulou-Kanssolo (13 km).

Do lado gambiano, a estrada compreenderá, os troços Mandinaba-Seleti (14 km) enquanto do lado da Guiné-Bissau as obras serão desde a fronteira senegalesa até São Vicente (Norte da Guiné-Bissau, na distância de 74 quilómetros).

Com um custo total calculado em mais de mil milhões de escudos (financiados pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento) esta estrada internacional é considerada como uma das realizações comunitárias «mais transportadoras de esperança» porque irá faciliar as trocas comerciais, os contactos e a cooperação entre as populações dos três países da África Ocidental.

DESPORTO

Nacional de futebol

Super-Porto embriaga vizelenses

O FC Porto, que recorreu ao relvado da Póvoa de Varzim por suspensão (dois jogos) das Antas, ganhou como quis ao modesto Vizela, mas o melhor da goleada foram os cinco golos de Gomes. O «Bota de Ouro», que tinha feito oito golos nas 12 jornadas anteriores, esteve em tarde inspirada e após cinco tentos, passou a liderar destacado a lista dos marcadores. Além da proeza de Gomes, o FC Porto superou em um golo o recorde da prova obtido a 18 de Novembro pelo Sporting, frente ao Braga, em Alvalade (8-1). A «goleada» começou a ser construída aos oito minutos pelo defesa Eurico e logo no minuto seguinte Gomes fez o gosto ao pé. Aos 18 Jaime Magalhães elevou para 3-0, quatro minutos antes de Pita reduzir. Depois foi o festival – Gomes, com golos aos 27, 34 («penalty»), 55, e 67.

O Sporting regressou de nova batalha nortenha (Boavista) com novo zero-zero e, tal como há três semanas (nas Antas) o veterano guarda-redes Vítor Damas foi figura em destaque, garantindo a inviolabilidade das redes frente a um perigoso conjunto axadrezado.

O Benfica voltou a sentir dificuldades na Luz e o «terceiro anel» assobiou a equipa, que só a 11 minutos do final garantiu o triunfo por Jorge Silva. Antes, Manniche tinha dado uma alegria às hostes encarnadas com um «penalty» transformado (aos 60, oito minutos antes de Branco, também de «penalty», ter empatado a partida).

O Portimonense alcançou de novo o seu parceiro do 4.º lugar (Boavista) mercê de uma vitória «belga» sobre os minhotos de Quinito, no Algarve. Cadorin, o belga que Norton de Matos trouxe para o futebol português, deu a vitória aos portimonenses (com tentos aos 71 e 85) enquanto o brasileiro Zinho assinou o golo dos bracarenses.

Dianteiros improfícuos de um lado e defesas seguros de outro foram os responsáveis pelo nulo entre setubalenses e varzinistas (no Bonfim) numa partida de fraco nível técnico e pouco interesse.

Já em Guimarães foi diferente: houve futebol, golos e emoção. O visitante (Salgueiros) começou da melhor maneira e chegou aos 2-0 (Tonanha 10, Armando 27), mas os locais responderam e em quatro minutos empataram (Paulo Ricardo 38, Gregório 42). Ainda antes do intervalo, Armando marcou de novo (44), mas no 2.º tempo os vimaranenses deram a volta ao marcador, com golos de Isima (49) e Paulo Ricardo (80).

Os últimos (Académica e Rio Ave) conseguiram preciosas vitórias à custa de equipas do meio da tabela: os estudantes impuseram-se aos algarvios do Farense com dois golos de Rolão (49 e 87) e um tento de Chico Faria (24) bastou aos vila-condenses para derrotar o Belenenses.

Um FC Porto a respirar saúde goleou o Vizela por 9-1 e ampliou para dois pontos a vantagem sobre o perseguidor Sporting, que empatou (sábado) a zero no Bessa na jornada 13 do nacional de futebol. Os portistas, há 11 jogos sem derrota, comandam o campeonato com 23 pontos, contra 21 do Sporting, enquanto o ainda campeão (Benfica) sentiu dificuldades para bater na Luz o Penafiel (por 2-1) e manter o 3.º lugar (com 19 pontos, mas menos um jogo).

O Boavista e Portimonense estão de novo empatados no 4.º posto (agora com 18 pontos) depois do nulo dos axadrezados e da vitória dos algarvios sobre o Braga, em casa, por 2-1.

Já aparentemente longe da batalha da Europa estão os 6.ºs classificados, Braga, Setúbal e Farense (todos com 13 pontos), após uma tarde infeliz na jornada 13. Os setubalenses não foram além de um nulo em casa com o Varzim e o Farense perdeu fora com a Académica, por 2-0. No fundo da tabela mantém-se a confusão, especialmente depois dos triunfos do Rio Ave sobre o Belenenses (1-0) em Vila do Conde e da Académica. O Salgueiros, que voltou às suas derrotas por 4-3 (em Guimarães) é agora último (isolado, com seis pontos, menos um do que o Vizela e menos dois que o trio Rio Ave - Académica - Penafiel).

Sem sobressaltos, a meio da tabela, estão o Belenenses Guimarães e Varzim após uma ronda que assinalou o regresso de Gomes à sua condição de goleador.

Números e nomes

Para a história, eis os desfechos da ronda: Académica-Sp. Farense, 2 - 0;
V. Guimarães-Salgueiros, 4 - 3;
V. Setúbal-Varzim, 0 - 0;
Benfica-Penafiel, 2 - 1;
Boavista-Sporting, 0 - 0;
Rio Ave-Belenenses, 1 - 0;
F. C. Porto-Vizela, 9 - 1;
Portimonense-Sp. Braga, 2 - 1

Goleadores

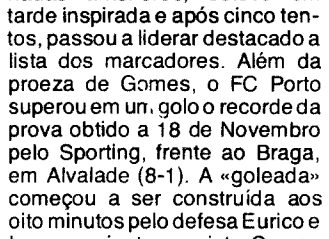
Fernando Gomes isolou-se no 1.º lugar da lista dos marcadores com 13 golos, após os cinco tentos que infligiu ao Vizela, na jornada 13 do nacional de futebol. Gomes (que ocupava o 3.º posto) foi o principal artífice da «goleada» do FC Porto (9-1) e dispõe agora de dois golos de vantagem sobre Djão, que ficou em branco em Vila do Conde.

Numa jornada que rendeu 26 golos, o destaque pertence por inteiro ao FC Porto e a Gomes, mas quatro futebolistas estiveram em evidência por terem bisado: Rolão (Académica), Cadorin (Portimonense) Armando (Salgueiros) e Paulo Ricardo (Guimarães). O FC Porto, que já tinha a melhor defesa, igualou o Sporting no primeiro lugar dos marcadores: 35. Classificação da lista dos marcadores após a jornada 13. Gomes (FC Porto), 13; Djão (Belenenses), 11; Manniche (Benfica), 10; Cadorin (Portimonense), 9; Manuel Fernandes (Sporting) e Tonanha (Salgueiros), 8; Eldon (Sporting) e Jaime Magalhães (Porto) 7.

Disciplina

Um cartão vermelho e 15 vezes o amarelo foi o balanço disciplinar da jornada 13 do nacional de futebol da 1.ª divisão que teve, no entanto, dois jogos limpos de admoestações. O jugoslavo naturalizado português Bukovac, que se tem cotado como um dos melhores homens do Farense na presente temporada, foi expulso em Coimbra (aos 80 minutos) prejudicando a sua equipa. Com a saída de Bukovac, o Farense, que procurava o empate, foi obrigado a jogar os últimos dez minutos com dez elementos e, neste período, a Académica, em vantagem numérica, conseguiu o golo da tranquilidade. A partida de Coimbra foi aliás a mais indisciplinada da ronda tendo o árbitro António Costa (Viana do Castelo) mostrado cinco vezes o cartão amarelo, dois a «estudantes» (Carlos Ribeiro e Flávio) e três a algarvios (Nelson Borges, Quaresma e Fortes).

Em duas partidas os árbitros não necessitaram de puxar de cartões (Boavista - Sporting e Rio Ave; Belenenses), enquanto o FC Porto de Artur Jorge foi a outra equipa a não sofrer qualquer admoestação.



Vila do Conde: protestos belenenses que Carlos Valente não atende

Restelo baqueou perante os pupilos de Mourinho, seu ex-técnico

Divisão 2

Resultados da 11.ª jornada do «Nacional» da 2.ª Divisão na **ZONA NORTE:** Famalicão-Lixa, 4 - 1; Lourosa-Fafe, 2 - 0; Sanjoanense-Valonguense, 2 - 0; P. Ferreira-Espinho, 3 - 2; Aves-Chaves, 1 - 1; Leixões-Feirense, 2 - 1; Felgueiras-Tirsense, 0 - 0; e Marco-Gil Vicente, 3 - 1. Classificação: **1.º Aves** 16 pontos, 2.º Leixões, 15 3.º Chaves, 14; 4.ºs Espinho, Felgueiras e Famalicão, 13; 7.º P. Ferreira, 12; 8.º Gil Vicente e Tirsense, 11; 10.ºs Fafe, Sanjoanense e Lourosa, 9; 13.ºs Lixa, Valonguense Feirense, 8; e 16.º Marco, 7 pontos.

ZONA CENTO: Torriense-Estarreja, 1 - 1; Elvas-Águeda, 1 - 1; Covilhã-Peniche, 2 - 0; Guarda-Marinhense, 3 - 1; U. Leiria-Alcobaça, 1 - 0; Caldas-Bf. C. Branco, 0 - 0 ; Beira Mar-E. Portalegre, 1 - 0 e U. Coimbra-Mangualde, 3 - 1. Classificação: **1.º Covilhã,** 17 pontos; 2.ºs Elvas e U. Leiria, 15; 4.º U. Coimbra, 13; 5.ºs Caldas e Beira Mar, 12; 7.ºs Alcobaça, Mangualde, Torriense, 11; 10.ºs E. Portalegre e Águeda, 10; 12.º Bf. C. Branco, 9; 13.º Marinhense, 8; e 14.ºs Peniche, Estarreja e Guarda, 7 pontos.

ZONA SUL: União-Cova Piedade, 4 - 0; Atlético-Torralta, 1 - 0; Barreirense-Sesimbra, 1 - 0; Lusitano de Évora-Estoril, 2 - 2; Odivelas-Estrela da Amadora, 1 - 0; Nacional-Marítimo, 1 - 2; Olhanense-Montijo, 2 - 1; Campinense-Amora, 0 - 3. Classificação: **1.º Marítimo** 20 pontos; 2.º Estoril, 16; 3.º União, 15; 4.º Olhanense, 13; 5.º Estrela da Amadora, 12; 6.ºs, Cova da Piedade, Lusitano de Évora, Barreirense, Odivelas e Atlético, 11; 11.ºs Montijo e Torralta, 10; 13.ºs Sesimbra, Nacional e Amora, 7; 16.º Campinense, 2 pontos.

Divisão 3

Resultados da 11.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 3.ª Divisão na **SÉRIE A:** Moreirense-Merelinense, 3 - 2; Esposende-Vieira, 2 - 1; Monção-Ponte da Barca, 1 - 0; Montalegre-Vianense, 1 - 0; Neves-Macedo de Cavaleiros, 1-3; Valdevez-Valenciano, 1 - 0; Mirandela-Taipas, 0 - 0; Líderes: **Vianense e Moreirense,** 14 pontos. **SÉRIE B:** Paivense-Régua, 0 - 0; São Martinho-Infesta, 1 - 0; Oliveirense-Vilanovense, 4 - 2; Freamunde-Ermesinde, 3 - 1; Esmoriz-Valadares, 0 - 0; Amarante-Cucujães, 1 - 0; Ovarense-União de Lamas, 0 - 1; Trofense-Paredes, 2 - 4; Líderes: **Ovarense e Freamunde,** 16 pontos. **SÉRIE C:** Penalva do Castelo-Mealhada, 1 - 0; Académico de Viseu-Anadia, 3 - 4; Poiares-Seia, 1 - 1; Naval-Santacombadense, 1 - 0; Tondela-Belmonte, 0 - 2; Gouveia-Lusitano, 3 - 0; Luso-Viseu e Benfica, 3 - 1; Oliveira do Bairro-Marialvas, 0 - 0. Líder: **Académico de Viseu,** 19 pontos. **SÉRIE D:** Paroquial de Fátima-Rio Maior, 1 - 0; Portalegrense-Almeirim, 0 - 0; Alcains-Alferrarede, 4 - 1; Nazarenos-Guiense, 2 - 2; Marinha-Lousanense, 0 - 1; Bombarralense-Nisa, 4 - 0; União de Santarém-Mirense, 6 -0; Eléctrico de Ponte de Sor-União de Tomar, 0 - 0. Líder: **União de Santarém,** 17 pontos. **SÉRIE E:** Águia-Vialonga, 0 - 0; Charneca-Lusitânia, 0 - 2; Tires-Samora Correia, 3 - 1; Olivais e Moscavide-Cacém, 2 - 1; Oriental-S.L. Olivais, 3 - 0; Vilafranquense-Sacavenense, 2 - 1; Marinhais-Santa Clara, 2 - 0. Líder: **Oriental,** 16 pontos **SÉRIE F:** Santiago do Cacém-Alvorense, 2 - 0; Silves-Louletano, 4 - 1; Esperança de Lagos-Aljustrelense, 0 - 0; Montemor-Estrela, 0 - 0; Moitense-Juventude, 0 - 0; Beja-Quimigal, 0 - 2; Lusitano-Comércio e Indústria, 1 - 1; Quarteirense-Vasco da Gama, 1 - 0. Líder: **Juventude, 18 pontos.**

Juniores

Resultados da 11.ª jornada do Nacional de Juniores, em futebol: Série A: Varzim - Bragança, V-FC; Vitória de Guimarães - Merelinense, 1-1; Ponte da Barca - Limianos, 4-0; Rio Ave - Gil Vicente, 5-0; e Famalicão - Braga, 2-3. Líder: Rio Ave, 18 pontos. Série B: Salgueiros -Vila Real, 1-2; Tirsense - Avintes, 1-1; Lourosa - Régua, 0-0; Sanjoanense - Futebol Clube do Porto, 3-6; e Leixões - Boavista, 1-1. Líder: Futebol Clube do Porto, 20 pontos. Série C: União de Coimbra - Águeda, 5-0; Covilhã - Mortágua, 2-3; Oliveira do Hospital - Repensenses, 3-0; Tondela - Anadia, 1-2; e Guarda -Estação, 5-2. Líder: União de Coimbra, 21 pontos. Série D: Alferrarede - Estrela, 2-1; Caldas -Alcobaça, 2-2; Naval - União de Leiria, 1-1; Nazarenos - Académica, 0-1; e Benfica de Castelo Branco - Marinhense, 1-1. Líderes: Alcobaça (menos um jogo) e Caldas, 16 pontos. Série E: Benfica - Trafaria, 7-0; Estrela da Amadora - Belenenses, 3-1; Olivais e Moscavide - Oriental, 0-1; Almeirim - Sporting, 0-3; e Cova da Piedade - Campomaiorense, 0-1. Líderes: Sporting e Benfica, 21 pontos. Série F: Torralta -Quimigal, 2-0; Farense - Beja, 10-0; Lusitano - Olhanense, 2-0; Vitória de Setúbal - Portimonense (adiado para dia 22); e Barreirense - Amora, 1-0. Líder: Barreirense, 21 pontos.

METALO RÁPIDA
SERRALHEIRO DE ODIVELAS
•
FECHE A SUA MARQUISE OU VARANDA
COM FACILIDADE DE PAGAMENTO
LARGO DA REPÚBLICA — POMBAIS — ODIVELAS
TEL. 982 60 68

Classificação

	J	V	E	D	B	P
1.º F. C. do Porto	13	11	1	1	35- 4	23
2.º Sporting	13	9	3	1	35-11	21
3.º Benfica	12	9	1	2	27-12	19
4.º Boavista	13	6	6	1	17- 7	18
5.º Portimonense	13	8	2	3	27-17	18
6.º Sp. Braga	13	5	3	5	18-18	13
7.º V. Setúbal	13	4	5	4	15-16	13
8.º Sp. Farense	13	5	3	5	8-17	13
9.º Belenenses	13	5	2	6	19-19	12
10.º V. Guimarães	13	4	2	7	16-24	10
11.º Varzim	12	2	5	5	11-19	9
12.º Rio Ave	13	2	4	7	9-19	8
13.º Académica	13	3	2	8	14-22	8
14.º Penafiel	13	2	4	7	11-23	8
15.º Vizela	13	2	3	8	14-34	7
16.º Salgueiros	13	2	2	9	21-35	6

Próxima jornada (23/12): Portimonense - Sporting Farense; Salgueiros-Académica; Varzim-Viória de Guimarães; Penafiel -Vitória de Setúbal; Belenenses -Boavista; Vizela - Rio Ave; Sporting de Braga - Futebol Clube do Porto; e Sporting - Benfica, este jogo disputa-se no sábado (dia 22), pelas 21 horas e 30.

TOTOBOLA a chave

Boavista - Sporting	X
Académica - Farense	1
Guimarães - Salgueiros	1
Setúbal - Varzim	X
Rio Ave - Belenenses	1
Portimonente - Braga	1
P. Ferreira - Espinho	1
Marco - Gil Vicente	1
U. Coimbra - Mangualde	1
Atlético - Torralta	1
Lusitano - Estoril	X
Odivelas - E. Amadora	1
Nacional - Marítimo	2

Os serviços do Totobola prevêem de 346 a 358 «trezes» no concurso de ontem. Com 12 símbolos certos calculam-se de 11 345 a 11 720 apostas e o terceiro prémio tem como previsto 118 345 a 122 700. O valor de cada prémio deste concurso número 47 é de 24 551 819 escudos.

TOTOBOLA *jogue connosco*

Concurso n.º 48

Sp. Braga - F. C. do Porto	2
Sporting - Benfica	1
Portimonense - Farense	1
Salgueiros - Académica	1
Varzim - V. Guimarães	1
Penafiel - V. Setúbal	1
Belenenses - Boavista	X
Vizela - Rio Ave	X
Feirense - Aves	2
Tirsense - Leixões	2
Estarreja - U. Coimbra	2
Marinhense - Covilhã	2
Amora - Olhanense	X

Nosso grupo para o mundial

Malta quase trava RFA

A Alemanha Federal venceu Malta, por 3-2, em jogo do Grupo 2 de qualificação para o Campeonato Mundial de Futebol de 1986. O encontro disputou-se em La Valetta. Após o jogo Malta - RFA é a seguinte a posição das equipas do Grupo 2, tendo em atenção os jogos já disputados: 23/5/84, Suécia - Malta, 4-0; 12/9/84, Suécia - Portugal, 0-1; 14/10/84, Portugal - Checoslováquia, 2-1; 17/10/84, RFA -Suécia, 2-0; 31/10/84, Checoslováquia - Malta, 4-0; 14/11/84, Portugal - Suécia, 1-3; 16/12/84, Malta - RFA, 2-3. Classificação do Grupo 2:

	J	V	E	D	G	P
1.º Suécia	4	2	0	2	7- 4	4
2.º RFA	2	2	0	0	5- 2	4
3.º Port.	3	2	0	1	4- 4	4
4.º Chec.	2	1	0	1	5- 2	2
5.º Malta	3	0	0	3	2-11	0

Jogos ainda por disputar: 10/2/85, Malta - Portugal; 24-/2/85, Portugal - RFA; 27/385, RFA - Malta; 20/4/85, Malta -Checoslováquia; 1/5/85, Checoslováquia - RFA, 5/6/85, Suécia - Checoslováquia, 25-/9/85, Suécia - RFA; 25/9/85, Checoslováquia - Portugal; 12-/10/85, Portugal - Malta; 16-/10/85, Checoslovquia; - Suécia; 16/10/85, RFA - Portugal; 17/11/85, RFA - Checoslováquia; 17/11/85, Malta - Suécia.

Campeão carioca

O Fluminense conquistou o título de campeão carioca de futebol de 1984 ao vencer o Flamengo por 1-0, numa partida disputada no Estádio do Maracanã, perante mais de 150 mil espectadores. O único tento da partida foi aos 75 minutos, pelo médio Assis, concluindo um cruzamento do defesa-direito Aldo.

DESPORTO

Uma floresta de bons parceiros enquadrou sempre Trindade

Grande penalidade contra penafidelenses: também aqui o árbitro se «esqueceu» de mostrar o «amarelo» a Nini

Carlos Manuel: disparo à sua maneira talvez tenha ido parar perto do Bom Jesus

Benfica, 2-Penafiel, 1

Talento de Jorge Silva salva Csernai da panela

Ainda que sem ostentar o brilho rutilante de outros espectáculos, foi (pelo menos) rico em alternância aquele Benfica-Penafiel que, aprioristicamente afastado dos boletins do Totobola (o **sinal** estava mais que certo, segundo os «experts»...) redundou em tremenda dor de cabeça para os lisboetas e, em contrapartda, em sólida afirmação de vitalidade por banda de uma embaixada penafidelense que apenas devido a erros arbitrais e à faltade audácia do seu técnico (Manuel Barbosa) não escreveu, neste Dezembro plúmbeo, o «escândalo do campeonato».

De facto, não restando dúvidas de que as duas grandes penalidades foram bem assinaladas, já o mesmo não poderemos dizer em relação a crassas asneiras do juiz minhoto Fortunato Azevedo, jovem ainda sem asas para voos superiores, especialmente porque carece de autoridade disciplinar. Num lance em que Bento saiu fora da sua área para evitar o pior, cortando (com as mãos) um lance de perigo absoluto, Fortunato não deu (como estava fazendo até aí) a «lei da vantagem», impedindo que Vilaça ou Jason, senhores absolutos do esférico, fizessem o facílimo golo. Depois, para além de ter sido **embalado** nas desatenções do fiscal colocado perante o «terceiro anel», teve aquele saboroso toque de humanidade, de compaixão, de caridade, de boa vontade natalícia não apresentando a Samuel (como a lei exige) o cartão **ictericia** por rasteira a Jason de que resultou a grande penalidade convertida por Branco. O negrinho benfiquista já antes (por placagem raguebística ao antigo brasileiro de Alvalade) vira o «amarelo»: logo, por repetição de castigo, teria de ser expulso. Não actuando como a lei impõe (atenção sr. Pinto de Sousa e delegados-técnicos) Fortunato Azevedo defraudou claramente o Penafiel, impedindo-o de utilizar a legítima vantagem de jogar durante 27 minutos perante (apenas) dez benfiquistas. Uma série de casos que esperamos (porque foi garantido pelo Conselho de Arbitragem) coloque a actuação de Fortunato Azevedo no devido catálogo disciplinar.

●

Mas,outra falha (esta de Manuel Barbosa) impediu o Penafiel de ficar herói na tarde pardacenta: a incompreensível entrada de Tozé para o lugar de Jason, obrigando o brasileiro a recuar para terrenos desconhecidos e a deixar de ser o perigo mais latente para os (ontem) brancos lisboetas, foi erro crasso. Quem não tem cão, caça com gato: e, se Jason estava a ensarilhar toda a defensiva benfiquista, por que raio de ideia teria Manuel Barbosa de abdicar da sua arma mais poderosa para a conquista de diploma?

São mistérios que escapam ao cidadão normal. Tal e qual como aquela louca mania do esguio Vando mal toca na bola logo obliquar em direcção à floresta de defesas contrários em vez de se alongar até à linha de cabeceira para dali despachar o endosse fatal, ou a estranhíssima escalação do veloz José Luís, extremo nato e de asas nos pés, para funcionar no meio do terreno onde só atrapalha qualquer manobra progressiva que, pela direita, ele executa optimamente, retalhando as defesas mais sólidas. Csernai (porém) já ontem tão contestado quando (para o «Record») se lembrou de abrir a boca e proferiu tão espantosa sorte de afirmações esquisitas (a tocarem ferida em Nené e a fazerem prolongar, pelo menos até à justa festa de homenagem, a digestão de **elefantes vivos** pelo seu teórico «adjunto» Toni), que não valerá mais criticar a indisciplina táctica benfiquista que começa a ser tão latente que somente à custa de rasgos individuais, da valia técnica das «estrelas» do seu «plantel», daquele genial toque em bicicleta do primoroso Jorge Silva, mais da coragem e abnegaçât de Pietra e Diamantino, leva o · terceiro anel» a ir, sucessivamente, adiando o definitivo juízo sobre o homem que foi despedido do Bayern de Munique, Deus saberá o porquê real.

São contas de outro rosário, que não o nosso. Simplesmente, ao lermos a entrevista de Costa Santos com o húngaro-forte do futebol benfiquista, ficámos entendendo por que razão ele não gosta de falar para a clientela. Aquilo que disse (desta vez) chega e sobeja para o definir: e para que continue calado outras 13 jornadas do nacional. Ou até mais para diante. Só que o Benfica, colectividade que dispõe de uma selecção de valores extraordinária, que tem uma direcção consciente e correcta, que arregimenta uma massa associativa extremamente generosa e totalmente doada ao seu emblema, não merece que se viva, ronda a ronda, com o credo na boca, pois se não for a explosão súbita de um jogador aquilo que poderia entender-se por concepção táctica de conjunto é mera figura de utopia. E (note-se) não apenas saudade de Eriksson.

●

Mas, não sejamos demasiados pessimistas em relação ao horizonte benfiquista: perante penafidelenses muito briosos, a turma carregou bastante, mas da lateral não surgiu o tal sinal que concluísse reflexão atenta do tabuleiro. Verdade que Oliveira lesionou-se em puro choque com Bruno (nada de grave, felizmente, para qualquer deles) mas se o benfiquista saía aparatosamente em maca o «cenourinha» prosseguia até ao limite das forças e só quando já estava obrigado à rendição é que o Penafiel tremeu, dos pés à cabeça. Quer dizer: enquanto Nunes colmatou muito bem a ausência de Oliveira, Madureira nunca poderia fazer esquecer que Bruno estava a ser (só e apenas) o melhor jogador sobre o relvado, no que (aliás) foi bem acompanhado por Trindade, Figueiredo, Fernando, Afonso, Elias, Nini (outro poupado com o amarelo no lance do «penalty» e Jason, afinal por toda uma equipa verdadeiramente coesa e irmanada. Entre os benfiquistas, o **tal sinal** bem positivopara Jorge Silva, Pietra e Diamantino, ainda para Álvaro e para o fogoso Carlos Manuel que, mal terminou a hora e meia de trabalho, zarpou para um belo jantar com o presidente bracarense Mesquita Machado e com o técnico Quinito, talvez para que entre as paredes do «Solar da Quinta» fique o primeiro eco de futura viagem do centro-campista da Luz até ao **arsenal minhoto**. Aliás, também pode ter sido apenas um encontro entre amigos que, à falta de melhor, comentam como vai o futebol deste país, falam do tempo que vai fazendo ou das próximas eleições que estão à bebida daqui a poucos meses. O que for, soará.

Neves de Sousa

Arbitragem do bracarense Fortunato Azevedo, que esteve simplesmente péssimo no aspecto disciplinar e, para cúmulo, ainda foi mal ajudado pelos fiscais Vicente Cerqueira e Carlos Silva. Equipas:

Benfica: Bento; Pietra, Samuel, Oliveira (Nunes, 34) e Álvaro; Carlos Manuel, José Luís, Diamantino e Vando; Jorge Silva e Manniche. Suplentes não utilizados: Delgado, Sheu, Bastos Lopes e Padinha.

Penafiel: Trindade; Elias, Figueiredo, Fernando e Nini; Branco, Bruno (Madureira, 55), Babo e Vilaça; Jason e Afonso (Tozé). Elementos que ficaram no banco: Soares dos Reis, Vasco e Xavier.

Golos por Manniche (60) e Branco (68) ambos de grande penalidade e de Jorge Silva (84). Cartão amarelo para Jason, Bento, Samuel e ao massagista do Penafiel.

Pedido a quem manda nas obras da Luz

Para qualquer incondicional adepto do futebol é sempre motivo de satisfação entrar no belo parque desportivo benfiquista que, dia a dia, cresce para o céu: agora com nova bancada dando bom sinal de vida junto ao acesso aos balneários. Simplesmente, creio que algo está errado. Que quem vai em trabalho esteja obrigado a difíceis condições, aceita-se perfeitamente, mas, que um qualquer cliente do jogo, com caro bilhetinho em punho, fique obrigado a mergulhar num mar de lama, sem o mínimo de acesso (sobre tábuas, ao menos) assegurado para conseguir chegar à bancada, isso já não se compreende, sobretudo porque o nosso bom amigo Domingos Claudino (director do bonito estádio da águia) pode, certamente, resolver o problema de, sem impedir a continuação das obras, facilitar a **«travessia do deserto»** bastando para tal colocar ali uns corredorzinhos que evitem a autêntica **patinagem artística** a que é submetido o portador de bilhete de ingresso que, como vimos ontem, (em dezenas de casos) ao avistar o panorama, resolve regressar a penates.

Um caso, portanto, que merece toda a atenção da competente direcção benfiquista e talvez esteja na origem do pouco público que teve coragem para transpor os portões laterais do bloco central da Luz.

N. de S.

Voleibol feminino: fase do encontro CDUL-Leixões

Ténis: Taça Davis

Connors perde na Suécia

O sueco Mats Wilander que derrotou o norte-americano Jimmy Connors em três «sets» na partida inaugural da final da Taça Davis entre a Suécia e os Estados Unidos, considerou a partida «muito difícil».

Terminado o encontro, Wilander afirmou a propósito das palavras obscenas proferidas por Connors: «não pude repeti-las porque não as quis ouvir. Mas se Connors chamava nomes a si próprio, deve ter-se em muito pouca estima».

Sobre o resultado o sueco disse: «não me surpreende a minha vitória porque joguei em terra batida, na minha superfície preferida e frente ao meu público».

Relativamente ao jogo, o norte-americano afirmou: «não penso que tenha jogado mal, pode sim dizer-se que Wilander jogou bem apesar de alguns erros, cometidos no terceiro «set», mas o árbitro estava do lado da Suécia».

McEnroe: recorde e dólares

John McEnroe, que conquistou nove dos 11 torneios pontuáveis para o «Grande Prémio» em que participou, estabeleceu um novo recorde de pontos na competição superando o anterior recorde de Jimmy Connors que datava de 1982.

McEnroe somou este ano um total de 3393 pontos, mais 38 pontos que os alcançados por Connors há dois anos e que ficaram a constituir um recorde do «Grande Prémio».

O sistema de pontuação para o «Grande Prémio» iniciou-se em 1970, tendo MacEnroe recebido esta temporada o prémio de 600 mil dólares (cerca de 96 milhões de escudos) por terminar no posto de honra.

McEnroe será assim o primeiro cabeça de série no torneio dos mestres, prova agendada para de 8 a 13 de Janeiro no Madison Square Garden de Nova Iorque. O tenista norte-americano, para além de triunfar nos dois eventos mais importantes – Wimbledon e «open» dos Estados Unidos – conquistou ainda os torneios de Filadélfia, Madrid, Bruxelas, Queens Club, Toronto, São Francisco e Estocolmo.

McEnroe deixou apenas escapar a sua fúria de vencer o «open de França», a favor do checoslovaco Ivan Lendl e o ATP em Cincinnati.

DESPORTO

Boavista, 0-Sporting, 0

Distribuição de prendas

Presente cá, presente lá, para gáudio da «onda verde» e das «panteras negras» que, situadas em polos opostos do Estádio do Bessa, se associaram também à «festa», oferecendo os seus cânticos, o seu entusiasmo e o seu amor clubista. Foi, na verdade, uma coisa linda de ver. Pena é que o espectáculo do último sábado, no Bessa, não se repita o ano inteiro, em todos os campos do País...

Houve luta, e rija, mas houve, sobretudo, desportivismo e um respeito recíproco pela dignidade do profissional. Essa foi, em nosso entender, a nota mais dominante do encontro, sublinhada, aliás, pela plateia com justificados aplausos, sempre que o esférico era posto fora do rectângulo, a fim de possibilitar uma assistência rápida ao adversário «tonado» ou, ainda, quando se tratava de retribuir o «bouquet» com a mesma nobreza.

Que importará distinguir agora quem beneficiou de mais pontapés de canto, do domínio sobre o irregular rectângulo do Bessa ou das melhores oportunidades se os «leões» começarem em grande e acabaram de «gatas» e se os «axadrezados» tiveram o «pássaro» na mão mesmo na hora de baixar o pano sobre o «tablado»? O importante, neste caso, e como diria o poeta, era a «rosa», simbolizada na entrega total ao jogo, sem olvidar (nunca) o respeito que o adversário (dirigente, massagista ou jagador) deve merecer.

Por isso, temos para nós que nada mais justo podia (e devia) acontecer no Bessa senão o empate, com a consequente distribuição de pontos que, no caso vertente, constitui prémio merecido para os dois conjuntos, quiçá mais saboroso para a turma leonina que teve em Vítor Damas o seu máximo expoente.

Num encontro recheado de mesuras, os únicos problemas foram de ordem técnica. Enquanto os sportinguistas apostaram do primeiro ao último minuto no reforço do seu bloco defensivo (com Virgílio a funcionar como «líbero atrás de quatro companheiros) e, no período complementar, no reforço, tanbém, do meio-campo, através do recuo sistemático de Manuel Fernandes, os boavisteiros mantiveram durante a maior parte do tempo o «4x4x2» inicial e, na fase de maior ascendente, fizeram adiantar Carlinhos para o «miolo», na mira de libertarem Parente para tarefas mais ofensivas. Desta diferença de processos resultou, naturalmente, uma preponderância da equipa da «casa», e a adopção, pelos «leões», do contra-ataque, com Oceano (um poço de energia) a marcar presença de relevo nas incursões ao extremo reduto contrário.

Raul Nazaré teve, por conseguinte, a tarefa bastante facilitada, sendo certo, porém, que os seus auxiliares foram magníficos colaboradores no julgamento de foras-de-jogo sistemáticos, em que caíam os «leões» por força da defesa em linha dos boavisteiros. Nota alta, portanto, para o trio setubalense.

Manuel Neto

Damas: espectáculo no Bessa

Árbitro: Raul Nazaré (Setúbal), auxiliado por José Martins (bancada) e José Furão (superior).

Boavista: Alfredo; Queiró, Adão, Frederico e Walker; Parente, Alves (Almeida, aos 57 m.), Carlinhos e Palhares; Filipovic e José Rafael (José Pedro, aos 69 m.).

Sporting: Damas; Carlos Xavier, Oceano, Virgílio, Venâncio e Mário Jorge; Oliveira, Sousa e Manuel Fernandes; Litos (Eldon, aos 81 m) e Jordão.

Futebol é isto: elegância, destreza, talento e vigor físico

Morte de ex-futebolista

O sueco Kurt Axelsson, ex-futebolista da equipa belga do Bruges, morreu sábado num acidente de viação ocorrido naquela localidade belga.

Kurt Axelsson, famoso jogador do Bruges na década de sessenta, contribuiu para colocar o clube no primeiro plano do futebol europeu, chegando a disputar uma taça europeia na época de 1968-69.

Gomes festeja mais um dos cinco golos que averbou na Póvoa

Frasco evidencia engenho e arte

FC Porto, 9-Vizela, 1

Gomes: cinco no "véu da noiva"

Obrigado a jogar fora do seu ambiente, por força do castigo federativo que lhe foi imposto, como corolário dos incidentes registadso no Estádio do Bessa, na tarde do dia 1 de Setembro último, o FC Porto optou pelo reduto do Varzim, sua filial n.º 1, para o cumprimento da pena (dois jogos de interdição das Antas), onde viria a realizar a melhor exibiçãoi da presente temporada. Em tarde de grande inspiração, o conjunto portista cilindrou o Vizela com nada mais, nada menos do que nove golos (o resultado mais volumoso do campeonato), dos quais rubricados pelo «Bota de Ouro» Fernando Gomes que, em consequência deste feito, logrou ascender ao topo da classificação dos melhores artilheiros.

Postados na ofensiva desde o primeiro minuto, os «azuis e brancos» (por sinal, ontem, totalmente de branco para evitar confusões com o equipamento, todo azul, dos vizelenses) imprimiram grande velocidade às suas jogadas e, através de mutações constantes de flanco, a sugerir um turbilhão, não tardaram a abrir rombos irremediáveis no extremo reduto dos minhotos. Ainda não se havia entrado do terceiro minuto e já Fernando Gomes e Frasco dividiam entre si as culpas de um falhanço escandaloso, idêntico, aliás, a tantos outros que registamos até ao derradeiro apito do árbitro.

Na sequênia de um livre, da esquerda, apontado por Futre, com peso, conta e medida, Eurico subiu mais alto que os centrais vizelenses e abriu o activo ja aguardado há algum tempo. Dois minutos volvidos (9 m) e surgiu o tento da confirmação, selado por Gomes com um erspectacular golpe de cabeça, a culminar a jogada mais bonita do desafio, a qual teve, ainda, chancela de Inácio e Joao Pinto.

Perdido pordois, perdido porvinte, terá pensado o técnico José Romão que, logo a seguir, fez entrar Maurício (um avançado) para o lugar de Berto (médio). Os vizelenses pareceram, então , querer dar um ar da sua graça, ao afoitarem-se no ataque, obrigando Zé Beto a Duas saídas de recurso, mas foi sol de pouca dura. Em resposta Jaime Magalhães elevou para 3-0, ainda a passe de João Pinto, enquanto Eurico, em jogada de insistência, desperdiçava óptimo ensejo para bisar a baliza contrária.

O golo do Vizela ocorreu à passagem dos 21 minutos, na sequência de um lance que nos pareceu antecipado de deslocação de Pita, o autor do tento. os portistas reclamaram, mas o árbitro foi peremptório na sua decisão. Talvez para não dar o braço a torcer, como soi dizer-se, o juiz da partida esperou por uma oportunidade para eliminar qualquer problema de cosnciência e «emendou» o erro com outro erro, assinalando uma grande penalidade contra o Vizela, por pretensa mão de José Carlos dentro da área de rigor. Gomes, que minutos antes apontara o seu segundo golo, não perdodou e fixou o marcador em 5-1, resultado com que se atingiria o intervalo.

No período complementar a fisionomia dfo jogo não se alterou, já que os portistas continuaram a dominar claramente as operações e a forjarem oportunidades em série. A preocupação de jogar para Gomes e a manifesta incapacidade de Semedo (que entrara para o lugar de Frasco) que se ressentiu de uma lesão antiga, impediram, no entanto, que o marcador ganhasse ainda maior expressão. Refira-se, a propósito, que entre os 64 e os 67 minutos, o FC Porto obteve três golos e que, apartir desse momento, ficou em branco. Apesar de a vasta plateia «azul e brtanca», rejubilando com as dificuldades vividas pelo Benfica na Luz, esperar ansiosamente que o «Bota de ouro» fizesse, mais uma vez, o gosto ao pé...

No jogo bastante fácil de dirigir, seria legítimo esperar uma boa actuação do trio de arbitragem algarvio destacado para a Póvoa. Assim não aconteceu, infelizmente, mercê dos factos descritos e que tiveram influência no marcador.

Manuel Neto

Ábitro: Francisco Silva (Faro), auxiliado por Martins Gravanita (ataque do FC Porto) e Alexandre Afonso (ataque do Vizela).

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira (Vermelhinho, aos 57 m), Eurico e Inácio; Frasco (Semedo, aos 57 m), André e Quim; Jaime Magalhães, Gomes e Futre.

VIZELA: Caldas; Toni, Manuel Correia, Russo e José Carlos; Fernando Jorge, Perrichon, Barbosa (Nelito, aos 59 m), Berto (Maurício, aos 15 m) e Faria; e Pita.

Ao intervalo: 5-1. Marcadores: Eurico (7 m), Gomes (9, 27, 35, este de G.P., 55, e 67 m), Jaime Magalhães (18 m), Pita (21 m) e Vermelhinho (65 m). Caldas na própria baliza (64 m).

Cartão amarelo: Toni (45 m), após faltas sucessivas sobre Futre.,

Gouveia: multa e derrota

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol condenou com derrota, 0-3, o Gouveia, pela não realização de um encontro com o Oliveira do Bairro, para a Taça de Portugal em futebol. Em telegrama remetido ao clube, a FPF refere a condenação acrescida da multa de 20 mil escudos. O encontro, marcado para 11 de Novembro a contar para a primeira eliminatória da Taça de Portugal, não se realizou por falta de policiamento.

O documento afirma a este propósito que «houve grave negligência do clube arguido» acrescentando que a requisição para o policiamento ao jogo foi tarefa que «não foi devida e integralmente cumprida».

Basquetebol: primeira fase

Vitória da disciplina

Terminou ontem a primeira volta da 1.ª fase do campeonato nacional da I Divisão de basquetebol masculino.

No sábado, em jogo disputado no Barreiro, o campeão ofereceu uma demonstração excepcionalmente negativa das suas capacidades ao ser positivamente «cilindrado», embora frente ao vencedor da «Taça». O Queluz não acertou nunca ou esteve menos mal precisamente nos últimos minutos, com a marcação aos adversários e por sua vez no ataque individualizou muito os lances. O Barreirense, por sua vez, actuou com mais homogeneidade ofensiva e, muito certinho na manobra atacante construiu uma vitória por números castigadores para a categoria do adversário.

Ao «virar» da página o Benfica é o líder isolado e não era (não pensávamos que fosse) a equipa com melhores credenciais de início de epoca para atingir a destacada posição. O Barreirense, Queluz e FC Porto dispunham de mais credenciais, que não confirmaram. Mas quem tem Carlos Lisboa tem tudo (o intérprete número do basquete nacional foi campeão pelo Sporting e pelo Queluz) e com Lisboa na plenitude dos seus recursos o Benfica aí está entre os mais potenciais candidatos ao título.

A derradeira jornada da 1.ª volta, para além do descalabro exibicional do campeão, não forneceu apontamentos de interesse de maior e como síntese da metade primeira. será de dar relevo ao 5.º lugar do Ginásio Figueirense (para alem do comando «encarnado») que certamente vai sustentar luta emotiva mais o Olivais e o Sangalhos com vista ao sexto lugar da série dos primeiros.

Como apontamento, que é de saudar. a «vitória» da disciplina. Com efeito, nenhum recinto foi interdito e só um caso de multa mais outro de um jogador castigado, não essombram o desportivismo que imperou As arbitragens só veladamente foram contestadas, especialmente quando não estavam perfeitamente assimiladas as alterações às novas regras, não só pelos árbitros, mas também pelos jogadores.

Resultados da 11.ª jornada: Barreirense-Queluz, 113-79; Illiabum-Olivais, 73-77; Sangalhos-Ovarense, 88-76; Sanjoanense-FC Porto, 70-109; Ginásio Figueirense-Conimbricense, 82-65; e Belenenses-Benfica, 69-82.

Classificação: 1.º Benfica, 11 jogos e 20 pontos; 2.os Barreirense, Queluz e FC Porto, 11-19; 5.º Ginásio, 11-18; 6.º Olivais, 11-17; 7.º Sangalhos, 11-16; 8.os Illiabum e Sanjoanense, 11-15; 10.os Belenenses e Ovarense, 11-14 e 12. Conimbricense, 11-12.

Natação: selecções femininas

Espanha domina e vence

A selecção espanhola venceu, na piscina aquecida de 25 metros das Antas, o primeiro encontro de natação feminina entre os dois países.

A superioridade espanhola foi incontestável, já que a selecção portuguesa, para alem de ter começado a sua preparação bastante tarde (Outubro), contou com a ausência de Teresa Figueiras (lesionada) e de Marta Reboredo (abandono da modalidade), independentemente de Alexandra Silva continuar a recuperar de uma lesão antiga.

A Espanha venceu o torneio com 100 pontos, contra 57 de Portugal, e a nadadora espanhola Sabrina Van Steen foi considerada a melhor, por ter obtido a marca de 56,7 segundos nos 100 metros livres, obtendo pela tabela internacional 799 pontos

Embora não tivessem sido batidos recordes, destacaram-se ainda as espanholas Inma Tarrago, nos 100 metros livres (1.00,1) e Sonia Astola, nos 200 metros mariposa (2 24,6) ambas com 14 anos.

Alexandra Nogueira foi a melhor atleta portuguesa com dois segundos lugares e dois terceiros.

DESPORTO

Atletismo

Lopes e Mamede:o costume

Carlos Lopes e Fernando Mamede, os expoentes máximos do atletismo português, ganharam facilmente duas provas internacionais de corta-mato no estrangeiro na preparação para o «Mundial» de Crosse em Lisboa.

A quinze dias das tradicionais corridas de fim de ano, Lopes proporcionou aos emigrantes portugueses na Holanda uma grande festa no Crosse de Duindigt, nos arredores de Haia, enquanto Mamede levou o Sporting ao triunfo colectivo no «Troféu Itálica», em Sevilha.

Lopes ganhou a sua primeira prova depois da medalha de ouro na Maratona dos Jogos de Los Angeles com uma facilidade notável, isolando-se a partir dos 1500 dos 10 000 metros do percurso, ganhando por 15 segundos ao belga Alex Hagleteens. **Sabe sempre bem ganhar** – disse Lopes no fim da corrida embora referisse estar no início de época.

Classificação da prova:

1.º, **Carlos Lopes, Portugal,** 29.38 minutos; 2.º, Alex Hagleteens, Bélgica, 29.53; 3.º, Theo Abbee, Bélgica, 29.54: 4.º, Clas Lok, Holanda, 29.56; 5.º, T. Dirksch, Holanda, 30.01; 6.º, R. Wijns, Holanda, 30.04; 7.º, Martin Ten Kate, Holanda, 30.07; 8.º, P. Russman, Holanda, 30.13; 9.º, A. Hartvelt, Holanda, 30.26; 10.º, J. Vermeule, Holanda, 30.48.

●

Mamede, por seu lado, moralizado pela vitória de há uma semana num crosse em Paris, ganhou ainda por uma margem mais folgada: 46 segundos de vantagem sobre o espanhol Constantin Esparcia. No crosse de Sevilha, o Sporting ganhou por equipas com os cinco atletas pontuáveis a entrarem nos sete primeiros: Joaquim Pinheiro (3.º), Domingos Castro (5.º), Rafael Marques (6.º) e Dionísio Castro em 7.º lugar.

Para o atletismo português foi mais uma jornada de êxito além-fronteiras embora em provas de menor cotação que os clássicos corta-matos britânicos.

Meia-Maratona do Porto

Hermínio Martins (Texins) venceu a Meia-Maratona do Porto com o tempo de uma hora e 5,42 minutos batendo o olímpico Delfim Moreira, que esta época representa o Sporting e gastou mais 20 segundos (1.06,02) que o vencedor e o terceiro foi Manuel Leite (Salgueiros) com 1.07,20.

José Leite (Monte Xisto) obteve a 5.ª posição com 1.08,40 e Domingos Neves (Valongo) a 5.ª com 1.10,08.

Em femininos, o triunfo pertenceu a Fernanda Marques, com 1.18,58, seguida de Ana Moreira com 1.22,11 e Emília Monteiro, do Alfenense.

A prova, organizada pelo União Francos Figueirense, contou com a presença de cerca de 500 atletas.

Corta-Mato de Lisboa

Fernando Fernandes (Loures) ganhou o corta-mato de abertura da Associação de Atletismo de Lisboa disputado nos terrenos da Apelação. Fernandes gastou o tempo de 23.57 minutos para os 8000 metros do percurso batendo o seu companheiro de equipa Arlindo Macedo com 24.08 e o benfiquista José Abreu com 24.28. Em 4.º lugar classificou-se José Peixeiro (Alhandra) com 24.52 e em 5.º José Sobral (Belenenses) com 25.13, que foi o primeiro júnior.

Em femininos, triunfou Fátima Carvalho (Juventude Castanheira) com 15.38 minutos para os 4000 metros do percurso, batendo Clara Inácio (Campolide) com 15.51 e Rosa Gracioso, (Oriental) com 15.56.

Novo máximo

O finlandês Timo Kuusisto fixou em 5,52 metros a melhor marca mundial de salto com vara em pista coberta.

O anterior máximo, 5.50 metros, estava na posse do seu compatriota Kimmo Pallonrn.

"Maratona de Lisboa": 800 contos para Cidálio

No castiço e elegante Restaurante «Cota d'Armas» (onde impera o trio «Alfacinhas») foram entregues os prémios correspondentes à «I Maratona Internacional de Lisboa», motivo para boa autocrítica da realização (que vai promover 2.ª edição da prova, a 17 ou 24 de Novembro do ano próximo) e pretexto (bem saboroso) para o benfiquista Cidálio Caetano embolsar 800 contos, prémio que estava destinado ao atleta mais bem classificado na corrida lisboeta. Carlos Lopes esteve presente e, por parte da organização, destaque especial para Ernesto Simões Carneiro, um dos promotores da «maratona» levada a cabo na capital portuguesa, no passado dia 3 de Novembro. Na festa da entrega dos prémios, houve larga distribuição de medalhas comemorativas e, também, troca de impressões que podem ser altamente úteis para a nova edição da competição. Neste capítulo, houve magnífica participação de Mário Paiva (presidente da Associação de Atletismo de Lisboa) e Jorge Sobredo (do elenco federativo).

Andebol

Sporting e Académico de Braga campeões de zona

Terminou a fase de apuramento do Campeonato Nacional da Divisão de Honra. O Sporting (campeão da Zona Sul) foi o grupo mais pontuado, pois apenas sofreu uma derrota, do rival Benfica. Entre os qualificados de aquém-Mondego, será de realçar a carreira do Vitória de Setúbal, somente batido nos quatro jogos com «leões» e «águias» e as dificuldades de apuramento encontradas pelo Belenenses (um dos «grandes» da modalidade) que esteve sempre seriamente ameaçado pelo Encarnação.

Ao Norte, o campeão de zona foi o Académico de Braga, embora empatado em pontos com o F.C. Porto, mas com melhor «goal-average» do que os portistas. Foi uma surpresa a carreira da turma bracarense (orientada pelo ex-técnico do Benfica, professor António Cunha, membro do Comité de selecção nacional visto que pela primeira vez esgrimiu com adversários do escalão principal. Os outros dois finalistas nortenhos foram o Desportivo de Portugal e a Sanjoanense.

Resultados da última jornada do apuramento: Maia-S. Mamede, 24-24; F.C. Porto-Académico do Porto, 49-12; Sanjoanense-Académica de Coimbra, 30-22; Académico de Braga-Desportivo de Portugal, 28-14 (**na Zona Norte**) e Caramão-Passos Manuel, 24-24; Sporting-Encarnação, 31-19; Cascais-Belenenses, 21-36 e Benfica-Vitória de Setúbal, 37-14 (**na Zona Sul**).

Pontuações: Zona Norte: 1.º Académico de Braga, 36 pontos; 2.º F.C. Porto, 36; 3.º Desportivo de Portugal, 34; Sanjoanense, 34; 5.º Académica de S. Mamede, 29; 6.º Académica de Coimbra, 20; 7.º Maia, 20 e 8.º Académica do Porto, 14. **Zona Sul:** 1.º Sporting, 40 pontos; 2.º Benfica, 37; 3.º Vitória de Setúbal, 33; 4.º Belenenses, 30; 5.º Encarnação, 27; 6.º Caramão, 24; 7.º Passos Manuel, 19 e 8.º Cascais, 14.

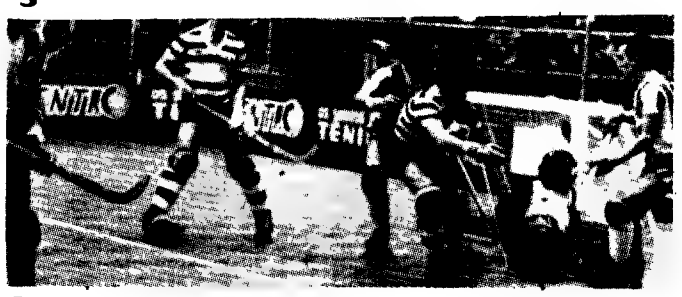
Hóquei em patins: campeonato nacional

Benfica e Sporting: mau começo

FC Porto, Belenenses, Oliveirense, Cascais e Sesimbra são as únicas equipas que averbaram vitórias na jornada dupla do fim-de-semana, que assinalou o início do Nacional de Hóquei em Patins.

1.ª jornada: FC Porto-Oeiras, 8-4; Famalicense-Sporting, 0-1; Paço Arcos-Sanjoanense, 4-6; Belenenses-Juventude Viana, 6-5; Sporting Tomar-Benfica, 7-8; Oliveirense-Amadora, 6-3; Cascais-Valongo, 7-1 e Sesimbra-Turquel, 11-1.

2.ª jornada: FC Porto-Sporting, 4-3; Famalicense-Oeiras, 4-0; Paço Arcos-Juventude Viana, 7-4; Belenenses-Sanjoanense, 4-3; Sp. Tomar-Amadora, 7-7; Oliveirense-Benfica, 8-6; Cascais-Turquel, 5-3 e Sesimbra-Valongo, 7-4.



Duelo de «gigantes» nas Antas com triunfo dos portistas

Classificação: 1.º FC Porto, Belenenses, Cascais e Sesimbra, 6 pontos; 6.º Sporting, Sanjoanense, Benfica, Paço Arcos e Famalicense, 4; 11.º Tomar e Amadora, 3 e 13.º Oeiras, Juventude Viana, Valongo e Turquel, 2.

Halterofilia: campeonato nacional

Três recordes nacionais foram batidos sábado no campeonato nacional de equipas de halterofilia, que envolveu 36 atletas de seis clubes na União Piedense – anunciou a Federação.

Os novos recordes nacionais foram estabelecidos por: Paulo Frade (Luso Futebol Clube), com 105 quilos no arranque na categoria de 67,5 quilos, escalão juvenil, e António Frade, que fez 115,5 quilos no arranque e 150 quilos no arremesso, na categoria de 75 quilos, juvenil.

Por equipas, depois dos apuramentos nos campeonatos regionais de zona em 24 e 25 de Novembro passado, a classificação é a seguinte:

1.º Luso Futebol Clube, 1899 pontos; 2.º Futebol Clube do Porto, 1589; 3.º Ginásio Clube Figueirense, 1531; 4.º Grupo Desportivo de Carcavelos, 1494; 5.º Associação Académica de Coimbra, 1415; 6.º Ginásio Atlético Clube, 1386.

Por vencedores individuais, a classificação foi a seguinte: – categoria de 52 quilos: Lino Vale (Futebol Clube do Porto) (65+80 – 145 quilos); categoria de 56 quilos: Raul Dinis (Grupo Desportivo de Carcavelos) 80+110–190 quilos); categoria de 60 quilos: João Novelo (Ginásio Atlético Clube) (87,5+115 – 202,5 quilos); categoria de 67,5 quilos: Pedro Carvalho (Ginásio Clube Figueirense) (112,5+140 – 252,5 quilos); categoria de 75 quilos: António Frade (Luso Futebol Clube) (115+145–260 quilos); categoria de 82,5 quilos: Joaquim Morais (A. Académica de Coimbra) (102,5+125 – 227,5 quilos); categoria de 90 quilos: Américo Pinto (Futebol Clube do Porto) (100+130 – 230 quilos); categoria de 100 quilos: Henrique Santos (Gr. Desportivo de Carcavelos (85+105 – 190 quilos) e categoria de 110 quilos: Campos Costa (Futebol Clube do Porto) (110+140 – 250 quilos).

Exibe-se na RTP-1 o 7.º episódio de «O Príncipe Regente»

17.52 **Notícias**
17.57 **3, 2, 1, Contacto**
18.20 **«Yakari»** – «Nanabozo».
18.35 **Teleregiões**
19.00 **«O Príncipe Regente»** – 7.º episódio.
20.00 **Telejornal** – e Boletim Meteorológico.
20.30 **Direito de Antena** – Movimento Democrático Português (MDP/CDE), Sindicato dos Técnicos de Manutenção e Acessórios e Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.
20.45 **Danças e Cantares**
21.15 **Concurso 1, 2, 3** – «Stuart de Carvalhais».
23.35 **Últimas Notícias**
23.50 **Sinais**

RTP 2

Intitula-se «A Viagem a Londres», o 4.º episódio da série «Um Táxi na Cidade»

19.32 **Notícias**
19.37 **Desenhos Animados** – «Batman».
20.00 **«Um Táxi na Cidade»** – 4.º episódio: «A Viagem a Londres».
20.50 **Animação** – «A Grande Prenda».
21.20 **«Guerra dos Sexos»** – episódio n.º 172.
22.15 **Jornal da Noite**
22.40 **II Concurso Internacional «Belcanto»**

Amanhã

RTP1

13.35: Ciclo Preparatório TV; **17.55**: Notícias; **18.00**: Desenhos Animados; **18.20**: «Yakari»; **18.30**: Teleregiões; **18.55**: Portugal Contemporâneo, a Arte Possível; **19.40**: Gestão de Empresas; **20.00**: Telejornal – e Boletim Meteorológico; **20.35**: Danças e Cantares; **21.00**: «Que Será dos Meus Filhos?»; **22.00**: Grande Informação; **23.00**: Últimas Notícias; **23.10**: Sinais

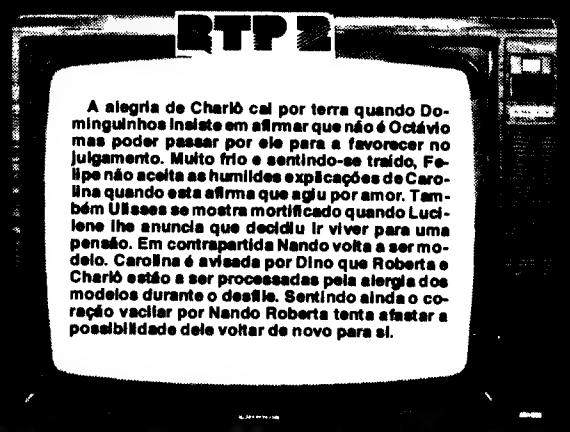
RTP 2

19.30: Notícias; **19.40**: Desenhos Animados; **20.00**: «Amor em Tempo de Guerra»; **21.00**: Encontro Com...; **21.25**: «Guerra dos Sexos»; **22.15**: Jornal da Noite; **22.40**: «Escândalos Vitorianos».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si ..

RTP1
Concurso 1, 2, 3 (21.15)

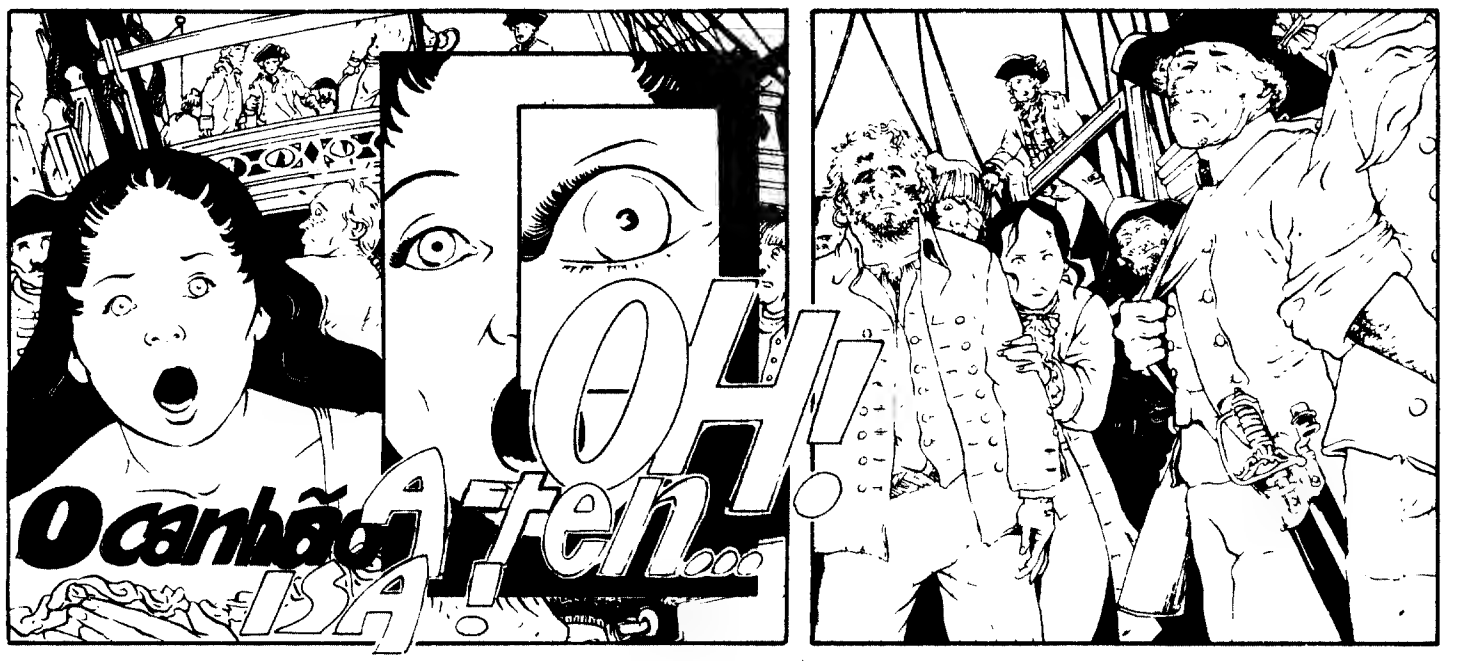
RTP 2
«A Grande Prenda» (20.50)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 · Cruz Quebrada · Telef 2112871

Os Passageiros do Vento 38

por F. Bourgeon



Glenat/Meribérica

continua

Ciência e Técnica

Novas teorias sobre os inícios do Universo

Na astrofisica existiam problemas a que antigamente nem sequer se tentava responder. Uma destas questões esta relacionada com a forma como apareceu o Universo.

Segundo os conceitos actuais pensa-se que há biliões de anos atras, toda a matéria estava comprimida num coágulo que possuía uma densidade infinitamente elevada. Mais tarde, já depois da «grande explosão» iniciou-se o desenvolvimento da matéria, e a sua dispersão a partir do centro, movimento que se continua a verificar ainda hoje.

O modelo de um mundo em movimento permanente foi proposto, em 1922 pelo cientista soviético originário de Leninegrado A. Fridman, que infelizmente morreu sem ter assistido à «revolução» provocada pela sua teoria. Também não chegou a saber que o seu modelo foi confirmado pelas observações directas dos astronomos.

O modelo de Fridman sobre o mundo em desenvolvimento permanente, veio a explicar muitos factos. Mas ele não explicava ainda o primeiro periodo e a forma como se deu o desenvolvimento, logo após a «grande explosão». E é precisamente este período de transformação da matéria que tem maior interesse para os cientistas.

Actualmente, a densidade média da matéria no Universo é muito pequena - 10 30 gramas ou seja 0,000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 001 gramas! – se pensarmos que a matéria está «espalhada» uniformemente pelo espaço. Pode dizer-se qu a cada metro cúbico deste cabe apenas um átomo de hidrogénio.

Nos estádios primitivos de desenvolvimento do Universo, a sua densidade era extraordinariamente maior. As leis físicas conhecidas hoje pelo Homem não se aplicariam a esse estádio. Ainda há dez anos atrás, os cientistas pensavam que a matéria mais densa contida num centímetro cúbico – 10 - 15 gramas – era um pouco superior à densidade dos núcleos atómicos. Mas esta, não se pode sequer comparar, com o estado de supercompressão em que se encontrava a matéria, nos primeiros segundos de existência do Mundo.

Verificou-se, no entanto, que não era necessário criar uma física inteiramente nova, podendo-se «arranjar» tudo, com apoio na antiga.

Depois dos trabalhos de A. Linde e A. Starrobinski, e de outros teóricos soviéticos, tornou-se possível descrever as características da matéria, cuja densidade ultrapassa quase oitenta vezes a densidade nuclear! O termo «Universo em crescimento» veio completar o antigo conceito de «Universo em desenvolvimento».

Segundo os antigos conceitos, os ritmos de desenvolvimento do Universo iam afrouxando pouco a pouco. Segundo a nova teoria, o raio do Universo foi aumentando rapidamente, a partir do mínimo e «cresceu» segundo uma lei exponencial, criando-se o «Universo inflacionário».

Linde afirma que «este período de 'crescimento' do Universo durou apenas fracções de segundo», mas, «nesse curtíssimo espaço de tempo» deram-se acontecimentos de grande significado. Durante 10 - 30 segundos, o Universo passou de um pontinho com menos de 10 - 33 centímetros, para um espaço com uma extensão de 10 biliões de anos-luz, ou por outras palavras 10 28 centímetros. E toda a matéria que existe na parte visível do nosso Universo, é de aproximadamente 10 45 toneladas e foi formada a partir de uma migalhinha com mais ou menos 10 - gramas.»

Linde afirma que não existe contradição com as leis da conservação da matéria porque todo o gigantesco trabalho de criação foi realizado pelas forças de gravitação, durante a inflação do Universo

Top do «Calor da Noite»

Das 2 h às 6 h na Rádio Comercial (OM e FM)

DISCOS DA MINHA PREFERÊNCIA:

1) .....
2) .....
3) .....

NOME: _____

MORADA: _____

Cole este cupão num postal e envie para o programa «No Calor da Noite», Rádio Comercial, R. Sampaio e Pina, 26 – 1000 LISBOA.

Primeiro acenda o fosforo e so depois ligue o gas.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

A "Seara Nova", uma voz necessária

Continuação da pág 3

Com efeito, logo depois de Abril de 1974, pouco mais do que um ano, surge a contra-revolução (25 de Novembro), pondo ponto final no desenvolvimento das transformações revolucionárias, com o propósito declarado de conter os excessos da esquerda para defender a democracia...

Inevitavelmente, a mudança iniciada pelo 25 de Abril, perdeu vigor, abrandou depois, para logo parar, inacabadamente, e regredir.

3. A solução constitucional para-socialista (1976), dificilmente poderia satisfazer as forças de direita. Estas forças tinham bem vivas a condenação e as feridas da derrota sofrida pelo 25 de Abril, as quais logo que alcançaram a governação, Governo após Governo, durante perto de dez anos consecutivos, obsessivamente, nunca pouparam aquele projecto democrático, corroendo-o por dentro e por fora, para adulterar a sua imagem e enfraquecer a esquerda, seu suporte.

Assim, para adquirir poder de imposição no País, a direita não se importou, por meros interesses de classe, de aderir a soluções perigosas estrangeiras, entregando-se à sorte precária do Mercado Comum, ao FMI e à NATO, ao capital das transnacionais, e colando-se muito particularmente ao imperialismo norte-americano, embora estas alianças, que excluíam outras relações de equilíbrio necessário e, por isso mesmo, comprometessem a independência do País e pusessem em risco a segurança nacional.

E quando este propósito de perseguição, assente na «révanche» de uma direita historicamente condenada, mas sobrevivendo à custa de muita alquimia política e de alianças contra-natura, se manifesta tão regular e com tanta sanha por parte dessa direita no Poder, é evidente que o diálogo e a concertação em relação às forças de Abril não são certamente fáceis, senão impossíveis, como temos vindo a assistir. E, daí, esses governos, deliberadamente, não se empenharem no entendimento com os trabalhadores, com o sector empresarial público e a Reforma Agrária, e bloquearem as relações e a promissora cooperação com os países ex-colónias, quando a situação económica de Portugal reclamava por todos os motivos esses convívios.

Envolvido o País pela crise económica, a direita vai utilizar a inflação, o desemprego, a dívida externa, etc., para consumar o seu poder, dirigindo a pressão daquela crise sobre o trabalho nacional (salários reais em regressão, salários não pagos, etc.), sobre as pequenas empresas e as empresas públicas, para colher o máximo das remunerações de trabalho e transferir a propriedade pública daquelas empresas para o foro particular, para a sua clientela.

4. Entretanto, o que se passa com a «Seara Nova», inserida neste contexto? Esta revista integrava também uma editorial, cuja estrutura empolou com a agudização política do País e a necessidade de dar satisfação a uma procura crescente de temas políticos e ideológicos. Bem depressa esta pequena/grande empresa – autêntica instituição cultural – sentiu, em termos económicos e financeiros, os efeitos negativos da viragem política, destinada a recuperar e a potenciar o sistema e os interesses capitalistas, decorrentes da regressão daquele projecto revolucionário, criando um clima de voraz especulação que fez soltar os preços para gáudio da rapina, ao mesmo tempo que a procura de temas socioculturais diminuíam e perdiam encanto, para desencanto de muita gente...

O grande motor que outrora impulsionava e fazia crescer a máquina seareira era o amor à verdade, à justiça e à dignidade nacional, cujos valores mobilizados em choque constante com o regime ditatorial, o atraso económico e a mediocridade do Estado Novo, geraram a Oposição.

Quando esta Oposição se dividiu com o 25 de Abril em partidos políticos, aquela deixou de existir e a «Seara Nova» que era, de algum modo, o seu órgão oficioso, a sua voz, foi esvaziada em parte do conteúdo oposicionista, perdendo então a sua razão de ser. Assim, passou a enfrentar a concorrência de outras publicações, que representavam motivações diferentes, o que, em termos de procura, afectou também as suas vendas no mercado. Mercado este que devido à falta de poder de compra da população em geral, já se havia reduzido.

A empresa editorial «Seara Nova» não resistiu à pressão dos encargos. Em relação à revista, esta publicou em Janeiro de 1979, o número duplo 1598/99, o último da série semi-secular, silenciando a sua voz. Depois, seguiram-se apenas alguns números simbólicos para garantir o título.

5. O Povo envolvido e esmagado pelas carências, pela crise económica, que para os «media» resulta de geração espontânea, não tem face nem partido, ficou livre a direita e a governação de tomar as iniciativas finais para consumar os seus domínios e privilégios, apresentando as propostas de Lei sobre a Segurança Interna, os Serviços de Informação e a informatização, mediante as quais se procura assegurar o seu destino cómodo e dominante, um regresso ao passado, mas agora sem o peso da organização corporativa.

Conjuntura inquietante que invade a sociedade portuguesa actual, sem qualquer esperança de ser imediatamente ultrapassada, em que depois de terem sido destruídas as soluções democráticas e nacionais, no âmbito económico e social, são agora ameaçadas as liberdades e os direitos fundamentais do Homem e os próprios valores culturais da Nação, onde o meios de comunicação social, que se empenhavam na sua defesa, foram, pouco a pouco, diluídos, absorvidos e/ou eliminados e, hoje, são raros e sofrendo as duras dificuldades do mercado.

A reacção natural do País, ainda não avaliada, a esta perigosa evolução é o descontentamenteo generalizado da população, a qual, desiludida, procura defender-se, instintivamente, buscando na união a sua força, congregando-se numa oposição crescente contra a situação, contra a coligação de direita. E esta unidade nascente é, começa em muitos aspectos a ser semelhante àquela outra oposição que operou durante e contra o odioso regime anterior imposto por Salazar e Caetano.

Não será difícil, portanto, admitir agora que estão criadas as condições míminas para que a revista «Seara Nova», que foi a voz dessa oposição, reapareça para ocupar o seu antigo espaço cultural e político, viva e independente, votada à causa patriótica de vitalizar a mentalidade da sociedade portuguesa, defender a democracia, a independência nacional e a cooperação efectiva com os países africanos de expressao oficial portuguesa.

A propósito, recordemos outra situação histórica similar quando também o País experimentava difíceis confrontações internas e desmandos económicos no final da Primeira República, o grupo da «Seara Nova», então recém-constituído, lançou, em 1922, a sua revista, com o apelo: «... Toda a revolução que se faça sem um ideal, sem um plano concreto de governo, sem homens que realizem esse plano, e sem forte apoio na opinião pública do País, é pura e simplesmente a anarquia...» Assinam: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Jaime Cortesão, Azeredo Perdigão, Ezequiel de Campos, Câmara Reis, Raul Brandão e Raul Proença.

Morte do colunista de maior influência de Espanha

O jornalista espanhol Pedro Rodriguez, de 49 anos, considerado pelos políticos e empresários como o mais influente colunista da Espanha, morreu, sábado passado, em Pontevedra vítima de enfarte de miocárdio.

Pedro Rodriguez deu sábado de manhã a sua última conferência em La Toja e, depois do almoço, sentiu-se mal disposto. Foi levado para uma clínica, onde morreu.

Conhecido pelo seu estilo crítico e confidencial, era actualmente director adjunto do semanário «Tiempo», uma das revistas políticas de maior tiragem em Espanha.

A partir do conservador «ABC», fustigava duas vezes por semana as acções governamentais. Em Setembro passado, acusou o Governo de Felipe Gonzalez de servir-se da «corrupção e do desfalque como modo de financiamento do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE).

A carreira de Pedro Rodriguez começou no plano nacional espanhol em 1972, no diário «Arriba», órgão oficial do movimento nacional que apoiou o regime franquista. De entrevistador político passou a colunista, ocupando o posto de subdirector do jornal entre 1976 e 1979.

Considerado cronista oficial dos últimos anos do franquismo, tornou famosa a sua coluna «A Colmeia», em que distrinçou o enleado processo de mudança política da ditadura para a democracia.

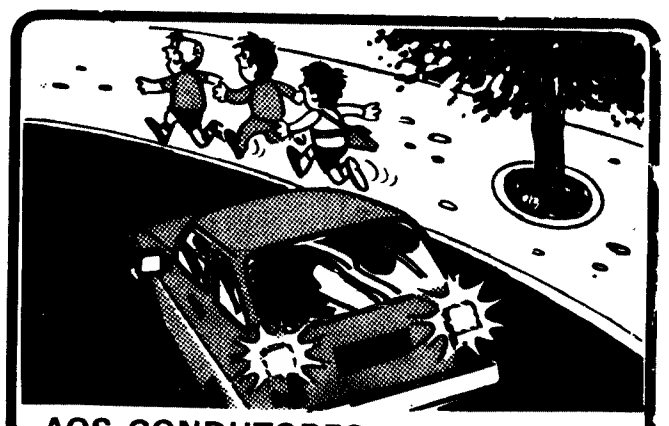
As últimas sondagens entre políticos e empresários feitas pelo «Tiempo», do poderoso grupo de publicações Zeta, de Barcelona, levaram a concluir que Pedro Rodriguez era o colunista de maior influência em Espanha.

Açores – melhorado o apoio aos jornalistas

O apoio ao trabalho dos jornalistas no Parlamento dos Açores vai ser melhorado através, nomeadamente, de beneficiações nas telecomunicações – informou uma fonte da Assembleia Regional.

A melhoria das condições na Assembleia açoriana fora requerida à presidência do Parlamento em abaixo-assinado de jornalistas ultimamente em serviço no Parlamento.

O documento foi subscrito por jornalistas da Imprensa Regional, Rádio, RTP, RDP e ANOP.



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	77$85	83$85
ALEMANHA FED (marco)	53$00	54$10
ÁUSTRIA (xelim)	7$45	7$65
BÉLGICA (franco)	2$470	2$675
BRASIL (cruzeiro)	$036	$066
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	124$65	126$65
(notas de 5 a 1000)	125$15	127$15
DINAMARCA (coroa)	14$80	15$20
ESPANHA (peseta)	$908	1$028
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	164$95	166$95
(notas de 5 a 1000)	165$45	167$45
FINLÂNDIA (marka)	25$55	26$15
FRANÇA (franco)	17$25	17$95
HOLANDA (florim)	46$95	47$95
IRLANDA (libra)	166$25	170$25
ITÁLIA (lira)	$078	$088
JAPÃO (iene)	$638	$673
NORUEGA (coroa)	18$25	18$75
REINO UNIDO (libra)	196$74	200$45
SUÉCIA (coroa)	18$50	19$10
SUÍÇA (franco)	64$25	65$35
VENEZUELA (bolivar)	9$90	10$90

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.**

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical, **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica, **21.30**: Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

15.55: Música, de Chopin; **16.30**: Uma obra, de Heitor Berlioz; **18.05**: Música do século XX; **19.00**: Terra viva, planeta azul; **19.30**: Canções, **20.10**: Uma obra, de Johannes Brahms, **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Musica, de Heitor Berlioz; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.40**: «Uma Cantata Italiana» de Haendel.- **01.00** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00 Matinee **17.00** Rapido das cinco. **19.00**: Cabo da Boa Esperança, **20.00**: Conta corrente, **21.00** Quando o telefone toca, **22.00**. Portugal e a CEE, **22.15**: Programas religiosos, **22.30**: Tempo de desporto, **23.00** 24ª hora. **01.00**. O passageiro da noite, **02.00**: No calor da noite Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**. O som da frente; **17.00**: Ondas luisianas. **18.00**: Circulo em FM; **19.00** Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**. Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **24.00** Pé-de-vento; **02.00** No calor da noite Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

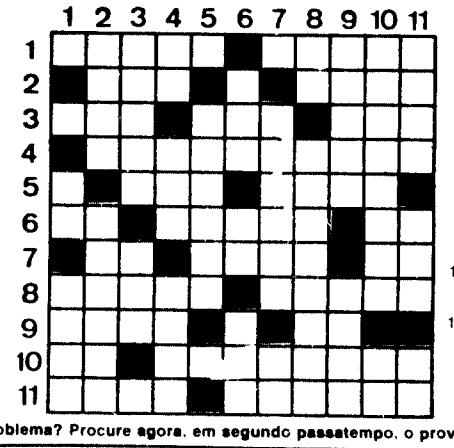
16.00 Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30** Memorando; **20.00**: Horizonte; **21.00** Programa da LAR; **21.30**: Textos e pretextos; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Desporto; **23.00**: Sessão da meia-noite; **23.55**: Meditando; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; **18.00**: O estaminé do ritmo; **19.30**: Memorando; **20.00**: Transmissão do terço; **20.30**: A Universidade na Rádio; **21.00**: Paju; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Contracapas; **02.00**: Estação de serviço Noticiários a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 206

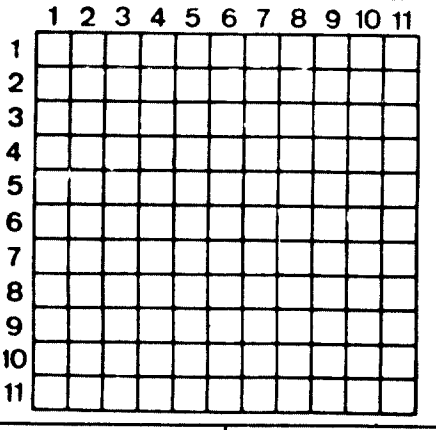


HORIZONTAIS:
1 Sacerdotes budistas. Curas.
2 Pronome possessivo. Pronome indefinido.
3 Rio de França. Bilis Maior.
4 Acalentara
5 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Letra grega.
6 Nosso Senhor Sinal gráfico. Em o
7 Pertences. Branqueamento. Quinhentos e um em romano
8 Conclui instrumentos para atirar setas
9 Lodo Flauta chinesa de três buracos
10 Segundo Bradavam
11 Doença que dificulta a respiração Mensalidade

VERTICAIS:
1 Serviço Nacional. Combina.
2 Moeda de Dio. Enxugais.
3 Terra Figura que simboliza o povo americano.
4 Autores. Escudeiro (inv) Gota
5 Trem de cozinha.
6 Possui. Rio de Itália Termo
7 Transmitira por testamento Pronome pessoal
8 Átomo. Unirias pelo casamento
9 Ponham a embarcação em rumo. Sepultura.
10 Amando apaixonadamente Preposição latina que designa movimento
11 Bebida do Peru Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia Ruim

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 056



HORIZONTAIS:
1 Macaco antropóide, que tem inteligência superior à do cão
2 Hilotas. Nesse lugar
3 Ilha do estado da Baía. Abanais.
4 Vãos. Freguesia do concelho de Belmonte
5 Moderato. Consola.
6 Peixe do género siluro Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho
7 Tabeliões.
8 Sufixo que designa abundância Apoios.
9 Preposição latina que designa movimento Rio da Ásia central tributário do lago Balcache.
10 Caixão em que os Egípcios encerravam as múmias
11 Miadela Curasse.

VERTICAIS:
1 O que é dado ao vício do ópio Sua Majestade
2 Que tem ranço. Nesse lugar
3 Jarro (planta). Freguesia do concelho de Alenquer Letra grega.
4 Níquel (s.q) Satanás. Antes de Cristo.
5 Fluido aeriforme Rosados.
6 Cidade do Japão Prefixo de negação. Nota musical.
7 Óxido de cálcio. Preparar com ópio.
8 Tolere Tempera de sal.
9 Unidade de força no sistema C.G.S. Cursos de água naturais
10 Ladina. Abreviatura de Santíssimo.
11 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia De-senrugo

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14 205

HORIZONTAIS:
1 LOUCURAS La.
2 Drs. Ir Pó
3 Nei. Ateus
4 Aromes Arco
5 Imã. Paus
6 Cimeira Ri.
7 Aos. Dai Saa
8 Travesso SS.
9 Rau
10 Arreatas. As
11 Mirrado.

VERTICAIS:
1 NÃO. Atrás
2 Oder Corar
3 Urio. Isaura.
4 Cs. Mim
5 REMEDEIAM.
6 Ri. Saias. Ti.
7 Ara. Riscar
8 Tapa Sr
9 Péra.
10 LOUCURAS. Ad
11 Sósias. Só.

PROVERBIO Loucuras não remedeiam loucuras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 055

HORIZONTAIS:
1 Jungerau. Es.
2 Ural. Ertala.
3 Natália. Bom.
4 Anémonas.
5 Dia.
6 Ju. Ut. Atiro.
7 Du. Lontras
8 Nicas. Ra.
9 Eco Amargor.
10 Aoros. Cão.
11 Usos. Casaca.

VERTICAIS:
1 Juno Juneau.
2 Ura. Púdicos.
3 Nata Coro.
4 Glândula. Os.
5 Leitosas.
6 Reima
7 Anão Atraca.
8 Ut. Trarás
9 Abatia. Goa.
10 Elos. Rs.
11 Sam. Co. Urca.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– M. 12 a.
OS SALTEADORES DO TEMPLO SAGRADO

ÁVILA 539930
Av Duque d Ávila, 92A
As 15, 17, 19.10, 21.45 e 23 45
– M 12 a
A ACADEMIA DA POLÍCIA

AVIS 547153
Av Duque de Ávila 45
As 14 30 16 45, 19 e 21 30
– M 6 a
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar
As 14, 16 30, 19 e 21 30
– M 16 a
ZONA DE PERIGO

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
As 14, 16 30, 19 e 21 30
M 12 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

CASTIL 530194
R Castilho
As 15 30 18 30 e 21 30
M 12 a
O LUGAR DO MORTO

CINE BLOCO 55682.
R Pinheiro Chagas 19
As 14 30, 16 45 19 e 21 30
M 16 a
A BALADA DE NARAYAMA
As 24 - M 12 a
48 HORAS

CINE CAMOES 324194
R [illegible] 15
As 14, 16 30 e 21 30
N ac men 13 a
CILADAS DE AMOR

CINE 222 579460
Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)
As 14 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora
As 15 30 18 30 e 21 30
- M 12 a
HAMMETT, DETECTIVE PRIVADO

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora
Às 15 30 e 21 30 – M 16 a
O'FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN

CONDES 322523
Av da Liberdade 2
As 14 16 30, 19 e 21 30
– M 12 a
Finalmente! O filme! A musica!
Cançoes de Stevie Wonder
A MULHER DE VERMELHO
O filme de Gene Wilder

2000 2100055
Av B Voluntarios [illegible] 113 4
As 15.30, 18 30 e 21 30
M 13 a
BALBÚRDIA NO OESTE

EDEN 320768
P Restauradores [illegible]
As 14 16 30 19 e 21 30
M 12 a
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

ESTUDIO 555134
A Afonso Henriques 35
As 15 17 19 e 21 30
N ac men 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves 83 B
As 15 17 19 e 21 30
M 12 a
AS ASAS DA POMBA

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade
SALA 1
As 14.30, 16 45, 19, 21 30 e 24
– M 12 a
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2
Às 14 15 16 30 18 45 21 30 e 23 45
- M. 6 a
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134 5
Al Afonso Henriques 35
As 15 15 18 30 e 21 30
- M 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

LIDO 936593
P. D. João I Amadora
Às 21 30 - Int men 13 a
MANAUS

MONTECARLO 681117
Av Pedro Alvares Cabral 37
Às 14 15, 16 30 e 21 30
AS BELDADES SELVAGENS VOLTAM A IBIZA

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro 4[illegible]
As 14 16 30, 19 e 21 30
- M 16 a
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283
R [illegible]
As 15 15 18 15 e 21 30
M 18 a
A ULTIMA ORGIA DO III REICH

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches 122
As 14, 17 30 e 21 30
- N ac men 13 a
SOLDADO AZUL

Uma cena do filme «As Asas da Pomba» realizadopor Benoit Jacquot com Domninique Sanda e Michéle Placido. Em exibição no Estudio 444

POLITEAMA 326716
R Portas S Antao 109
As 14 15, 16 30, 19 e 21 30
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16
SALA 1
As 14 30 16 45, 19, 21 15 e 23 30
– M 12 a
DIÁRIO ÍNTIMO

SALA 2
As 14 30 16 45 19 21 30 e 23 30
M 12 a
GREMLINS
As 23 30 - N ac men 13 a
1941 ANO LOUCO EM HOLLYWOOD

SALA 3
As 15 17 15 21 30 e 23 30
M 12 a
HAMMET
As 23 30 N ac men 18 a
O AMIGO AMERICANO

SALA 4
As 14 16 45 19 30 e 22 15
- M 12 a
O HOMEM DE FERRO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda 27 B
As 14 30 17 45 19 e 21 30
– M 12 a
GREMLINS
As 24 – M 18 a.
DELLINGER

ROMA TEL 727778
Av de Roma 14 M N
As 14 16 30 19 e 21 30
M 12 a
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

ROXY 548560
Av Almirante Reis 20
As 14 16 30, 19 e 21 30
- N ac men 12 a
SABATA CHEGA E MATA

SAO JORGE 579144 579344
Av da Liberdade 17[illegible]
SALA 1
As 15 30 18 30 e 21 30
M 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

SALA 2
As 14 15 16 30 18 45 e 21 15
- M 12 a
VIDAS EM JOGO
25.ª Semana

SALA 3
As 14 30, 16 45, 19 e 21 45
OS BATOTEIROS.

7.ª ARTE 730715
Av Republica à E Entrecampos junto ao n 63
As 14 45, 17, 19 10 21 45 e 23 45
– M. 16 a
O ELEVADOR

STAR 804211
Av Guerra Junqueiro 14
As 15, 18 15 e 21 30
– M 12 a
GENTE GIRA
Preço único: 125$00

TURIM 706661
E de Benfica 723 A
As 15 17 30 e [illegible]
- M 6 a
A ESPADA ERA A LEI

VOX 887808
Av E Miguel [illegible]
As 15 18 1[illegible] e 21 30
M 12 a
O LUGAR DO MORTO
4.ª Semana

XENON 368480
Av da Liberdade [illegible]
As 14 15, 16 30 19 e 21 30
- N ac. men 18 a
O ELEVADOR

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Frances», às 21 45 (12 anos)
ALFA-2 – «A Balada de Narayama», às 21 30 (16 anos)
ALFA-3 – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21 30 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21 15 (12 anos)
ZODIACO – «Vidas», às 21 30 (18 anos)
APOLO 70 – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21 30 (12 anos)
MUNDIAL – «Zona de Perigo», às 21 30 (16 anos)
LONDRES – «Paris, Texas», às 21 30 (12 anos)
TERMINAL – «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21 30 (12 anos)
CITY-CINE – «O Momento da Verdade», às 21 30 (12 anos)
TIVOLI – «Frances», às 21 45 (12 anos)
CAPITÓLIO – «As 69 Posições», às 21 00 e 23 00 (18 anos)
RESTELO – «A Turma dos Tarados», às 21 30 (12 anos)
PROMOTORA – «A Fúria do Dragão», às 21 30 (18 anos)
OLÍMPIA – «As Orgias de Mata-Hari», sessões permanentes (18 anos)
ESTUDIO ACS – «Fúria de Vingança», às 21 30 (16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Fim-de-Semana de Osterman», às 21.15 (16 anos)
CASCAIS – Impala – «Octopussy, 007, Operação Tentáculo», às 21.30 (12 anos)
CASCAIS – Oxford – «Footloose», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Stund Rock», às 21 15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «My Fair Lady», às 21.15 (6 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.15 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «Música no Coração», às 21 30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «O Mistério de Gorky Park», às 21.45 (12 anos)

Porto

CHAPLIN – «O Presente», às 21 30 (13 anos)
OLÍMPIA – «O Último Tango em Zagarol», às 21 30 (18 anos)
TERÇO – «Caçadores do Espaço», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Identificação de uma Mulher», às 21.30 (16 anos)
SÃO JOÃO – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21 45 (12 anos)
CHARLOT – «Making Love», às 21 30 (18 anos)
ÁGUIA – «Os Cinco Campeões», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Fugitivos do Inferno», às 21 30 (13 anos)
COLISEU – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)
FOCO – «Os Ricos e os Pobres», às 21 45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «O Templo de Shaolin», às 21 30 (16 anos)
TRINDADE – «Os Caça-Fantasmas», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Gente Gira», às 21 30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Vidas», as 21.45 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R do Vigário, 72-74 (T 866360). **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R D Domingos Jardo, 28-A (T. 843439). **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T 892682). **ANJOS -CHILE: Antolin**, Av Almirante Reis, 88-B-C (T 821773). **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T 772291); **BAIXA -COLISEU: Frazão**, R das Portas de Santo Antao, 70-72 (T 328180); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Suc.**, R da Junqueira, 326-328 (T 638193), **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035), **CEMITERIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838), **CHELAS: Lopes Cortez**, R Rui de Sousa, 65-A (T 886565); **LUMIAR: Nicolau**, C do Carriche, lote 4, loja, Esq (T 7588727), **PICHELEIRA: Marluz**, C da Picheleira, 140-B-C e R Prof Mira Fernandes MAF (T 880703), **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T 990122), **ODIVELAS: Joleni** R Dr Alexandre Braga, 3-B (T 9810812), **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R A do Falcão 3-A (T 993912)

REFORÇO

ALCÂNTARA: Vieira Rosa, R Prior do Crato, 72 (T 660187), AREEIRO: Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T 884941), **BENFICA -ESTAÇÃO -URUGUAI: Santa Cruz**, Av Gomes Pereira, 34-B (T 704828), **CAMÕES: Sanitas**, P Luís de Camões, 22-24 (T 322798); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av dos Estados Unidos da América, 140-B (T 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R de Campolide, 54-A (T 684424), **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P do Norte, 11-A (T 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R Pascoal de Melo, 90 (T 544438), **GOMES FREIRE: Salutar**, R Conde Redondo, 9-B (T 683694); **GRAÇA: Monte**, R Senhora do Monte, 30-A-B (T 867842); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luis Bivar, 11-13 (T 544324); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T das Prioras (T 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T 2751297) Permanente, **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R Cabo da Boa Esperança, 25-A (T 2767356) Permanente, **COSTA DE CAPARICA: Chai**, R General Humberto Delgado (T 2403212) Até às 19 horas, **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R Cândido dos Reis, 21 (T 2233028); **LAVRADIO: J. Consolado**, AV Joaquim J Fernandes, 17-C (T 2043126). Até às 19 horas, **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R D Francisca Azambuja (T 2074446) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E Nacional, 178-A (T 2040302) Até às 19 horas, **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B Cidade de Setubal, 1-B (T 2291192) Até as 22 horas; **AMORA: Duarte Ramos**, R de Bafatá, 11, Centro Comercial Belsul, Cruz de Pau Até às 22 horas, **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L de Camões, 27 (T 221132) Até às 22 horas, **MONTIJO: Moderna**, R Bulhão Pato, 60 (T. 2310156) Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P da República, 16 (T 239029) Até às 19 horas, **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R Cândido dos Reis, 30 (T. 204020) Até às 19 horas, **ALCOCHETE: Gameiro**, L António Santos Jorge, 15 (T 234100) Até às 19 horas

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R X lote 146, Algés de Cima (T 2104556) Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R Antero de Quental, 9 (T 4190610) Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L Duartes, lote A (T 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B Padre P Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Bastos**, R D Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas, **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T 242839). Até às 22 horas, **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E Nacional, 1 (T 2850635) Até às 22 horas, **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, L Henrique de Paiva Couceiro (T 2430485) Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T 2470037) Permanente, **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av de Sabóia, 29 (T 260085) Até às 22 horas, **PAREDE: Macau**, R. J Elias Garcia (T 2471785) Permanente; **ESTORIL: Marques Santos**, R Ferreira J. A., 15 (T 260116) Até às 22 horas, **CASCAIS: Marginal**, Av Marginal (T. 280078) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530) Permanente; **CAVACA: R. Elias Garcia, 209** (T. 930019). **Até às 22 horas; DAMAIA: Damaia** P Alexandre de Gusmão, 9-A (T 970523) Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, E Particular Henrique Pousão (T 964649) Até às 22 horas **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S Oliveira, 5 (T 2518669) Até às 19 horas. **CACEM: Central**, R. Elias Garcia 55 (T 9240034) Permannente, **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T 9210012) Permanente **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas. **RIO DE MOURO: Riomouro** Av Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194) Até às 22 horas, **SINTRA: Simões**, Estefânia (T 9230832) Permanente

LOURES: Saraiva, Av da República, 86 (T 2530027). Até às 22 horas

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

FOZ, R. Senhora da Luz 380, Foz, **PENINSULAR**, R Chã, 100, **DO CAMPO**, P. da República, 118, **CONSTITUIÇÃO**, R. da Constituição, 93; **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 251

DE DIA E TODA A NOITE

ESTÁCIO, R. Sá da Bandeira, 120, **ALVES MOREIRA**, Av Rodrigues de Freitas, 167; **DA GIESTA**, R D. Afonso Henriques, 206, Areosa; **AZEVEDO**, R de Azevedo, 136; **PINHEIRO MANSO**, R São João de Brito, 25-29

COIMBRA

SILCAR, R. Ferreira Borges, 88-94 (T 22923); **SÃO SEBASTIÃO**, R. António Jardim (T 72802).

teatros

Lisboa

TEATRO DA ESTRELA – «Make Me a Window», às 20.00 (13 anos)
VILLARET – «O Super-Silva», às 21 30 (12 anos)
CASA DA IMPRENSA – «Aurora da Minha Vida», às 21 45 (13 anos)
COLISEU – Circo do Natal, às 16.50 e 21 30 (6 anos)
CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21 30 (6 anos)
PRAÇA DE ESPANHA – Circo Cardinali, às 21.30 (6 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
REDACÇÃO GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 – Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: 40$00

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.22	3,7 m	3.50	1,7 m
23.08	3,7 m	16.35	1,4 m
Dia 18			
11.30	3,8 m	4.59	1,5 m
		17.34	1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	5º
BRAGANÇA	9º
VILA REAL	7º
PORTO	10º
COIMBRA	8º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	10º
ÉVORA	9º
BEJA	7º
FARO	12º
SAGRES	13º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	17º

Esplanada já funciona, restaurante lá para o Verão

Iate dos Beatles faz turismo no Funchal

O iate Vagrant,que pertenceu aos Beatles, é agora atracção turística com o nome do lendário conjunto musical, atracado no cais do Funchal.

O barco, que em 1966 foi propriedade dos Beatles para recreacção, encontra-se dividido em três sectores, a esplanada, inaugurada em 1984, um restaurante tipo marisqueira e um disco-pub, o primeiro com abertura prevista para o Verão de 1985.

Em relação ao disco-pub, João Faria (proprietário do barco juntamente com o seu pai João Bartolomeu Faria), referiu que é uma inovação que se pretende lançar na Madeira.

Disse que se trata de um lugar onde as pessoas poderão descansar inclusivamente durante o dia, com música suave, «sem ser propriamente discoteca», referiu.

João Bartolomeu Faria, de 58 anos, adquiriu o barco quando este foi posto a flutuar depois de em 1977 ter encalhado na praia de Alcavaraheras, em Las Palmas, nas Canárias.

A ideia inicial era de restaurar o «Vagrant» para ampliação da frota dos «Amigos do Mar», organização de turismo náutico pertencente à família Faria, que dispõe hoje em dia de cinco lanchas para pesca desportiva nos mares da Madeira.

Foi então, pelo facto de não haver hipótesee de restaurar a embarcação para navegar, que surgiu o projecto actualmente posto em prática, da autoria de João Bartolomeu Faria.

Apesar de não termos tido muito apoio para o projecto, a ideia teve aceitação desde o princípio por parte das autoridades, observou João Faria, filho.

«A determinada altura chegou a haver contestação mas agora toda a gente reconheceu que valeu apena o tempo que isto leva a ser concluído», frisou.

O barco foi construído em 1941, nos estaleiros Baily Iron Works dos Estados Unidos da América, para um multimilionário de nome Horace Vanderbilt, tendo também pertencido à família do magnate grego Goulandris e ao cantor Donovan.

«O mal do barco é que esteve cerca de 9 meses encalhado, o que estragou muita coisa» disse o filho de João Bartolomeu Faria, acrescentando ser esta uma das razões da sua não recuperação.

João Carlos Abreu, secretário Regional do Turismo e Cultura, disse ser o iate «uma peça muito bonita dentro da cidade» e sublinhou que os Beatles constituiram «uma etapa importante na música do mundo».

«Revolucionaram a música e, portanto, qualquer coisa que tenha pertencido aos Beatles é importante do ponto de vista turístico», salientou aquele membro do Governo Regional da Madeira, entidade que está a estudar um processo para apoio à conclusão do inédito complexo.

Oito cabines de grande luxo

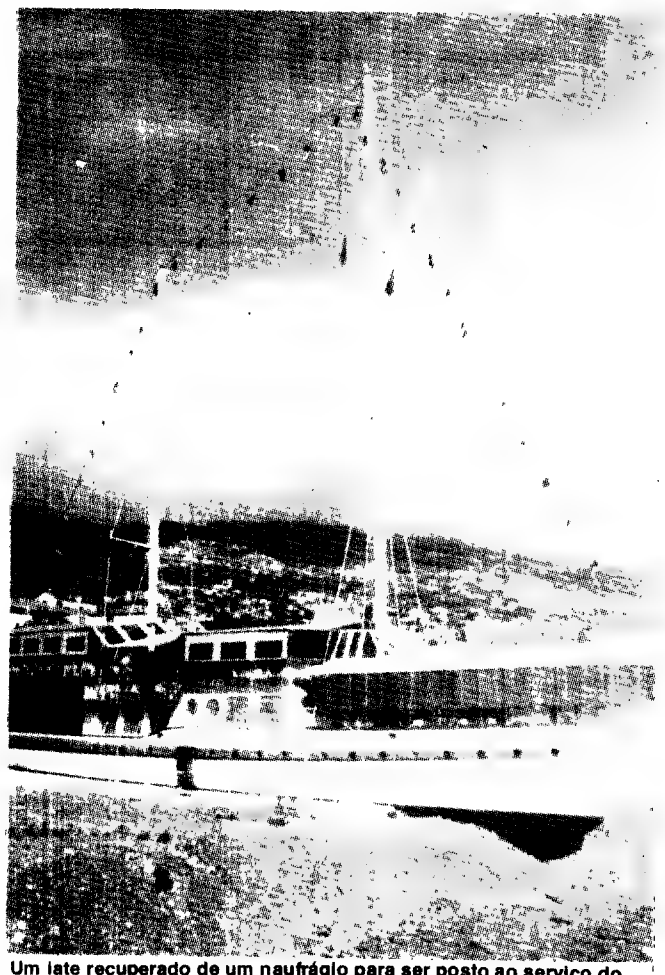
O iate «Vagrant», colocado ao lado da marina do porto do Funchal, foi construído originalmente em aço, tem 35,70 metros de comprimento, a largura máxima é de 7,60 metros e o pontal de 3,14 metros.

Quando navegava tinha uma autonomia de 3 mil milhas e possuia oito cabinas que eram um verdadeiro luxo, no dizer de João Faria e dispunha ainda de um salão de jantar, além dos camarotes da tripulação.

Estava equipado com um motor diesel «Cooper Bessemer» de 450 cavalos e 8 cilindros, embora o essencial para a navegação fossem as velas que partiam de um mastro em madeira para outro de liga metálica.

As características gerais do «Vagrant» estão mantidas, embora algumas alterações fossem introduzidas, como é caso da ponte de comando, por uma questão de funcionalidade do bar e esplanada «The Beatles».

O barco que foi dos Beatles, veio para a Madeira em 1979 e só depois de dois anos e meio, em Maio de 1982, é que se iniciaram ostrabalhos de adaptação ao projecto em curso, parte dos quais concluídos em 1984 com a abertura do café e esplanada.



Um iate recuperado de um naufrágio para ser posto ao serviço do turismo

Para a colocação no local onde hoje pode ser vistado, operação que não foi fácil em virtude das suas 248 toneladas de arqueação bruta, teve de ser aberta uma vala, que com a maré cheia tinha de ter um nível de água igual ao do pontal do barco, de cerca de 3,10 metros.

«Quando cavavam o mar deitava outra vez para trás os ca-lhaus» disse João Faria, filho, que referiu: «foi trabalho de dias».

Foram necessárias duas semanas para colocar o «Vagrant» na posição em que se encontra actualmente, para o que se aproveitou a maré alta utilizando-se macacos hidráulicos, um à frente e um de cada lado do iate, para o subirem a 2,5 metros do nível do mar.

Lopes-Graça: 78 anos

Fernando Lopes-Graça, um dos mais destacados nomes da cultura portuguesa contemporânea, completa hoje 78 anos.

Por essa razão, o «DL» associa-se hoje a todos os que se dirijam ao compositor de renome mundial, ao musicólogo e estudioso que recuperou para o património cultural português nomes como o de João Domingos Bontempo e muitos cantares do nosso povo, ao lutador antifascista e ao amigo, as mais sinceras felicitações pelo seu 78.º aniversário.

Soares ignora petição

O secretariado português da I Conferência Luso-Espanhola «Por uma Península Ibérica livre de armas nucleares» teve de recorrer aos correios, ao registo e ao aviso de recepção, para fazer chegar a Mário Soares a carta aprovada na Conferência.

Na missiva, dirigida ao Primeiro-Ministro português e ao chefe do governo espanhol, os conferencistas solicitam que os Governos de Portugal e de Espanha «iniciem quanto antes, os contactos que permitam a realização de negociações diplomáticas conducentes à celebração entre os dois países de um Tratado Internacional que declare os seus territórios como Zonas Livres de Armas Nucleares». Solicitam ainda que os dois políticos «tomem as medidas necessárias para que o reconhecimento deste tratado seja também garantido pelos organismos internacionais e pelas potências nucleares».

Um é português

RENAMO mata onze pessoas numa emboscada

O cidadão português morto sexta-feira à tarde numa emboscada por elementos da RENAMO nos arredores de Maputo, chamava-se José Cardoso – disse à ANOP citando uma fonte oficial.

Até ao momento, desconhecem-se outros pormenores sobre a identificação do português, a décima sétima vítima de acções da RENAMO em Moçambique em 1984, tais como nome completo, idade, e o que fazia no local da emboscada.

O conselheiro da Embaixada portuguesa em Maputo, João de Deus Ramos, que substitui o embaixador Paulouro das Neves, de férias em Portugal, desconhece igualmente outros pormenores mas disse que talvez hoje seja possível esclarecer completamente a situação.

As vítimas seguiam em quatro veículos civis pertencentes à empresa moçambicana de lacticínios e a uma exploração agrícola local, em direcção a Maputo quando foram interceptadas.

De acordo com testemunhas, os elementos da RENAMO ordenaram-lhes que saíssem dos carros e mataram-nos, imediatamente, a tiro e à facada.

Alguns dos veículos foram então incendiados com alguns corpos no interior.

O português morto era namorado da filha do governador da província de Gaza, a qual foi também morta no ataque.

Vergílio Ferreira e Óscar Lopes prémios de Críticos Literários

Os escritores Vergílio Ferreira e Óscar Lopes foram galardoados com o «Prémio da Crítica» e o «Prémio Jacinto Prado Coelho» atribuídos pela Associação de Críticos Literários (ACL).

De acordo com o Regulamento, o «Prémio da Crítica» distingue a obra completa de um escritor, mas sob o pretexto da publicação de um novo título da sua bibliografia, neste caso no período entre Outubro de 83 e Setembro de 84.

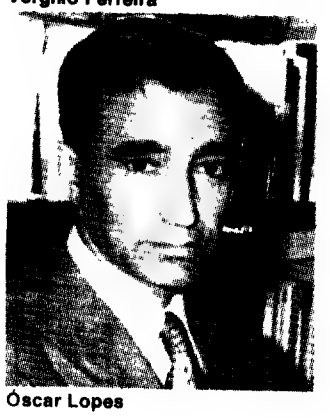
No período referido, Vergílio Ferreira publicou o romance «Para sempre», numa edição da Bertrand.

O júri, constituído por Luís Forjaz Trigueiros, António Ramos Rosa e Fernando J. B. Martinho, atribuiu o prémio por unanimidade.

Também por unanimidade, o «Prémio Jacinto Prado Coelho», este ano instituído pela ACL, foi atribuído a Óscar Lopes, pela sua obra completa no domínio do ensaio e a pretexto da publicação, entre Outubro de 83 e Setembro de 84, do livro «Álbum de Família», edição da Editorial Caminho.

Integraram o júri do prémio os escritores David Mourão-Ferreira, Álvaro Salema e Maria Alzira Seixo.

Vergílio Ferreira



Óscar Lopes

Cientistas descobrem segundo planeta

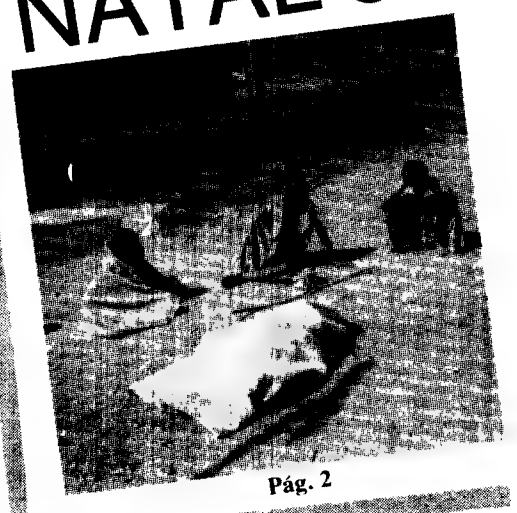
Os cientistas que na semana passada anunciaram a descoberta do primeiro planeta fora do sistema solar, identificaram um segundo ainda mais próximo da Terra, escreve o «Daily News» de Los Angeles na sua edição de domingo.

Donald McCarthy, astrónomo da Universidade do Arizona, disse ao jornal que o segundo astro orbita uma estrela-anã vermelha a menos de 20 anos luz do nosso planeta. Um ano luz é a distância percorida pela luz durante um ano (cerca de 9,3 biliões de quilómetros).

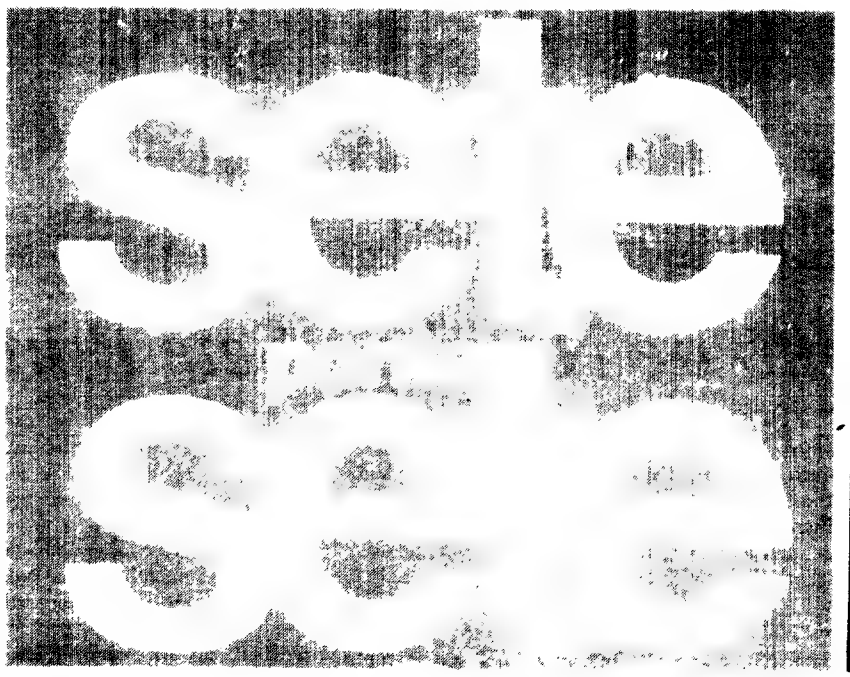
Esta segunda descoberta ocorre pouco depois da sua equipa, baseada em Tucson, ter anunciado a descoberta do «VB8B», um corpo do tipo de Júpiter que orbita a estrela de Van Biesbroeck-8, a cerca de 21 anos luz da Terra. este foi o primeiro planeta descoberto fora do sistema solar, em Maio passado.

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

ETIÓPIA NATAL 84



Pág. 2



Destaque: YOURCENAR

Pág. 4 e 5

PUBLICADO E

QUE HÁ DE NOVO?

Diários filmados em Sup. 8

Pág. 7

O rock já não existe

Pág. 6

ETIÓPIA

Um desastre que já fez milhões de vítimas

O conto de Natal do Sete Ponto Sete

CRIANÇAS só com pele e olhos, deitados em plena estrada para forçar a piedade dos automobilistas de passagem. As barragens da fome... Mulheres esfarrapadas que brandem, ao longo dos caminhos as suas últimas jóias. Saldos da fome. Nunca acabariam as imagens insustentáveis da dieta da Etiópia. À força de as ver e de as rever, não se arriscam elas a tornar-se tragicamente banais?

A fome de hoje já teria batido os tristes recordes da de 1973--1974 que custou a vida a uns cem mil etíopes. Ninguém é capaz de ser muito mais preciso porque tanto a existência de guerrilhas activas como a ausência de infra-estruturas de estradas obrigam a extrapolar a partir dos dados recolhidos nas zonas seguras e acessíveis: cinquenta mortos por dia em Bati, no Wollo; quarenta em Korem, mais a norte; pelo menos uns dez em Makelle, no Tigre, etc.

Quantos etíopes vivem nas regiões tocadas pela seca e dependem de um socorro alimentar? A comissão etíope de ajuda e de reabilitação (RRC) avança hoje o número de uns sete milhões de vítimas, mais de quatro milhões das quais a Norte do país, só nas regiões do Wollo, do Tigre e da Eritreia. Quantas pessoas estão directamente ameaçadas de morte? Alguns falam de várias centenas de milhares. A ordem de grandeza destes cálculos basta para dar a dimensão do drama.

Onde os socorros médicos se organizam, é possível esperar uma estabilização na situação. «**Num mês, desde a distribuição dos víveres, a mortalidade desceu para metade, em Korem,** constata o dirigente local de Médicos Sem Fronteiras (MSF), **mas as pessoas continuam a morrer de desnutrição e de frio. De noite, a 2500 metros de altitude, a temperatura é de 2 a 5 graus centígrados. Precisamos de trinta mil cobertores...**»

As cinquenta mil pessoas que puderam atingir Korem, depois de três a quatro dias de marcha são, apesar de tudo, «privilegiadas». Elas têm à sua disposição uma equipa de MSF, composta de quatro médicos e de seis enfermeiras. **Save the children found** alimenta, diariamente sete mil e quinhentas crianças de menos de cinco anos. Mas este centro de distribuição não passa de um minúsculo oásis no vasto deserto do Wollo, onde mais de um milhão e meio de rurais de que não há notícias, sofrem de fome.

O envio dos víveres para os centros de distribuição não parece pôr problemas importantes. A RRC dispõe, de momento, de uns seiscentos camiões e de uma frota de cinquenta e quatro aviões, vinte e quatro dos quais são helicópteros soviéticos. Todos os dias uma centena de pesados — os motoristas recebem prémios de rendimento — saem do porto de Assab. O levantamento do recolher obrigatório facilita as suas idas e vindas. «**Já não há praticamente mercadorias à espera nos cais**», afirma o doutor Tamrat, responsável médico da RRC. «**As 112 000 toneladas que já recebemos foram evacuadas ou por estrada ou por avião.**»

Resta entregar os víveres aos seus destinatários, onde estes se encontram. «**Durante as fomes precedentes, empregávamos animais de carga para atingir os lugares mais recuados. Hoje utilizamos helicópteros,** explica o doutor Tamrat. **Vamos a todo o lado. Há mais de duzentos centros de distribuição de grãos dispersos pelo país.**» A realidade é provavelmente muito diferente, mesmo que fosse só devido à presença de guerrilhas muito activas nas zonas mais tocadas pela fome.

Não há cessar fogo

Para «**ir a toda a parte**», seria necessário que o poder central negociasse um «**cessar fogo**» com os «**terroristas**» eritreus e tigreanos, o que ele recusa em absoluto. A distribuição dos víveres nestas zonas perturbadas, põem um problema. Claro que tanto de um lado como de outro há arranjos com o diabo. Isto não impede que o governo não se mostre muito entusiasta com a ideia de distribuir alimentos que, de mão em mão, podem chegar aos «**do outro lado**». Quanto aos guerrilheiros, eles não podem indefinidamente impedir os que estão sob o seu controlo de ir buscar comida ao território «**inimigo**».

Visto que, por razões políticas e técnicas, não é possível ao governo de Addis-Abeba manter e até estabelecer contacto com os mais isolados dos esfomeados, estes, levados pelo medo de uma morte lenta, abandonam, em desespero de causa, as terras altas, com um pequeno saco. Eis populações sedentárias, sem nada de nada, que a fome lança nas estradas, obrigando-as ao nomadismo.

«*Há migrações maciças no norte do país*», reconhece o doutor Tamrat. A fisionomia destes movimentos de população é muito mutável. Se muitos esfomeados tentam atingir os campos já «instalados», onde estão certos de encontrar uma assistência alimentar e médica, outros instalam-se em lugares onde a sua presença não será ignorada durante muito tempo. Assim, acabam de ser encontrados em Mile, na estrada de Dessié a Assab, junto a uma nascente, vários milhares de Afars.

«*Centenas de milhares de esfomeados erram na província do Hararghe, a sudeste do país*», sublinha o representante local do Alto Comissariado para os refugiados (HCR) da ONU. Segundo ele, «*se não se age depressa, a situação pode ser tão catastrófica como no Wollo.*» Um certo número de pessoas agruparam-se ao longo da via férrea Addis-Abeba--Djibuti. Devido à seca, repatriados etíopes «refugiaram-se» de novo nos países vizinhos: Quinhentos em Djibuti e cinquenta mil na Somália. Cinquenta mil rurais já fugiram para o sul do Sudão.

As autoridades locais não sabem muito bem que fazer. De norte a sul a Etiópia está um pouco de pernas para o ar. É interdito a estes «nómadas» o acesso aos centros urbanos. Nos campos, que estão mais ou menos bem equipados para os receber, dão-lhes, em princípio, rações alimentares para um mês a fim de os incitar a voltar para donde vieram. Debalde. A maior parte deles estão demasiado exaustos para caminhar. De resto, para quê voltar às suas terras, visto que, sem chuva, nada lá se pode fazer.

O medo do fracasso

Devido à falta das grandes chuvas estivais, a colheita de cereais deste outono será praticamente nula. A da próxima Primavera não deixa esperanças, devido à falta das pequenas chuvas de Inverno. Assim, na melhor das hipóteses, não se pode esperar um regresso à normalidade antes de um ano.

Até lá dever-se-á importar 1,2 milhões de toneladas para alimentar convenientemente a população. Por realismo, as autoridades etíopes reduziram as suas ambições e fixaram-se, de momento, o objectivo de 630 000 toneladas «*o que só representa metade das nossas necessidades*», insiste o doutor Tamrat.

A partir de meados de Setembro, os víveres chegaram em massa, o que pôs enormes problemas logísticos. Hoje, o ritmo das entregas diminuiu. A RRC só espera até meados de Dezembro umas 54 000 toneladas. O auxílio prometido ainda não é efectivo e, de qualquer maneira, está longe de cobrir as necessidades. Hoje, as autoridades locais calculam para o primeiro trimestre de 1985, 50 000 toneladas de alimentos enviados pelos Estados Unidos e 25 000 provenientes da Austrália. Mais ainda têm muito que fazer para lembrar os seus deveres aos países e organizações dadores e combater, eventualmente, a sua moleza.

Muitos acusam o governo etíope de fazer mau uso do auxílio estrangeiro, tanto por desviar parte para o exército, como privando os que vivem nas zonas controladas pelos rebeldes eritreus e tigreanos. Dada a importância da quantidade dos víveres em causa, é provável — e mesmo inevitável — que tenha havido uma certa «colagem», mas é impossível medir a sua amplidão. No entanto, muitos observadores duvidam de que estes desvios de tráfico sejam organizados em grande escala.

Seja como for, se os dirigentes de Addis-Abeba conseguem obter todo o auxílio do estrangeiro que desejam, serão então confrontados com escolhas difíceis. Se não se paralisar a economia do país, é, com efeito, impossível ao Estado colocar durante um longo período todos os seus meios à disposição dos esfomeados, reservando, por exemplo, quase exclusivamente, o porto de Assab, que pode hoje cuidar de umas 2000 toneladas de mercadorias, só ao desembarque de produtos alimentares.

A falta de confiança que parece presidir às relações entre a maioria da população e o governo marxista do tenente coronel Mengistu Hailé Marian, complica a tarefa deste último. Com receio de um fracasso, as autoridades locais evitaram, de momento, lançar uma campanha nacional de mobilização contra a secura e a fome. «*Há dez anos, a população de Asmara colectou, num só dia, 5000 quintais de cereais para os esfomeados do Wollo,* conta um membro de uma organização caritativa. *Estes gestos de solidariedade pertencem, porém, ao passado. Hoje é a política de cada um por si. O Estado omnipresente que se arranje.*» Em todo o caso, aúltima década prova que o poder revolucionário não conseguiu melhor do que o regime feudal, romper o ciclo invernal da dieta. ■

Água num vinho

MESMO nas províncias mais atingidas pela seca, existem zonas verdes. O Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF) imaginou portanto «geminá-las» com «bolsas de pobreza» de que não estariam afastadas mais do que uns quarenta quilómetros. Assim, já está a patrocinar, desde o passado mês de Janeiro, projectos no Gondar e no Shoa, que dizem respeito, cada um deles, a cento e quarenta famílias. Estas recebem o equivalente a 17 dólares por mês a fim de poderem comprar nas proximidades os cereais que lhes faltam, em contrapartida devem participar gratuitamente numa ou duas jornadas de trabalho comunitário por semana: empedrado de uma pista, construção de um dispensário, captação de uma nascente.

Para solucionar a fundo o problema destas fomes repetidas, a ideia do governo etíope é muito mais ambiciosa: deslocar a curto prazo, das províncias do Norte (Wollo, Eritreia, Tigre para as províncias do Oeste (Wollega, Illubador, Kaffa) cem mil chefes de família — isto é, quinhentas mil pessoas — ou mesmo, a longo termo, vários milhões de rurais. Algumas dezenas de milhares já foram «reinstalados». Os homens válidos partem muitas vezes como exploradores.

Uma deslocação de populações de tamanha amplidão é um exercício caro e difícil porque é preciso não só transportar estes imigrantes de um ponto para outro do território mas ainda , uma vez chegados ao seu destino, assegurar-lhes alojamento, pôr à sua disposição equipamentos escolares e sanitários, criar zonas de água, distribuir sementes, fornecer ferramentas, etc. **É um programa que merece ser apoiado financeiramente, durante pelo menos três anos**, diz um perito.

O governo etíope é, ao que parece, obrigado a usar a força para atingir os seus fins. Com efeito, os interessados resmungam ao abandonar as suas terras, por mais ingratas que estas sejam, com medo da mudança e do desconhecido. Eles deverão, com efeito, viver em regiões quentes onde existe a malária, mudar os seus hábitos alimentares, e consumir, por exemplo, batata doce em vez do **teff** tradicional, cohabitar com etnias que lhes são estranhas e — mal dos males — trabalhar no quadro constrangedor de uma cooperativa de produção. A fome oferece assim ao regime uma ocasião de fazer avançar a colectivização...

A fome, que custou a vida ao rei dos reis, poderá hoje repor em causa as conquistas da revolução? Alguns alimentam a secreta esperança de que o pragmatismo acabe por vencer o dogmatismo, e que, levado pela necessidade, o tenente-coronel Menguistu faça a paz com os «sececcionistas» eritreus e tigreanos, ponha água no vinho marxista e se aproxime do Ocidente, que respondeu amplamente ao seu apelo. Mas, consciente deste perigo de «derrapagem», o Negus «vermelho» tem o ar de tornar mais rijas as suas posições. Não denunciou já a **conspiração** dos seus adversários que, em vez de atacarem de frente, procuram tudo o q podem para o destronar? Par dirigentes de Addis-Ab seca é uma coisa, e a outra. Poderão mante muito tempo esta fic

S O C I E D A D E

PROLEPSIA

Paulo Varela Gomes

Assistimos hoje a factos e tendências do pensamento e da produção de objectos e imagens que dão conta de uma **descronologização** acentuada das referências. Não se trata tanto de deshistorização como de uma espécie de historicismo bastardo produzido pela concentração heterogénea e não direccionada num presente absoluto de resíduos, destroços e objectos do passado; e também da impossibilidade de imaginar um futuro que não seja uma outra combinação caleidoscópica deste amontoado de referências sem lugar e rumo.

I

ENCAREM-SE alguns factos:

No domínio da **banda desenhada** (significativo porque foi talvez aí, com Flash Gordon, que estas tendências primeiro se deram claramente a ver) surge uma nova «ficção científica» que, mais do que isso, é uma ficção temporal e objectal; a descronologização é referenciada pelos objectos: essencialmente veículos, edifícios e vestimentas. Exemplo paradigmático e recente: as «Aventuras siderais de Roco Vargas», de Daniel Torres, que estão presentemente a ser publicadas pelo «A SUIVRE» — aí aparecem automóveis dos anos 40 e 50 transformados em naves espaciais, cidades entre o neoclassicismo, o futurismo e o pós-modernismo, roupas à Flash Gordon ou como em «Casablanca». A FC sempre foi a transposição para o futuro dos conflitos políticos e ideológicos do presente; essa transposição temporal era feita com o recurso à ciência (com ou sem aspas), isto é, a narrações e gadgets claramente antecipadoras. Houve excepções, é claro, (pensamos em Bradbury e, de um outro modo, em Simak), onde a referência temporal estava ausente. Mas não se trata, hoje, disso: trata-se de uma referência temporal **baralhada**. No exemplo da BD de Daniel Torres, o próprio espaço é ambíguo: a acção desenrola-se num planeta parecido com a Terra mas que não é a Terra; há constantes referências a uma história terrestre dadas, ainda por cima e significativamente, através de imagens e recortes de jornais e de filmes, isto é, do **instantâneo** e **em directo**. (Parece que, neste campo, o futuro exposto como tal já só pode aparecer na União Soviética: veja-se o «Lunódromo» construído pelos alunos da escola n.º 3 da cidade de Tanganrog — in «Vida Soviética», n.º 109 de Julho de 1984.)

No domínio do **cinema**, o exemplo clássico continua a ser o dos filmes da série Mad Max (para além dos de «espada e feiticeiro») provindos da Austrália onde (como nos EUA), por razões históricas — e até por «insuficiências» históricas... — a referencialidade cronológica sempre foi um pouco «flutuante»; o impacto do objecto e da sua função no ecrã é mais sedutor que a necessidade da precisão científica — lembrem-se as dezenas de filmes «históricos» da série B onde abundavam os anacronismos. Em Mad Max nem o local nem a época são claramente identificáveis. Em ›rincípios filmes do imaginá- › pós-nuclear (1), aceitam › ambiguidade que os tor- certo mais interessantes ›, justamente, permite a › fantasia da narração tendo um «realismo figurativo» por assim dizer (que Lucas corteja na «Guerra das Estrelas» e Spielberg pratica de um outro modo). Este tipo de fantasia a temporal e a espacial aparece também na **literatura**: para não ir mais longe em Mário de Carvalho ou Nuno Júdice.

No que respeita ao **brinquedo** considere-se a produção do objectos híbridos do ponto de vista do real e do tempo: essencialmente no LEGO e nas miniaturas de veículos (2). Enquanto que no domínio dos veículos «verdadeiros» terá passado um pouco de «moda» (e provavelmente devido à crise da energia) a descronologização do automóvel (patente nos carros americanos dos anos 50) e da moto (as «chopper» dos anos 60).

No campo da **música dita ligeira**, o rock pós-punk, produto de um retorno selvagem ao passado, traduz-se no recurso descronologizado e deslocalizado a músicas de todos os lugares e várias épocas e ao fim das ideologias do «progressivismo» que haviam produzido o rock mais autoconvencido e chato dos anos 70. Casos como o do álbum «Tormento & Toreros» de Mark Almond (e os Mambas) ou, em Portugal, o primeiro álbum dos Heróis do Mar e o recente disco da Sétima Legião, referenciam esta tendência.

II

No domínio da **moda e da decoração corporal**, os imperativos de variação e os limitesaa objectais e objectivos dos materiais (incluindo o corpo) fizeram sempre destes aspectos uma tangente à história que se torna secante em pontos variados e nem sempre cronologicamente sucessivos.

A moda implica sempre a permutação livre das regras, uma certa perca de referencialidade. Corta as coisas do seu passado ou abole o passado; o acontecimento actual ascende à mesma esfera dos do passado lendário. Mas até há pouco tempo, o facto da moda, dos penteados e da maquilhagem serem expressão de outras realidades (de estilo, personalidade, função, etc.) paralelizava o seu desenvolvimento com o do tempo e dos locais.

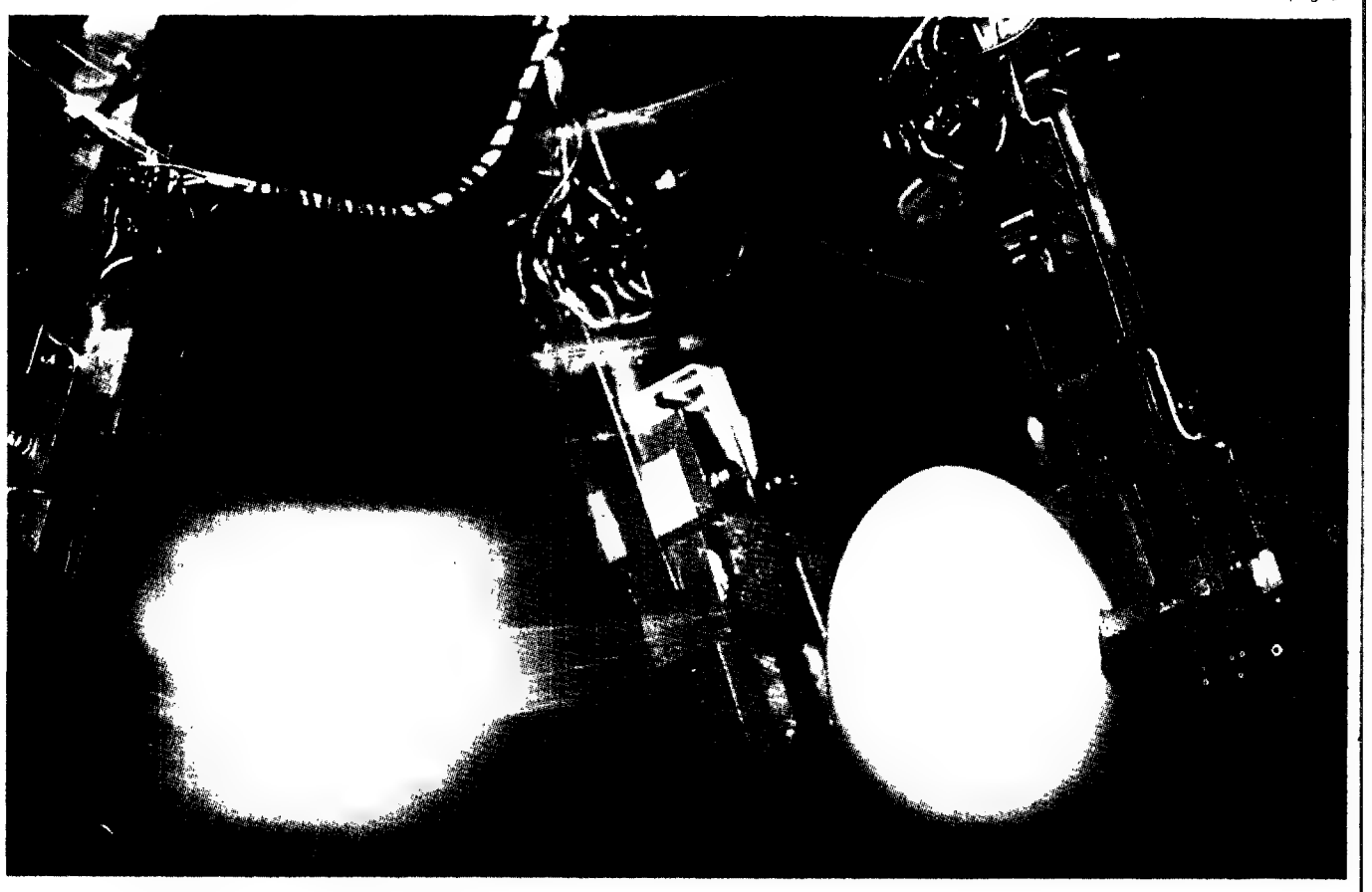
Hoje, porem, quando já não exprimem senão a sua propria expressividade, a moda e a decoração corporal permitem-se saltar sobre épocas e locais com absoluta fantasia. Enunciando o mito da mudança, a moda **desorienta**, hoje essa mudança. (3)

Na esfera da **arte**, a conjuntação da música rock com a moda e a decoração corporal e cenários fantasiosos produz vídeo-clip (o teledisco em bom português). O vídeo é um dos aspectos centrais da «infra-estrutura explicativa» deste conjunto de factos (4). Mas como forma de «arte» traduz-se na submissão do tempo e do espaço à circunstância e superficialidade absolutas onde o local e a época deixam de ser factores da forma para se transformarem em resultados desta. A chamada arte-vídeo produz, aliás, imagens que também por isso mesmo escapam ao monumento, quer dizer, à pontuação histórica e espacial. Corresponde a uma acentuação do momento instantâneo e perecível que a erosão da arquitectura moderna pela electrónica e a destruição ou desvanecimento das cidades confirma e redobra (e de que a arte conceptual ou a transformação fantasiosa dos locais pela lan-dart ou a fragilidade transitória do body-art são outros exemplos). Algumas reacções «pós-modernas» situam-se no significativo **ponto crítico** desta conjuntura de factos; reivindicam-se, antes de mais, de um retorno à história que especialmente alguma arquitectura do movimento moderno desprezaria teoricamente (na esteira distorcida do impulso dado pelo primeiro modernismo, produzindo, na prática, intervenções caracterizadas pela neutralidade estilística, o absurdo ecológico, um funcionalismo mal compreendido e pior aplicado, a submissão venal aos poderes, etc.). Alguns pensadores do pós-modernismo, pelo contrário, apresentam a história em arquitectura como, simultaneamente, o grande argumento e o campo onde todos os argumentos se jogam. O sintomático da situação actual surge, todavia, no facto de que, investindo-se directamente em edifícios (em **objectos**), o pensamento histórico fica a um passo de se transformar em historicismo descronologizado; quer dizer, em recorte de léxicos e soluções que dão origem a intervenções, senão ecléticas (também as há), pelo menos — nos casos realmente interessantes — pontos de suspensão do devir que se aparentam a narrações segmentadas ou objectos puros como que retirados da cadeia temporal e produto de uma **catástrofe das dimensões**. A arquitectura que aparece no filme «Blade Runner» talvez ilustre exemplarmente este ponto crítico (porque mostra uma paranóia expositiva que não se pode encontrar no mundo do real). Em pintura, finalmente, bastará a referência às novas correntes «anacronistas» para se encontrar, mais uma vez, a nossa cadeia de factos. [Trata-se, contudo e na generalidade dos casos, de uma pintura equivocada ideologicamente e bloqueada na prática. É que um quadro não é um objecto manuseável ou descritível (elemento de uma cadeia narrativa geral) e a figuração dos objectos não resulta em historicidade pela sua mera existência mais ou menos «realista» sobre o suporte; as descronologizações contemporâneas são da ordem da **acção** e da **narração** e não apenas da figuração.]

Um dos traços básicos de um pensamento ou prática significante prolépticos é o abandono de um princípio director, de uma «grelha» ordenadora dos factos, e a sua substituição por um «campo» onde todos estes estão sob o mesmo enfoque (um «espaço mental» sem profundidade, reduzido a uma superfície opaca) e têm, portanto, idêntico peso. A coordenada temporal deixa de ser uma linha ou um feixe para se transformar (como se se tratasse de um ecrã de vídeo...) num conjunto de pontos que o pensamento se recusa a ordenar em linhas ou superfícies mas no qual passa como alguém que, de muito perto (de **demasiado** perto) olhe uma tela de Seurat. Não há direcção **mas apenas elementos**.

Alguma produção histórica ocidental contemporânea (entre aquela que é por vezes designada por «nova história») exemplifica parcialmente este pensamento e situa-se já na margem entre os factos que vimos expondo e a sua infra-estrutura cultural. A influência marxista sobre os historiadores não-marxistas deu origem, antes de mais, à substituição de uma constelação de factos («acontecimentos», normalmente da esfera da política) por outra (números e estatísticas da ordem «económico-social»). E por aí se ficou durante algum tempo (ou se vai ficando). Entrava-se na zona das temporalidades longas que, no domínio da antropologia, frisavam a inexistência virtual de tempo. Depois, perante a pressão das reinterpretações do pensamento marxiano nos anos 60 e inícios dos 70 e seguindo a conjuntura cultural geral, a «nova história» retornou aos factos mas continuando a recusar qualquer «grelha»; foi necessário, então, descobrir «novos» factos: os das «mentalidades» e os locais. A História abandonava os grandes caminhos para se recolher às aldeias, largava as revoluções para analisar os tempos longos e as permanências. Primeiro resultado: uma imensa nova popularidade da História e, evidentemente, a redescoberta dos «acontecimentos» políticos que fornecem pela abundância o que os factos económico-sociais e mentais permitem pela escassez: a desordem do tempo e/ou a sua ausência; **a faltaa de direcção**. Muitas obras históricas produzidas hoje são, deste modo, a conjugação de pequenas narrações dispersas e abundantes factos interessantes pela proximidade ou a diferença em relação à vida actual; já não é a história do revolucionário, a história que quer

Continua na pág 8



Ela é um caso de benevolê

Marguerite Yourcenar olha com **uma indiferença divertida**, — e por vezes ligeiramente irritada — as **imagens de si própria que lhe** são propostas, desde que, de escritora secreta, **se tornou uma espécie** de «star»: retratos anedóticos — a casa de **madeira numa ilha do extremo** norte dos Estados Unidos, onde os **invernos são longos e rudes**, o pão que ela própria amassa, os cães e os **esquilos** — **ou retratos** académicos até à hipérbole, a Academia francesa.

Para ela tudo isto é não só subalterno como erróneo. Nem a sua vida nem a sua obra poderiam entrar em categorias mas recusam as etiquetas e as classificações, que Marguerite Yourcenar considera «obsessões» nefastas. Os seus leitores atentos compreendê-la-ão.

Se consente em falar é do seu trabalho, passado ou presente, tanto da «técnica» como da moral, apagando do seu discurso toda e qualquer alusão que possa passar por uma confidência. Os que esperam os seus próximos livros para enfim conhecerem a sua biografia, podem ficar à espera para todo o sempre. A sequência de «*Archives du Nord*» — história da sua ascendência paterna — não dirá nada da sua vida, a não ser a sua visão da infância, muito afastada daquilo que é convencional, sobre o interesse apaixonado da criança pelo adulto, principalmente pelos pais. Neste domínio, em que os escritores consentiram em muita facilidade, Marguerite Yourcenar segue uma vez mais o seu caminho com um rigor contrário ao abuso do sentimentalismo que já deplorou na literatura francesa.

A sua palavra, que fascina ou irrita, é em si própria notável, com um vocabulário muito homogéneo, um ritmo, um fraseado que a própria transição não pode destruir, embora lhe altere a melodia tão particular. Marguerite Yourcenar soube preservar uma arte quase perdida, a da conversação. Quando se interrompe, hesita entre duas palavras, emenda, fá-lo para procurar uma maior precisão, corrigir-se em voz alta como quem rasura um texto.

É costume evocar a serenidade um pouco fria, uma certa altivez, uma distância, temperadas ou agravadas por uma grande cortezia, de Marguerite Yourcenar. No entanto, o seu olhar azul, extremamente transparente, brinca até à caricatura com essa pessoa longínqua e marmórea. É certo que, de vez em quando, passa por ali uma certa ironia, por vezes um pouco desdenhosa, mas também uma certa troça onde há ternura, e, sobre tudo, uma estranha benevolência, própria dos que nada têm a lamentar visto que não deixam que nada lhes seja imposto. Assim, quando Marguerite Yourcenar aceita aquilo a que chama uma entrevista, dá o seu tempo ao visitante, com uma atenção discreta.

Marguerite Yourcenar ri francamente dessa velha senhora solitária e um pouco hirta que nunca sorriria. Um riso totalmente sem complacência. Um riso salutar.

— *Em* **L'Ile heureuse** *(1) a primeira frase que pronuncia é a de Hortense Flexner;* **«Aqui a história não aconteceu».** *São conhecidas as relações da sua obra com a história, mas a Marguerite Yourcenar parece estar neste momento mais ligada à poesia, ou prestando de novo homenagem a Hortense Flexner, ao republicar Les* **Charités d'Alcippe** *(2), ao publicar* **Blus et gospels** **(3).**

— À poesia e à realidade. A história não é para mim mais do que uma parte da vida, de resto a mais longa. Estas coisas passaram-se ontem, ante-ontem ou há dois mil anos, mas são sempre a vida. Não tenho categoria à parte da História com maiúscula.

— *O album* **Blues et gospels** *não será uma maneira de ligar poesia e histórias de hoje?*

— A album nasceu muito simplesmente da minha familiaridade com os negros. Mas interesso-me muito pela expressão poética popular, que a literaturas negligenciou sempre um pouco, em França. Há nela combinações de ritmos e de sons que a poesia literária nunca ousou. É pena. Há uma verdadeira alegria em nos servirmos dessas formas pouco gramaticais, dessas expressões concisas pouco aprovadas que são os próprios ritmos do canto popular.

— *Mas, para além do próprio texto, trata-se da sua parte na luta ao lado das minorias?*

— É um testemunho. Foi mesmo por isso que pus lá uma carta de um pai à filha, que não é, de modo algum, um texto poético, mas que mostra a atmosfera em que vivem os Brancos e Pretos.

— *Em 1968 dizia numa entrevista:* «**As minorias não têm representação política e são reprimidas num país muito vasto. Triunfarão um dia ou sentir-se-ão fatigados, absorvidas, desencorajadas? Não sei.**» *Em que se está dezasseis anos depois?*

— Em parte nenhuma. Houve mesmo um recuo. Em 1968 deu-se, pelo menos, uma onda de interesse pelas minorias negras, que esperaram muito e nada obtiveram. Na sua maioria os Negros desejariam integrar-se na comunidade branca, destruindo, se possível, a sua própria negritude. Poucos desenvolveram o sentimento de uma identidade negra. Os mais audaciosos reivindicam-na mas não sem amargura e com uma espécie de arrogância. A escola mista não serviu aos negros: eles continuam a estar lá em minoria, não são realmente aceites e tornam-se simplesmente pequenos Brancos de segunda ordem. Dantes eles eram mais conscientemente uma minoria, se não combatente, pelo menos segura dos seus instintos, dos seus desejos, da sua fé. O próprio facto de hoje o Negro rejeitar — o que compreendo muito bem — o «espiritual» porque este evoca os anos de escravatura, é um sinal de que ele não se assume por inteiro.

— *Paralelamente a* **Blues et gospels,** *o seu actual interesse pela poesia manifesta-se com a republicação das* **Charités d'Alcippe.**

— Estes versos foram escritos ao longo da minha vida e nunca foram, na verdade comercializados. São importantes para mim porque constituem por vezes, quase profeticamente, uma previsão daquilo que eu escreveria nas minhas obras em prosa. Noutros casos dizem exactamente o mesmo, de outro modo. O que me interessa, na publicação simultânea destes dois livros é que eles representam duas vertentes da poesia, uma popular, a outra dita «erudita».

A poesia e a prosódia «eruditas» são mal compreendidas em França. Imaginamos muitas vezes que o alexandrino é uma linha de doze sílabas cortada ao meio. O leitor não tem nenhuma ideia do que é o génio de um poeta. Em Racine ou Hugo há essa espécie de aproximação das sílabas, essa repetição, esses vazios e essas subidas, o ritmo. E quase tantas variedades rítmicas num alexandrino como num hexâmetro. Há aqui problemas interessantes, muito técnico, como o facto de o alexandrino, mais curto que o hexâmetro, não poder ter o mesmo conteúdo de pensamento. Apercebi-me disso ao escrever **la Coronne et la Lyre,** uma antologia de poetas gregros (4).

— *Sente-se fascinada pela perfeição clássica?*

— Sinto-me fascinada por uma ária de Lully, por uma sonata de Mozart, por essa música ainda mais antiga que encontro em toda a poesia popular. A poesia do fim da Idade Média, Villon e Charles d'Orléans, é talvez a mais realista, a mais delicada que a França nos deu. A poesia do Renascimento é bastante sensível à rima, maravilhosamente ao ritmo, porque se quer próxima da poesia antiga. Coloquemos, como que no alto desta poesia que se diz clássica, Racine, com o seu desejo de colocar a rima de modo que ela ali esteja mas pouco perceptível. Racine, aparentemente simples, abstracto, o contrário do realismo ou do obscuro. A poesia romântica baseia-se quase inteiramente na rima, o que a obriga a servir-se de um vocabulário muito mais amplo. Só Boileau faz prever isto na poesia do século dezassete.

— *O último poema das* **Charités d'Alcippe, Intimation,** *data de 1963 e é uma quadra absolutamente perfeita. Já ninguém escreve assim.*

— É, de momento, uma arte perdida.

— *Essa «arte» interessa-lhe mais do que a poesia contemporânea?*

— A poesia contemporânea cansa-me por várias razões. O verso livre, novo em 1880, também se tornou uma rotina. Para mais, a destruição das formas afastou cada vez mais a poesia do plano musical e ao mesmo tempo afastou a multidão que respira pelo ritmo. O que faz com que a poesia actual seja muitas vezes uma prosa um pouco mais obscura e mais dissociada. Há uma grande beleza nas sábias combinações da poesia antiga.

O epíteto clássico

— **Não haverá também combinações muito sábias em André Breton, René Char ou Yves Bonnefoy? Na sua opinião eles não escrevem uma prosa dissimulada?**

— Essas combinações são muito mais de ordem intelectual do que rítmica ou emotiva. É isso que faz a sua real obscuridade para muitos leitores. Experiências de laboratório.

— *Enfim, digamos que a Marguerite Yourcenar gosta de um certo estado clássico da língua. Não terá uma relação singular com o francês? Nos Estados Unidos, onde vive, não deixou ele de ser para si uma língua do quotidiano para se tornar a da criação e da tradução?*

— De modo nenhum. É sempre uma língua do quotidiano porque todos os meus amigos falam francês. Lá em casa ouve-se mais francês do que inglês, excepto quando falo com as pessoas que trabalham para mim. É sem dúvida importante eu nunca ter vivido nos meios parisienses onde se formam calões, línguas de superfícies que depressa passam de moda. Este francês que se quer novo e que é muitas vezes rudimentar empobrece ao mesmo tempo pensamento e língua. Mas deixem-me lutar com todas as minhas forças contra o epíteto clássico. A poesia francesa é raramente clássica, isto se esta palavra de que tanto se abusa tiver um sentido. Ela é barroca, pré-romântica ou pós-romântica. A palavra «clássico» pertence ao vocabulário para estudantes.

— *Sempre se preocupou muito profundamente com a conservação da língua.*

— Não, porque às vezes gosto de atormentar a sintaxe ou tentar neologismos. Mas creio que alguns franceses do nosso tempo se sentem sobretudo ligados à tradição por amor à língua. Há, em França, uma terrível regressão da língua oral e, na língua escrita, uma utilização cada vez maior de uma linguagem pseudocientífica. Ao folhear uma revista que me emprestaram, dei com isto: «*Vamos substituir o conjunto inerte do mobiliário de casa por vectores activos e dinâmicos que modificarão radicalmente a configuração do apartamento?* Falta-nos um Molière. Esta maneira de falar é tão preciosa como da gente à moda, de Molière e dos seus grotescos pedantes.

— *É, no entanto, a si que, provavelmente, atribuirão, se não preciosismo, pelo menos um certo ênfase, tanto mais que tem, para falar francês, um fraseado muito pessoal.*

— Para alguns, a gravidade é ênfase, e as discriminações entre as frases que eles não usam, preciosismo. Sinto que falo francês como sempre o ouvi falar à minha volta, por pessoas que o falavam, ou que o falam muito bem. Em matéria de dicção tenho horror aos que se prendem a uma palavra, aos que migam a poesia como migam a prosa, ou aqueles que, a recitam com solenidade.

A mínima infidelidade

— ***Preserva essa língua ao escrevê-la, mas, traduzir, não será uma operação mais arriscada tanto para a integridade da língua como para si próprio?***

— É o mesmo acto. Traduzimos sempre. Neste momento, no livro que estou a escrever, procuro traduzir as minhas impressões, as minhas lembranças, para uma língua que seja compreendida pelo leitor. Há em mim a tradução de um texto que nunca traduzirei perfeitamente ou por inteiro. É absolutamente o mesmo quando traduzimos autores que escolhemos porque nos são queridos. Que importa que uma bela obra seja de outro ou de nós próprios? O problema está sempre na menor infidelidade possível. E, infiéis, somos sempre uma pouco.

Traduzir também é dar ao autor escolhido editores que ele não tem ou ainda não tem no seu país. Foi o caso de Constantin Cavafy e Hortense Flexner. Quanto aos autores antigos é o desejo de conservar algo de muito belo, o mesmo desejo que nos faz tentar tornar indecifrável uma velha ins-

crição, torná-la de novo legível às gerações vin- pa
douras.

— ***Interrogado sobre os motivos que o levaram a escrever Valéry respondeu que escrevia por «fraqueza». . . Para si, escrever será um esforço e uma luta contra a opacidade em si?***

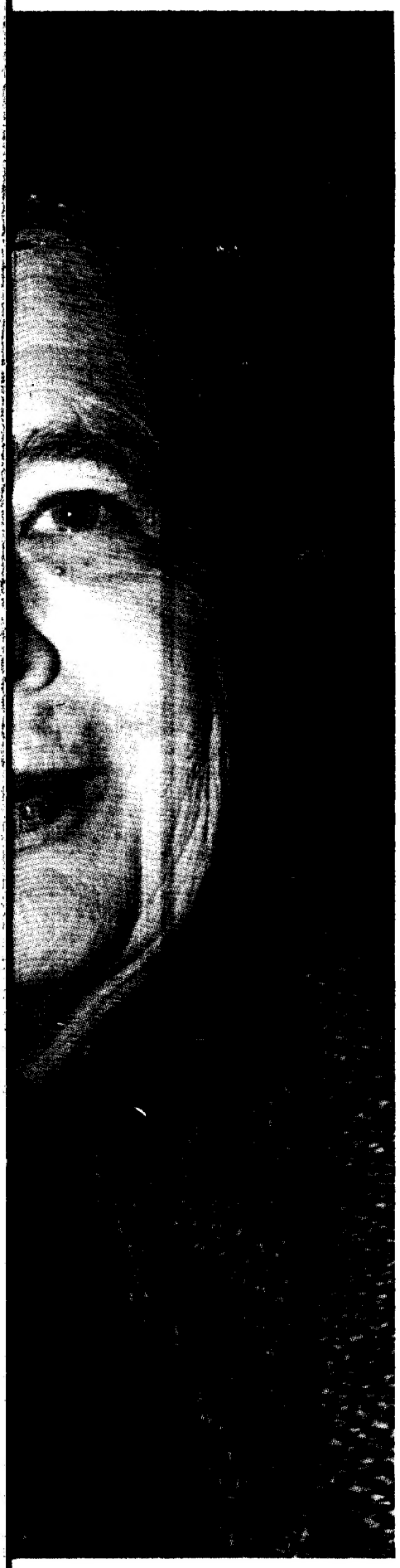
— Valéry fazia paradoxos com uma certa arrogância. Na verdade, escrever é um acto cujas razões não é necessário procurar. Mas é bem certo que escrever é pôr a nu os pensamentos, clarificar um pouco a opinião sobre as coisas. Estou a escrever neste momento uma descrição do Japão e, ao escrever, apercebo-me de que sou forçada a verificar de muito perto as minhas recordações. Trata-se de escolher, entre impressões, a m· justa.

— *Os seus últimos textos publicados são curtos ou poemas. Está a acabar com o ro·*

— Não faço diferença entre romanc· Os textos do *Temps, ce grand sculp·* ensaios poéticos, bastante longos

ência singular

ENTREVISTA CONDUZIDA POR JOSYANE SAVIGNEAU



arte, onde domina a preocupação da exactidão.

— *Mas, enfim, não são romances...*

— Escrever-se-ão romances? Não tenho a impressão de ter escrito nenhum. *Mémoires d'Hadrien* é um discurso, o monólogo de um homem que examina a sua vida. Em *Hadrien* não há diálogo. Não julgo possível escrever conversas que soem justo num livro que trata de uma época que não conhecemos e com da linguagem nada. *L'Oeuvre au noir*, muito polémico, ontem-no, pelo contrário, porque temos bastantes documentos, cartas de negócios, relatórios de es, enfim, que sei eu, para saber como se o francês ou o holandês, na rua, no século

as vezes Mémoires d'Hadrien *e* noir *são dadas para reflexões sobre o*

ctivamente porque todos vão dar à racasso. Adriano vive uma linha ruma numa calma linha hori-

zontal. Quanto a Zenon, ele consegue ser aquilo que quer através da morte: um homem livre. Nada mais. Já é muito.

— *Volta muitas vezes a essa noção de fracasso. Em* le Temps, ce grand sculpteur, *recorda a frase de Adriano:* Há um momento em que a vida é, para todos os homens, uma derrota aceite.»

— A fórmula parece-me justa. Há, de resto, derrotas muito belas. Assim me parece, por exemplo, a morte da senhora Gandhi, morrendo ao saudar o homem que, um momento depois a crivaria de balas. Do ponto de vista da sua obra ainda não sabemos se essa morte trágica será derrota ou vitória. Mas não se deve dar tal importância a esse problema de vitória ou de fracasso. Sinto-me sempre incomodada quando ouço falar de êxito. Há, na vida, momentos mais ou menos belos, mais ou menos felizes, não há êxito.

— *Compartilha do sentimento que um japonês exprimiu no* Temps, ce grand sculpeur: *«Sou indiferente ao frio do Inverno, o que me faz medo são os corações gelados dos homens»?*

— Sim. Medo? Bem, até certo ponto. Isso causa, sobretudo, horror.

— *Disse um dia que havia gente danada. Acredita nisso?*

— É uma metáfora. Não creio na danação sob a sua forma teológica. Mas há muitas pessoas que vivem em pequenos infernos vários.

— *Os japoneses parecem-lhe aliar a paixão da natureza a uma espantosa facilidade de morrer. Acha que isto talvez explique aquilo?*

— O mundo asiático sempre se sentiu muito perto da passagem, do fluxo do universo. A morte é para ele uma passagem. Isto corresponde a uma sociedade na qual o homem não está fechado por inteiro naquilo que nos parece tão importante: o indivíduo, a pessoa. O homem ocidental está muito separado da natureza, sobretudo o homem das cidades, o que se julga inteligente porque se dedicou às profissões da inteligência.

A beira das coisas

— Não estará também muito separado da sua memória, tentado pela amnesia, preocupado em apagar as suas origens, a sua história?

— Sim, e isso é terrível. O homem parece desejar o seu fim. Ele perde-se num turbilhão de acontecimentos ao mesmo tempo horríveis e vãos. Muitos só se interessam pelas notícias do dia, até da hora, desmentidas ou esquecidas no dia seguinte. De momento não se sabe quais as que se vão projectar no futuro. Elas não são mais do que uma pequena parte da fábrica do mundo.

— *Isso parece-lhe ter um elo com essa recusa de envelhecer que existe actualmente, quando as pessoas procuram apagar as suas rugas, a sua história?*

— A recusa de envelhecer é outra maneira de não amar a vida. De resto, essa diferenciação puramente ideológica entre as idades,os sexos, as raças,os estados sociais, não tem sentido. As classificações por grupos são todas falsas. Não há idade fixa. Devo dizer que não sei exactamente que idade tenho. Quando sinto a minha idade sinto antes a fadiga, a doença. Se saio da doença, sinto-me, não direi, muito velha mas muito perto da beira das coisas. O amor à vida, a acertação, por mais atroz que a vida possa ser em muitos casos, consiste numa espécie de deixar correr, de abertura: não nos crisparmos mais perante a ideia da idade do que perante qualquer outra ideia.

Esse medo de ver a própria imagem física alterada é muitas vezes devida a uma ideia muito falsa da beleza que tem martirizado milhares de mulheres. As pessoas um pouco requintadas têm um sentido muito mais amplo da beleza. Um homem inteligente diz: «Esta mulher é muito bela.» Voltamo-nos e vemos que é uma vendedora de jornais na rua, de traços amargos e gastos. É, com efeito, bela.

— Visto que falamos da passagem do tempo, qual é a relação do tempo com o seu trabalho, a sua escrita?

— Diga-se o que se disser, a maioria dos meus livros só foram retocados em pequenos detalhes. É certo que escrevi várias versões antigas de **Hadrien**, que eliminei. Mas, depois da publicação, nunca mais mudei nada, a não ser erros de impressão. Há um livro que refiz **Denier du rêve**, porque de início o considerei mal feito. Há também um livro que escrevi quarenta e dois anos depois da primeira e breve versão que aparecera numa revista, mas que só era um rascunho informe: **Un homme obscur**. Retomar um tema não é a mesma coisa que reescrever. É uma maneira de enriquecer e aprofundar um tema quando entretanto nos fomos enriquecendo a nós próprios.

Tudo o que havia à superfície nos projectos dos meus vinte anos, creio tê-lo escrito: **Mémoires d'Hadrien, l'Oevre au noir**, e também **Comme l'eau qui coule, Souvenirs pieux** e **Archives du Nord**, que imaginei primeiro fundidos num todo. Houve depois projectos que não realizei porque não dominava suficientemente o tema. Quando quis escrever uma **Elisabeth de Hongrie**, dei-me conta de que conhecia muito mal o mundo alemão da Idade Média, e que precisaria de três anos para me preparar para escrever. Renunciei.

— **Está a trabalhar na sequência de** Archives du Nord?

— Estou a escrever um livro que se chama **Le Tour de la prison**. A história de uma volta ao mundo que começou em 1980 e que continua. De momento não estou a escrever a sequência de **Archives du Nord** porque ainda não descobri totalmente a maneira de desatar os principais nós do livro. De resto não se trata de mim, ou muito pouco, neste último volume que se chamará **Quoi l'éternité**. É o fim da vida do meu pai. De princípio eu sou uma criança e falo um pouco da infância em geral. Como em certas passagens dos **Souvenirs pieux** e dos **Archives du Nord**, não sou depois mais do que uma assistente um pouco como «o homem negro» do teatro japonês, que se precipita para trazer cadeiras, tirar um acessório, mas que não representa.

— Se tivesse que definir a sua obra, diria que ela mostra uma história de sensibilidades, tal como há uma história das ideias das mentalidades?

— Nunca procurei tais definições. Peguei num homem inteligente, dotado, que tinha praticamente todas as cartas na mão: Adriano. Lembremos que **Hadrien** foi escrito na época da euforia que se segue às guerras — falo dos anos 40 — quando as pessoas pensam que talvez consigam reconstruir o mundo. Não poderia ter escrito assim dez anos mais tarde. Perdi essa fé. E Zenon, em **l'Oevre au noir** morre em contacto com um mundo impiedoso. Depois, em **Un homme obscur**, que considero o fim da série e como que uma espécie de testamento, o homem deixa-se levar, simplesmente, com o único dom de ver exactamente como é levado, como as coisas vão e se vão. Nathaniel não sabe nada, não aprendeu nada ou quase nada, e o seu génio particular, que ele deve, creio, à sua própria simplicidade, está em nunca se deixar enganar por aquilo que o cerca. Ele é o homem para quem as categorias não existem. Por isso me é tão querido.

— A sua escrita do passado será antes uma reconstrução, uma reconstituição, uma restituição?

— Nada disso. É viver com alguém, Adriano, Zenon, Nathaniel, Alexis... A minha mãe, que morreu quando eu nasci, só se me tornou real quando li algumas cartas suas, procurei algumas fotografias porque queria anotar alguns momentos da sua vida. Antes, não tinha nenhuma razão de saber dela fosse o que fosse, consequentemente nenhum desejo de reconstituição.

— Podia ver-se aí um desejo de racionalismo. No entanto, sente-se fascinada pelas experiências limite, fala de método de delírio.

— Delírio (os japoneses chamam-lhe o **Muga**) que consiste em entrar tão profundamente numa situação que se fica quase assustado. Muitas vezes, por exemplo no teatro japonês, ou simplesmente ao escrever, tive a impressão de que era de tal modo uma personagem que já não conseguia sair dela. Isto ainda me acontece com frequência.

— Há vários anos, as Memórias imaginárias multiplicam-se na literatura francesa. Terá inventado um género literário?

— Desconfio muito. O pouco que li nesse género pareceu-me muito flutuante. Justamente esses autores não tinham vivido a aventura que descreviam. Trata-se de a viver. Não basta pôr vagamente a alguém uma toga ou uma armadura sob a qual a individualidade do autor transparece. Trata-se de ser verdadeiro tanto por dentro como por fora. Cada palavra tem uma data. Se quisermos pôr a falar uma personagem do século dezasseis utilizando palavras de hoje, damos uma nota falsa e introduzimos uma ideia que ele não tinha.

— Já se disse que a Marguerita Yourcenar é uma personagem de fronteiras. Está de acordo?

— Talvez. Já mostrei em **Hadrien** esse gosto pelos «países-fronteiras» a Escócia e a Holanda do seu tempo, o deserto sírio. Também gosto dos países afastados, para procurar o que há de semelhante e diferente nos seres, nos locais mais longínquos possível.

Académica, decerto que não

— A Marguerite Yourcenar foi ao mesmo tempo nómada e insular. Isso foi importante para si?

— Sim. Ambas as coisas e nenhuma delas. Aconteceu por acaso. Amo apaixonadamente as viagens. Também gosto apaixonadamente de olhar para a água corrente, para a mudança das estações. No meu pequeno jardim. Fiquei ali durante vários anos em que não pude deixá-lo. De resto, viajo o mais que posso. Mas, de novo, desconfio enormemente dessas definições. Viajante, sedentário...

— *Não parece gostar de etiquetas. No entanto disse-se da sua obra que ela era «clássica» e até «académica», antes de descobrir em colóquios recentes que ela era antes «problemática»...*

— Académica, decerto que não. Já lhe disse o que pensava da palavra clássico. Problemática, não sei. É preciso que os leitores que se divirtam.

— *Diz de Nathalie Barney que ela vivia numa época em que a noção de prazer ainda era civilizadora. Já não será este o caso?*

— Já não. Essa noção carregou-se — muitas vezes com um comercialismo grosseiro ou um pesado deixar andar. Eliminou-se completamente a volúpia, a doçura de viver, o próprio amor, as noções que completavam o prazer carnal e faziam dele outra coisa que não uma rotina.

— *No prefácio de Alexis, a Marguerite Yourcenar lê «liberdade sensual» e* **«liberdade de expressão»**, *acrescentando: «Na verdade parece que, de geração em geração as tendências e os actos pouco variam. O que pelo contrário, muda é, à volta deles, a extensão da zona de silêncio ou a espessura das camadas de mentira.» Continua a subscrever esta análise.*

— Inteiramente. Enquanto não pudermos definir sentimento explicarmo-nos claramente acerca deles, não somos livres.

— *Agora podemos falar... No entanto, como já o disse um dia, não é por isso que as coisas melhoram. Não haverá esperança?*

— O problema da esperança é individual. Compete a cada indivíduo desembaraçar-se dos erros do seu tempo. No conjunto, as coisas não melhoraram mais nada neste domínio do que no racismo. Pelo contrário.

— *Há um violento regresso ao moralismo. Que pensa disso?*

— Este sobressalto enraivecido do moralismo é muito curioso. Trata-se, no fundo, de hipocrisia? De medo? Estes regressos são inseparáveis. Eles procuram soluções julgadas viáveis antes delas e que, julgam, poderiam servir-lhes. Muito poucas pessoas têm interesse em ser livres, muito poucas sabem o que é ser livre.

— *Finalmente, poderá dizer, tanto da sua vida como da sua obra, que elas são uma pedagogia da liberdade?*

— A palavra pedagogia é-me antipática. Pense que nunca fui à escola. Isto tem uma certa graça num escritor pretensamente académico. Mas é uma procura da liberdade, sim. Citei em **Archives du Nord** esta frase familiar ao meu pai, Michel: *«Estamo-nos nas tintas, não somos de cá, vamo-nos embora amanhã».* Eis a sua forma de liberdade. Mas podemos dizer isso da própria vida. Devemos mesmo dizê-lo se quisermos ficar livres em face da vida.

— *E a Marguerite Yourcenar, sente-se livre?*

— *Temos de procurar sê-lo.*

---

(1) Um filme realizado por Jerry Wilson, que em breve será difundido em Antenne 2. Marguerite Yourcenar lê textos de Hortense Flexner, de quem publicou poemas com uma apresentação crítica (Gallimard, 1969).

(2) Les Charités d'Alcippe, Gallimard.

(3) Ver caixa.

(4) La Couronne et la Lyre acaba de ser publicado, na *Poche*, colecção «*Poésie*», da Gallimard.

(5) As obras de Marguerite Yourcenar são publicadas pela Gallimard.

MUDANÇA NO SOM

O rock já não existe

RUI EDUARDO PAES
FRANCISCO PARAÍSO (Fotos)

Sei Miguel (Moeda Noise)

Fala Mariam (Moeda Noise)

Cristina (Dead Dream Factory)

Pedro (Dead Dream Factory)

Farinha (Ocaso Épico)

Quim (Mler Ife Dada)

Huitzilotpochil (Ezra Pound e a loucura)

André e Luís (Croix-Sainte)

Eles ai estão. Mler Ife Dada, Ocaso Épico, Ezra Pound e A Loucura, Dead Dream Factory, Moeda Noise, Croix-Sainte, seis modos de fazer música hoje em Portugal. Os rótulos têm-se sucedido, sem a concordância destes músicos. É um deles que afirma: «Todo aquele que faz aquilo que é está imune a toda a classificação.» Levámo-los ao restaurante «O Marinheiro» e fomos até Campo de Ourique, e este é o resultado das conversas que mantivemos.

A expressão chega-nos já com um dado adquirido: «Novo rock». Mas novo porque de agora, contemporâneo, vivo, ou porque se faz a ligação com o que lá fora já foi novo e se chamou Joy Division, Bauhaus? Eles são peremptórios — Dead Dream Factory: «Não nos identificamos com nada de específico, detestamos mitos e não nos guiamos por um alguém pois cada um de nós é filósofo de si mesmo e tem a sua identidade. Não existem mestres.» Mler Ife Dada: «Não estamos no caso das bandas que chamam de 'novo rock'. O que nós queremos é ser uma alternativa à música comercial.» Ocaso Épico: «Uma coisa tão compartimentada, em que se calhar até nem há pontos comuns, afinal a única coisa que temos de comum é fazermos música. São diferentes os anseios sociais, diferentes as maneiras de encarar e sentir as coisas, de andar nesta cidade.» Todos desdenham referências musicais, todos se referem ao «novo rock» como o *dos outros*. Mas vão inclusive mais longe — Ezra Pound e A Loucura: «Poderemos considerarmo-nos um grupo rock se considerarmos o rock, por exclusão de partes, tudo aquilo que não é música erudita ou jazz. Nesse aspecto seremos um grupo rock, mas no sentido de haver um ritmo, uma melodia básica e um instrumento para fazer uma relação entre eles, então não somos um grupo rock.» Dead Dream Factory: «Já não existe rock. O rock foi uma expressão musical que já não tem nada a ver com o que se faz hoje.»

Mas também deles se diz serem «vanguarda» — Moeda Noise: «São underground as coisas que têm um objectivo e um campo de trabalho que não podem ser vulgarizados. Mas dizer que os Moeda Noise são underground é um mal-entendido.» Ezra Pound e A Loucura: «Militar numa certa aura pseudo-romântica de viver no buraco, a comer merda, e a dizer que somos marginais e underground e o raio que parta a isso, não. Aquilo que é vanguarda hoje, daqui a dez anos faz parte do poder: os Genesis de Peter Gabriel quando apareceram eram underground, hoje diz-se que eles eram uma palhaçada. É preciso acabar com essa ideia de vanguarda: se eu estou a fazer música tenho de viver da música.» Dead Dream Factory: «Nenhum movimento ligado a uma música se pode dizer que não foi absorvido. Todos esses movimentos, dos hippies aos punks, acabaram por desistir. O punk, p. ex., transformou-se em moda: os próprios alfinetes-de-ama começaram a ser feitos de ouro e até as madames os usavam nas orelhas. Nós não queremos ser absorvidos por sistemas nenhuns.»

Individualismo e diferença

É aqui que entra uma agulha que vai fazer emergir uma característica comum a estes grupos. Ocaso Épico: «Vivemos numa altura em que o desenraizamernto cultural começa a atingir as raias do absurdo, ninguém se identifica com nada ou com ninguém, há um grande desentendimento, uma grande falta de solidariedade. Estamos sempre a apanhar com as coisas em cima, na rua, na comunicação social. Estamos a apanhar com uma opressão que não nos deixa ser nós próprios, não estamos a viver em função de nós próprios e sim de valores que nos foram impostos.» O tema de esmagamento pessoal nas sociedades contemporâneas tem começado a ser utilizado nas expressões artísticas. A consequência é um esforço generalizado de maior individualidade, de diferenciação — Croix-Sainte: «Hoje as pessoas já podem escolher uma diferenciação, uma diferenciação que é uma necessidade biológica. Se os jovens hoje são diferentes entre si é porque há um tempo, há uma época, que permite que sejam diferentes. O aparecimento de bandas como estas é natural, está integrado em algo que se expande e avança.» Por isso que a «moderna música» seja extremamente diversificada; a música dos Moeda Noise nada tem a ver com a dos Mler Ife Dada, p. ex. Moeda Noise: «Só valeria a pena chamar a isto de novo rock se houvesse um movimento de grupos que se aceitassem como diferentes e fizessem o público compreender a sua diferença. Então é que se faria um movimento que seria novo.» Dead Dream Factory: «As pessoas só são irrecuperáveis quando são individualistas no sentido de que se assumem como individualidades destacadas das outras, porque são diferentes, porque têm personalidades destacadas, marcadas.» E mais dizem noutro passo da conversa: «Os grupos daquilo a que se chama de novo rock estão a ficar egocêntricos, fechados sobre si mesmos, criando o seu próprio mundo. Custa muito o contacto com as outras bandas, existe rivalidade e um espírito que não é de entreajuda. Isto faz com que estes grupos se tornem individualistas na sua própria musicalidade e muito diferentes entre si. Hoje é tempo de desencanto e desesperança, a lei é: que cada um se safe. A igualdade é extremamente difícil, este é um mundo-cão — cada um tem que lutar por si.»

Do que nos disseram ficou-nos a impressão de que as formas de individualismo assumidas são reacção à impossibilidade do sonho de fraternidade e uma sublimação — Croix-Sainte: «Se há jovens diferentes é porque um dia vão ser iguais. Para fazer uma igualdade é preciso percepcionar uma diferença.» Ocaso Épico: «O que eu gostava mesmo era que houvessem pessoas que quisessem voar comigo, mas só tenho uma hipótese: é voar sozinho.» Ezra Pound e A Loucura: «O individualismo nã é incompatível com a solidariedade.» Dead Dream Factory: «O modelo anarquista é bom, é uma solução para viver em consciência e em respeito mútuo. O anarquismo acaba por ser também uma opção individualista, mas ele só é possível num pequeno clã.»

Música actuante

Dizem os Croix-Sainte: «Uma banda é uma unidade de acção, seja ela qual for, e é preciso verificar se ela existe exclusivamente para fazer música ou pode ir mais longe.» Ocaso Épico: «Era bom formar um grupo rock em que se pudesse fazer mais coisas do que a música.» — Estes agrupamentos mostraram valorizar bastante o espírito que está por trás da música que tocam, a «ideologia» inerente. «Nós somos críticos. Quem não critica está a aceitar um estatuto de sujeição, de comodismo, que é uma coisa que nós detestamos a cem por cento. Nós sem criticarmos não podemos derrubar estruturas», afirmam os Dead Dream Factory. Do lado dos Ezra Pound e A Loucura vem o reforço: «Queremos substituir este tipo de organização social por outro.»

Muitos destes músicos vestem-se de negro. Há mesmo a alusão de na generalidade serem anarquistas. Todos refutam o rótulo, com excepção dos Dead Dream Factory, que no entanto não deixam de fazer um comentário: «Mas afinal o anarquismo também é um modelo: porque é que nós temos que nos integrar nalguma coisa?» Do Ocaso Épico vem esta opinião: «A anarquia é muito gira, mas as ideologias estão muito gastas e a própria anarquia é uma ideologia: É uma chatice.» Ezra Pound e A Loucura: «O negro é a cor do anarquismo mas também do fascismo. O fascismo tende para a perfeição, o anarquismo também. Isso já não acontece com a democracia, que tende para o dia-a-dia, o que é uma grandessíssima chatice.» Enfim, concluem todos, mesmo os que vestem de preto: o negro é uma moda, que [illegible]larizam [illegible] a ironia («Como [illegible] a Siouxsie, quando determinadas coisas começam a ser muito usadas para as pessoas se identificarem com isto ou aquilo, acabam por deixar de ter interesse. Só tinham [illegible] interesse [illegible] clandestinidade», [illegible] os Dead Dream Factory).

A questão continua de pé. Croix-Sainte: «A arte, a música, é filha deste ácido nucleico: tender para a liberdade. Mesmo os arquitectos e pintores que na [illegible] trabalharam [illegible] a ideologia [illegible] convencidos que estavam a traçar caminhos para a liberdade.» E é de novo rebatido o individualismo: «Uma forma de arte condicionada ao social não é arte» — Moeda Noise. A conversa evoluiu então para o tema da intervenção pelo choque. Mler Ife Dada: «Na nossa sociedade industrial as pessoas estão constantemente a ser chocadas. É por isso que na nossa música, quando estamos no palco, não queremos chocar. Queremos dar prazer ao público.» Para os Ocaso Épico chocar é um pouco função do rock, e tal posição classifica de «renegada». ■

Anexos

1. Rock e Imagem

Ezra Pound e A Loucura: «É preciso formar uma *totalidade* entre som e imagem». A questão circulou na mesa, com a defesa comum da «extensão da música aos métodos audiovisuais» (Mler Ife Dada). «A música não é suficiente: as pessoas que estão do outro lado do palco querem ver, querem algo mais para além da música. É assim que o fenómeno rock obriga que nasça uma imagem associada», dizem os Croix-Sainte, os únicos a depois preocuparem-se com a actual «época de exaustão em relação à imagem». Doutro lado os Dead Dream Factory: «A imagem é superimportante, mas ela sozinha funciona menos que a música sozinha. Uma banda pode unir diversas formas de criação, a música instrumental, o poema, o espectáculo visual: ela é o núcleo disso tudo.»

Estas bandas são essencialmente de palco, não estão preferencialmente direccionadas para o vinil embora essa seja uma finalidade sustentada; estão arreigadas do espírito de concerto, de espectáculo, da importância do seu próprio «visual», de maneira que estas músicas têm de «condensar, deitar a mão, a uma série de recursos que as tornem expressivas» (Croix-Saint). «Eu não me visto e penteio deste modo porque os outros andam assim; é uma questão estética.» (Cristina, vocalista dos Dead Dream Factory).

2. Rock e Noite

O rock acontece à noite, onde residem os espectáculos. «O lado do lazer é a noite», dizem os Mler Ife Dada. Lazer, rock e noite identificam-se. Moeda Noise: «A noite é um lugar onde as pessoas têm uma sensibilidade de especial, onde se pode sentir e perceber certas coisas.» Ocaso Épico: «A noite é a verdade; simboliza uma maneira de chegar à verdade.» Croix-Sainte: «À noite a influência do real é diferente.» Dead Dream Factory: «A noite dá-nos ambiência para conseguirmos transmitir melhor a nossa música. Nós só gostamos de tocar no escuro, a noite fascina, as pessoas esquecem-se das coisas que aconteceram durante o dia paa se divertirem. O dia faz medo, e por isso nós raramente saímos durante o

...izado com a colabo-
...«NANDES. Os
...ao restaur-
...inheiro».

Joseph Morder faz um diário filmado desde há 17 anos

FAÇO o meu jornal filmado desde os dezasseis anos. Há dezassete, portanto. Há pessoas que preferem escrever. Eu filmo o meu quotidiano, por prazer e porque jamais se repetirá. Mas para mim o importante é viver. A câmara não substitui a minha vida. Registo as situações, os pormenores, as frases soltas e faço os comentários que dão o tom às coisas. Estou sempre muito atento. Quero ficar eu próprio. No cinema também — diz Joseph Morder, natural de Trinidad, Antilhas Britânicas e radicado em Paris desde há longo tempo. Nome reconhecido da arte Super-8 (entre Michel Nejdar, Stéphane Marti, Téo Hernandez, Maria Klonaris e outros) Moder esteve em Portugal e abriu o Festival de Cinema Super-8, que decorreu há dias em Lisboa promovido pela Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais, que organizou a Assembleia Geral de 1984 da Federação Internacional de Cinema Super-8, com o apoio de entidades oficiais e particulares.

MARIA EMÍLIA CORREIA

— Porque escolheste o cinema como meio de comunicação ou de expressão?

— Comecei a ver cinema muito cedo, aos 3 ou 4 anos. Tinha uma impressão de realidade muito forte e o que é mais bizarro é que eu estava persuadido de que um filme se fazia numa hora e meia, exactamente o tempo da projecção. Depois apercebi-me de que tudo era uma **mise-em-scène,** que a realidade era recriada por meios artificiais, e que ao fim e ao cabo fazer um filme em Super-8 não era assim tão dispendioso. Isso seduziu-me irremediavelmente.

— A tua actividade básica é o cinema ou tens outra profissão?

— Desde há dois anos que vivo dos meus filmes. É que justamente há dois anos houve um episódio meu que passou no Festival de Berlim. Foram três os filmes franceses seleccionados oficialmente: um da Marguerite Duras, outro de Eric Rommer e um episódio, o sexto, do meu Jornal. Aí pensei: se estou aqui no meio destes dois talvez possa mudar de vida. Este episódio que se chama **Le Lapin de deux têtes** é de facto um dos mais completos e interessantes do meu Jornal: abarca uma história de amor que eu tive num tempo paralelo às eleições de François Mitterrand, um tempo cheio de promessas em que tudo se misturava na minha vida. Filmei quanto pude.

— Quem paga o teu trabalho?

— A maior parte sou eu, não fica muito caro, tenho uma câmara média, nem muito complicada nem muito simples, e adapto os materiais à minha expressão pessoal. Outros filmes são produzidos por organismos oficiais que subsidiam os jovens cineastas, não totalmente, claro. Tenho também duas películas co-realizadas que passaram na televisão francesa e na belga.

— Escreveste algures que «a vida, com as suas fissuras é uma espécie de melodrama». Porquê?

— Fui educado com o cinema americano que era o mais [il]gado no país que habitei [an]os 50, o Equador. O que [m]e agradava eram as gran[d]ias, muito semelhan[te]novelas da época, e [ou]s a horas diferen[te]dias. Escutava-os [a] chegava da es[co]episódios ou mais. Adorava isso. Não havia ainda televisão. Meti-me então a escrever romances que guardava e escondia. Tinha nove ou dez anos. Li-os recentemente e o meu projecto actual é fazer melodramas filmados a partir desses escritos da criança da América do Sul que eu fui. Conto histórias a toda a hora. É a minha vida que eu proponho às pessoas no meu jornal — Super-8. Espero que a tomem como uma ficção. Apercebi-me de que a vida é feita de brechas, de altos e baixos, avanços e retrocessos, o que perfaz uma unidade. Acreditamos sempre que estamos a viver acontecimentos insólitos. Não é bem verdade. Temos é reacções diferentes perante situações desiguais. Cada um de nós. A isso eu chamo o melodrama: é que exageramos tudo.

— Os teus filmes têm laivos românticos, é?

— Aí talvez esteja um pouco da minha origem polaca. Mas sou também muito tropical. Sou uma mistura, uma espécie de judeu dos trópicos. Tenho momentos de profunda melancolia, mas ao mesmo tempo outros de excitação extrema. Fisicamente sou polaco, sentimentalmente dos países quentes. Sou um «eslavo-latino». Isto origina grandes contradições. O catolicismo, por exemplo, fascina-me. Pergunto porquê. Sou como os judeus, gostaria de ficar um pouco pelo mundo inteiro.

— Neste momento, consideras o teu trabalho amador ou profissional? Procuras formas, cuidas da estética...

—Esses termos não me agradam. Estão deformados actualmente. O meu caso, por exemplo: vivo dos filmes que faço mas não posso falar disso em termos de profissão. Ser profissional é talvez outra coisa. Posso dizer que sou um amador que vive do seu amadorismo. O termo **amador** implica a palavra **amor** e eu amo o que faço. Prefiro definir-me assim.

— Trabalhas só ou com uma equipa?

— A maior parte do tempo só porque filmo diariamente. Claro que não posso pagar a uma equipa e, além disso, o Super-8 permite-me um trabalho fácil. Há por vezes pessoas que colaboram comigo, sobretudo quando se trata de filmes ficcionados ou até recentemento no meu jornal. Às vezes resolvo reconstituir o que se passou comigo, chamo actores, enceno as coisas de modo que pareça ocasional. O som síncrono faço-o quase sempre sozinho. Ponho o microfone ao lado da câmara. Tudo nas minhas mãos. Jogo com esses elementos. Também me diverte.

— O que é o Super-8 criativo?

— Para mim, o Super-8 é uma expressão pessoalíssima. Mas corresponde sempre a um estado político da sociedade. Por exemplo: em Maio de 68 formaram-se grupos. Havia colectivos de mulheres, de homossexuais, grupos regionalistas, autonomistas, etc., que faziam filmes espontâneos, selvagens, em bruto, amadores, importantes. Era uma expressão que marcava um tempo determinado, dantes não havia esse hábito. Agora tornou-se um meio de expressão muito individual. A sociedade é observada pelos indivíduos isoladamente. Eu sou uma pessoa como as outras, se o meu **Jornal filmado** lhes interessa é porque nele registo muitas coisas que se identificam ou que as identifica ou talvez signifique que pensam da mesma forma. Estamos numa época. Talvez mais sós. E de resto, mesmo que se trate de ficção ou de animação, ou de um documentário, não se diz: eu vi um filme sobre a pesca da sardinha ou a extracção do petróleo. O que é importante não é a pesca ou a extracção mas o nome do autor. Diz-se: **eu vi um filme de fulano sobre**... Há um olhar próprio, uma pessoa por detrás, o que significa uma determinada percepção do Mundo. É isso que faz filmes fortes ou revolucionários sobre a revolução, o que é de certo modo «demodé» porque geralmente quem os realiza não tem nenhuma ideia sobre o que é cinema. É preciso que haja em simultâneo uma pesquiza de escrita cinematográfica, real e conseguida. O «Couraçado Potempkine» eé não só um filme sobre a revolução mas também um bom filme e ainda o será dentro de 100 anos.

— O crítico Rafael Bassan escreveu sobre ti: «Morder transforma a noção de filme amador na de filme independente». Um comentário.

— Prefiro o termo independente ao de amador. É que mesmo que sejam de encomenda ou pagos por instituições eu faço os filmes que quero e como quero e é isso que me interessa. Não me agradam orientações.

— Que significado pode atribuir-se a um festival de cinema amador ou de Super-8, como o que decorreu em Portugal?

— Quanto a mim, os festivais são extremamente importantes por se tratar de uma ocasião única de ver os filmes dos países em que eles se organizam. Aqui fiquei a conhecer realizadores que desconhecia em absoluto. Por outro lado, encontra-se gente doutros sítios, fazem-se trocas, convidam-se pessoas para outros festivais noutros países e é possível mostrar o nosso trabalho. No meu caso, aproveito para filmar também. É um pouco da minha vida. E há lugares inimagináveis, fascinantes. É claro que a parte mundana é também agradável ou confortável. Mas o mais importante é que se conhece um pouco do que se passa no Mundo. Estabelece-se uma difusão regular dos nossos trabalhos, fazem-se circular, cria-se um público.

Joseph Morder

9 de Outubro
Sequência síncrona.

Eu — Sou eu. Olá, bom dia. Estou a telefonar-te de minha casa. E estou a filmar. O quê? O telefone. Não ouves o ruído da câmara? Claro que tem som. Não sei, diz lá.

Olivier — Então, estamos à tua espera!

13-15 de Outubro

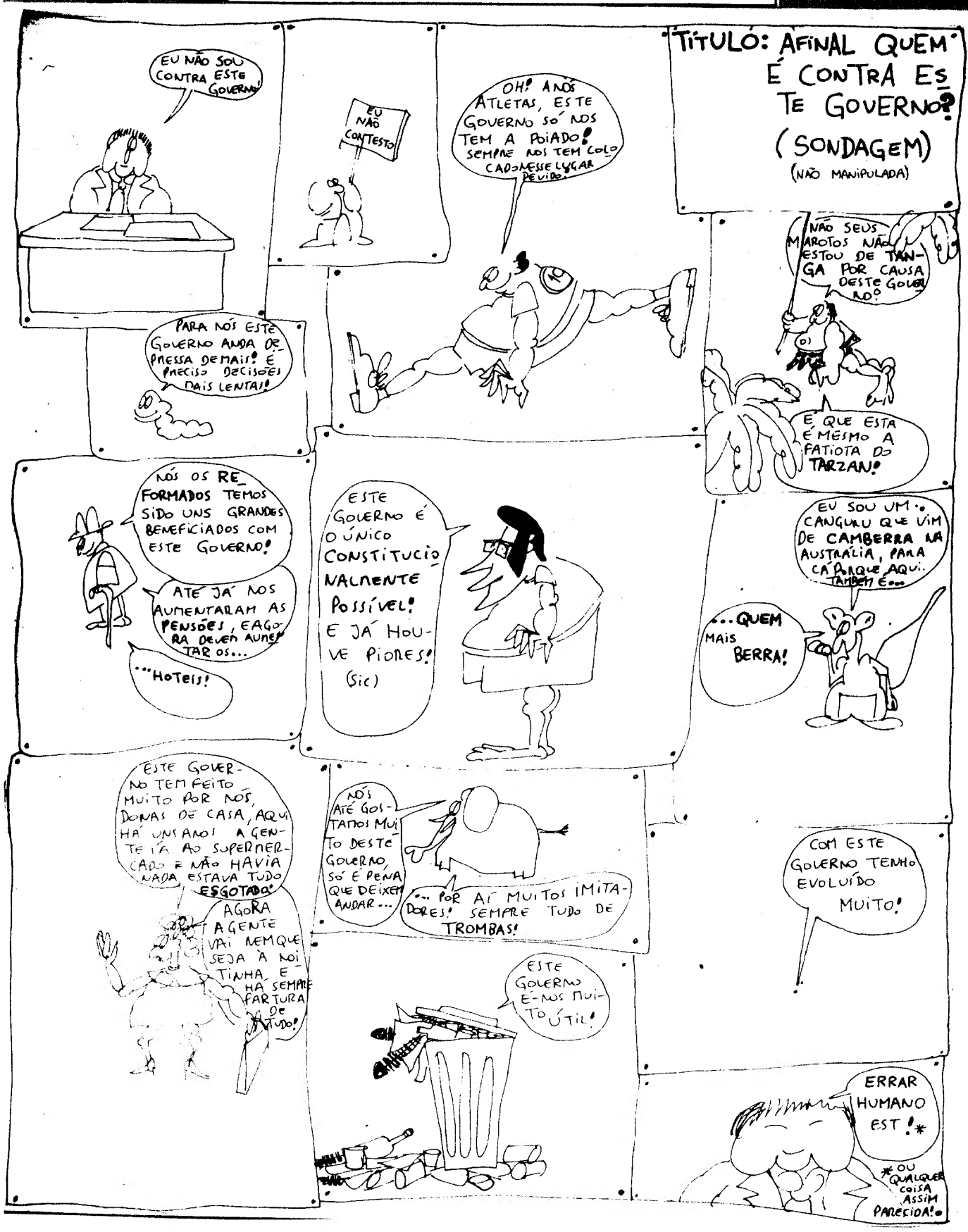
Regresso a casa de Marcel. Desta feita é o Outono. Está um dia radioso. É de certeza o último fim-de-semana com sol. Outubro é o mês do meu aniversário. Aproveito para respirar e continuar a ler. Estamos à espera duma família que há-de chegar: Gaston e as crianças. Tenho uma relação muito especial com as filhas dele.

18 de Outubro

Robi trouxe-nos um presente: um novo membro da família. Uma gata, pequenina, tem um mês, talvez menos. É um presente de amor. Pus-lhe o nome de Ninotchka, o que vai dar prazer a Dominique por causa da sua admiração pela grande Garbo.

«A Mulher de Verde», do diário filmado de J. Morder

doces crónicas



Prolepsia

Continuação da pag. 3

«transformar», nem sequer a que quer «interpretar», é apenas a que quer **dar a ver**. Uma história «turística» por assim dizer. E onde a cronologia se tornou inútil ou excrescencial. Em ambos os casos, **baralhada** (que o digam os professores de História do secundário que lhe têm pago a conta...).

É evidente que a crise das ideologias da modernidade e do futuro é uma grande batalha ideológica multifacetada dirigida contra o marxismo, pesam imenso nesta conjuntura (ou estrutura?). Mas seria interessante averiguar um pouco numa outra direcção: **a da crise das noções clássicas** (da Idade Moderna) **de espaço e de tempo**. Se a descronologização se liga à segmentação da narratividade, à desconfiança ou descrença no futuro, à recuperação historicista das ruínas (documentos e de imagem) do passado numa antevisão catastrófica das ruínas do futuro, liga-se também a uma civilização que, cada vez mais, é da **superfície**, do **ecrã**, do **Instantâneo** e da **não-distância**.

Como escreve Paul Virilio (5) — que é absolutamente necessário ler para toda esta questão — o mundo com dimensões vindo da Renascença está a desaparecer: substitui-o a desinformação, a incomensurabilidade, o parecer em vez do ser. É a crise de «um espaço substancial, homogéneo, herdado da geometria grega arcaica, em favor de um espaço acidental, heterogéneo, onde as partes, as fracções, se tornam de novo essenciais; atomização, desintegração das figuras, das referências visíveis, o que favoriza todas as transmigrações, todas as transfigurações» (6). É a supremacia do instantâneo e da distância-velocidade, a substituição da duração dos suportes pela das persistências retinianas. O desequilíbrio entre o sensível o inteligível (que se traduz também na preferência pela passividade da contemplação em desfavor da actividade de compensação) conduz a uma velocidade e multidirecionalidade das mudanças de concepções (incluindo científicas), de estilo e de gostos que bordejam o ponto de ruptura da racionalidade.

E quanto ao tempo... os espectadores da televisão exigem transmissões em directo: o presente absoluto em vez de passado ou das antevisões do futuro. Um presente feito de imagens movantes (de pontos) que, como tal, carregam para a frente dos olhos os destroços ressuscitados do passado (e preparam os destroços do futuro...).

(NOTA) «Em definitivo, a figura de retórica essencial à pintura académica é a prolepse (que consiste no emprego de um epíteto onde se pinta quer um estado anterior, quer um estado futuro, quer o passado e o futuro conjuntamente)» (Michel Thévoz, «L'Académisme et ses phantasmes», Paris, Minuit 1980, pág. 45)

(1) Cf. «Depois do Nuclear» in Supl. Cultural de «O Diário», 7/84.

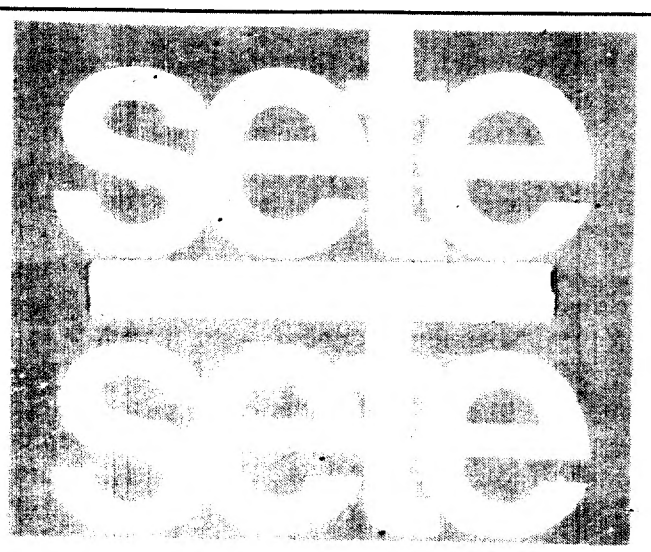
(2) Cf. «Legofilia» in Supl. Cultural de «O Diário», 9/9/84.

(3) Cf. Jean Baudrillard, «La mode ou la féerie du code» e J. Pierrefitte/Jean Chazel, «Rétro (vision) ou l'avant-derniére mode» in TRAVERSES, Fev. de 1976, reed. Out. 1984

(4) Cf. «Indivídeo» in Supl. «Ler/Escrever» do «Diário de Lisboa», 5/7/84.

(5) «L'Espace Critique», Christian Bourgeois, Ed. Paris, 1984.

(6) Op. cit. pág. 28.



Compro 5 livros

«Guerra e Paz», volume I, da Inquérito (800$00); «História Trágico-Marítima», volume II, da Afrodite (600$00); Cadernos-I, de A. Camus, col. Miniatura, L. do Brasil (200$00); «Ganhando o Meu Pão», de Gorki, E. Cor (500$00); «Portugal na Espanha Árabe», Seara Nova (400$00). Telef. 4194864.

Correspondência

I will correspond with every «DL» resder from all over the world, in portuguese, english or italian.

I'm young, and I like to meet new people and to change ideas and friendship. Maria Schneider Vieira, B. Sucesso, Lt., 1, 1.º esq.º Est. Arcena – 2615 Alverca – Portugal.

Divã desdobrável

Vendo divã desdobrável 0,70×1.75 m, com tampa, colchão embastado de palha e outro de espuma; e uma mesa desdobrável, de metal cromado e fórmica 0,70×1,00, com pega. Tudo como novo. Telefone 86 15 22.

Carnaval

Grupo musical «Old Star», disponível Carnaval/85. Contactar Bernardino Anastácio. Rua João Luís de Moura, 38, 2530 Lourinhã. Telefone 42816 (qualquer hora).

«Flash»

«O 'flah' desligou-se do sentido lógico. Mas essa descoberta não pertence a vós, Junkies, mas sim aos que procederam no primeiro acto sexual e atingiram o primeiro clímax». Xinon.

Contabilidade

Técnico de contas, diplomado pelo ISCAL, executa contabilidade, grupos A, B e C. Resposta para Josefa Matias, Rua Carlos Charbel, 15-1.º Dt.º 2735 Cacém.

Aparelhagem

Vendo por 25 000$00, amplificador Type 22 RH 520/OOZ 50/60 Hz 80 W e duas colunas Type 22RH480 40 W, stereo Philips. Contactar Telef. 9247071, 20 horas. Manuel Pinto Forte Júnior B.I. 0960526.

Natal

Peço vestuário e botas para oferecer pelo Natal a rapazinho muito pobre de oito anos. Maria. R. Silva Carvalho n.º 305-3.º 1200 Lisboa. Telefone 68 61 03.

Máquina fotográfica

Zenit TTL, 50 mm 1.8 (c/estojo) impecável. Vendo 15 c. Telef. 9814535 (à noite) ou 875543.

Telescópio

Tasco 14T, refractor, f/15, lente 60 mm, resolução 2,5", aumento até 300×. Zoom 50× à 150×. Montagem equatorial. 1986 é o ano do cometa Halley e de oposição favorável de Marte! 45 contos. Tel. Coimbra 716287.

Auto-rádio stereo

Compro usado marca Radiola. Escrever V. Quinta Ferreira, P. A. Luís Lopes, Torre N – 1.º E.A.S.A.C. 2670 Loures.

Vendem-se

Três caloríferos a gás. Bom estado. Telef. 886221.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Escreva-a, grafe ou redija muito legivelmente o texto, e envie-o para «Mensagens» do Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA